

Lúcio Carril  
Aldenor Ferreira

**E TEMOS DITO!**  
Crônicas e artigos da  
luta e da vida na floresta

Volume 1



**E TEMOS DITO!**  
*Crônicas e artigos da luta  
e da vida na floresta*

*Volume 1*

© Alexa Cultural

**Direção**

Gladys Corcione Amaro Langermans

Nathasha Amaro Langermans

**Editor**

Karel Langermans

**Capa**

Klanger

**Editoração Eletrônica**

Alexa Cultural

**Revisão da Língua Portuguesa**

Marisa De Lucia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C3171 - CARRIL, Lúcio Moraes F383f - FERREIRA, Aldenor da Silva

E temos dito! Crônicas e artigos da luta e da vida na floresta. Lúcio Moraes Carril e Aldenor da Silva Ferreira, Alexa Cultural: São Paulo/SP, 2023.

14x21cm - 156 pgs

ISBN - 978-85-5467-290-4

1. Literatura brasileira - 2. Crônicas - 3. Floresta - 4. Amazônia - Brasil - I- Sumário - II Bibliografia

CDD - 869.4

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira
2. Crônicas
3. Amazônia

Todos os direitos reservados e amparados pela Lei 5.988/73 e Lei 9.610  
É terminantemente proibida a reprodução parcial ou integral do conteúdo desta obra sem a prévia autorização do autor e/ou editora.

---

**Alexa Cultural Ltda**  
Rua Henrique Franchini, 256  
Embú das Artes/SP - CEP: 06844-140  
alex@alexacultural.com.br  
alexacultural@terra.com.br  
www.alexacultural.com.br  
www.alexaloja.com

**Editora da Universidade Federal do Amazonas**  
Avenida Gal. Rodrigo Otávio Jordão Ramos,  
n. 6200 - Coroado I, Manaus/AM  
Campus Universitário Senador Arthur Virgílio  
Filho, Centro de Convivência – Setor Norte  
Fone: (92) 3305-4291 e 3305-4290  
E-mail: ufam.editora@gmail.com

Lúcio Carril  
Aldenor Ferreira

**E TEMOS DITO!**  
**Crônicas e artigos da luta e da vida na**  
**floresta**

VOLUME 1

Apoio:



Realização:

ALEXA

---

Embu das Artes - SP  
2023



Nos últimos quatro anos, o Brasil vivenciou o período mais obscuro de sua história. Em todas as áreas da administração pública federal houve retrocesso, fato que trouxe enormes dificuldades para os(as) brasileiros(as) mais necessitados(as). A primeira fase de nossa tragédia se inicia no dia 1º de janeiro de 2019, com a posse de Jair Bolsonaro, e se estende a 11 de março de 2020 com a chegada da pandemia causada pelo novo coronavírus, que ceifou a vida de milhares de brasileiros. A maior parte das crônicas e artigos que compõem esta edição é desse período. Foram escritos e publicados no calor dos acontecimentos por meio do site BNC/Amazonas. Fizemos questão de publicá-los na íntegra, sem nenhum tipo de atualização ou alteração nos originais que semanalmente foram ao ar no BNC. Adotamos este procedimento por entendermos que se trata de um registro histórico daquele período tenebroso, período esse que, democraticamente, superamos.





## TEXTOS PARA EMBALAR ESPERANÇAS

**T**enho matutado sobre as variadas tragédias políticas que desfilaram diante de nossos olhos nos últimos anos em nosso país. E me veio à cabeça que nós, que rompemos a bolha da pobreza e passamos por uma universidade pública, temos uma quota de culpa por esses acontecimentos. Não sei em que dimensão, mas sei que temos. E a razão, penso eu, está no fato de simplesmente sairmos de uma bolha e nos acomodarmos em outra: a bolha acadêmica, que costuma ser viciante, cheia de tecnicismos e excludente. Não quero com isso desmerecer a academia. Ela é vital, em todos os sentidos, para qualquer sociedade que se pretenda civilizada. Quero apenas dizer da sua dificuldade em traduzir conhecimentos e consciência crítica para a parcela quantitativamente mais representativa e fragilizada da sociedade.

Quando falo em ‘traduzir’, refiro-me mesmo à necessidade da busca por uma linguagem simples, acessível e direta, focada nas mídias sociais contemporâneas, nessas alternativas dinâmicas que podem até ser o que não desejaríamos, mas que são caminhos sem volta, quer queiramos ou não. Falo de uma linguagem em que essa parcela dominante da sociedade possa se enxergar sem necessidade de qualquer esforço. Sei que não é um desafio dos mais fáceis, mas é necessário encará-lo, sob pena de falarmos para nós mesmos e deixarmos o terreno livre para os profetas do absurdo.

Pois eis que, em meio a esta autorreflexão, cai em minhas mãos os originais de “E temos dito! Crônicas e artigos da vida e da luta na floresta”, dos companheiros sociólogos Lúcio Carril e Aldenor Ferreira. Não conto dúvida. Salto do título para a introdução e me encontro, como se tivesse sido coisa programada, com o que dá consolo pleno às minhas aflições:

“Nossa sociologia é a do cotidiano, sem muita preocupação com os modelos, paradigmas e estereótipos”.

Com meu espírito de leitor já alicerçado por este reconhecimento, ultrapasso a introdução e me deparo com outra agradável surpresa: textos que representam um verdadeiro e saudável mergulho nas sombras de acontecimentos históricos e políticos recentes que, trazidos à superfície numa linguagem simples, objetiva e didática, desmascaram silêncios que servem de armadilhas para os incautos e menos atentos.

E isto não é tudo! Em meio à simplicidade, à objetividade e ao cuidado com a organização didática, virtudes que já de pronto respondem às minhas preocupações no início deste meu texto, as reflexões do Lúcio e do Aldenor estão atravessadas pelo lirismo, ingrediente que julgo fundamental para tocar a alma de leitores e, com isso, fazer frente à incansável luta contra as armadilhas da desinformação e das *fake news*, este terrível e perverso mal do nosso século.

É assim que, sem abdicar da factualidade, que dói e maltrata, lá pelas tantas Aldenor e Carril envolvem o leitor em construções de puro lirismo que funcionam como braços abertos, prontos para o gesto carinhoso do acolhimento e da necessária solidariedade para a luta.

Como nos diz Lúcio Carril:

“Povos inteiros foram dizimados e o processo civilizatório caminha triste pelas esquinas ensanguentadas”.

Ou como nos diz Aldenor:

“Vive-se cada vez mais e melhor, mas não se pode afirmar, com segurança e sem ser leviano, que o mundo está melhor”.

Enfim, coloco-me na condição de privilegiado por ter tido a honra de ler em primeira mão estes textos para embalar esperanças dos bravos companheiros Lúcio Carril e Aldenor Ferreira.

*Odenildo Sena*

*Leça da Palmeira, Porto, Portugal, janeiro de 2023.*

## APRESENTAÇÃO

Este livro nasceu a partir da ideia de reunir as dezenas de crônicas e artigos publicados em nossas colunas no site BNC/Amazonas e, também, em nossas redes sociais. O objetivo da versão impressa é levar a outros públicos não especializados, principalmente aqueles que têm pouca familiaridade com a Internet, reflexões sociológicas de fácil compreensão. Os textos são lacônicos, técnica que desenvolvemos com o advento da Internet e das redes sociais, mas sem qualquer prejuízo da mensagem, além de servirem de estímulo aos leitores iniciantes.

Somos amazonenses, filhos da floresta, nossa sociologia é crítica e engajada, como deve ser. Falamos aqui das coisas da vida, com a consciência centrada no dia a dia do nosso povo e nas suas possibilidades de transformação do mundo a partir de suas aldeias, afinal, é da nossa aldeia que vemos o mundo, como sentenciou Tolstói. Nossa sociologia é, portanto, uma sociologia do cotidiano, amiúde chamada microssociologia, sem muita preocupação com os modelos, paradigmas e estereótipos, apenas inspirada na bravura e na luta dos povos amazônicos, dos povos das águas, das várzeas e das florestas.

Somos sociólogos da Amazônia, aprendemos a ver o ser humano com a esperança do verde que brota das florestas úmidas de riquezas inimagináveis, que extrapolam a ideia de riqueza do capitalismo. Não nos atomizamos na angústia autofágica, nosso humanismo tem a consciência da sociologia crítica e a confiança na transformação coletiva e revolucionária da sociedade.

Somos sociólogos comunistas a desafiar o capital e sua sanha destruidora. Deixamos a dialética da natureza para as matas que cercam nossa insignificância. Nossa sociologia não quer saber das escolas de pensamento originárias do açoite do índio e do negro. Preferimos a escola flutuante do Catalão e aquela de madeira do Ramal do Paredão. É lá que nossa sociologia se encontra, respirando o ar de gente que resiste e não os conceitos que enrolam.

Esperamos com esta obra contribuir com o aprimoramento do senso crítico e reflexivo de todos e todas que tiverem acesso aos nossos “ditos e escritos”.

Lúcio Carril  
Aldenor Ferreira

ENTRE A CIVILIZAÇÃO  
E A BARBÁRIE  
*Lúcio Carril*



## ENTRE A CIVILIZAÇÃO E A BARBÁRIE

O mundo não tem sido um bom exemplo de humanidade. Saímos da idade das trevas e construímos uma razão para justificar todas as atrocidades contra a vida e contra a dignidade humana. Assim foram criadas duas grandes guerras e o genocídio se tornou uma ferida na nossa história. Povos inteiros foram dizimados e o processo civilizatório caminha triste pelas esquinas ensanguentadas.

Mas continuamos acreditando na humanidade e aquele humanismo que flertava com o individualismo já cresce numa versão coletiva, que pensa na dignidade do homem e da mulher. Também ousamos duvidar da razão instrumental e da sua capacidade de construção de um mundo melhor e passamos a ter o entendimento que todo conhecimento e sabedoria é imprescindível para edificação de uma nova sociedade, fundada no respeito e na coexistência de suas várias culturas.

É isto que está em jogo no Brasil de hoje. A eleição é um momento desta percepção. Temos que escolher entre seguir construindo nossa civilização, enfrentando nossos fantasmas e os exorcizando, ou chafurdar no lamaçal da barbárie, mergulhando nas piores experiências da história.

É a primeira vez que o povo e a sociedade brasileira são postos diante de escolha tão dramática. Não se trata de uma simples eleição ou troca de presidente, mas de uma decisão fundamental que indicará um futuro para ampliar o processo civilizatório ou aderir às piores experiências da modernidade.

Está em jogo o destino não somente de um modelo de sociedade, mas a construção do homem e da mulher deste país. Nossos filhos é que sofrerão as nossas escolhas. Se a opção for pela barbárie, serão homens e mulheres amedrontados por todo tipo de violência, receosos da crítica e da reflexão, reféns do medo e da ignorância coletiva.

Não temos que seguir esta trilha difícil. Precisamos continuar desafiando nossos limites humanos para melhorar nossa humanidade e construir um mundo melhor para todos.

## **ESTAMOS ENTRANDO NUM DILEMA CIVILIZATÓRIO**

Querer a injustiça para um inimigo, adversário, desafeto ou simplesmente a um indivíduo que você não gosta chama-se vingança, um sentimento mesquinho cujo resultado dilacera a alma, por mais que não se assuma isso.

A união da injustiça, enquanto ação concreta, com o sentimento de vingança tem um efeito devastador. Não só torna o ser um antropófago como traz fratura na sociedade. Ou seja, uma ação deletéria com uma vida sem alma, sem bons sentimentos e enraizada na tristeza produzem resultados indelévels na formação de um povo, se alcançar um número expressivo de indivíduos ou grupos sociais.

O que o apequenado Sérgio Moro e seus capachos do Ministério Público de Curitiba estão produzindo é uma violência contra os bons valores que devem construir um povo. É um atentado contra a justiça e contra o Estado.

Não menos grave é a insistência de uma turba de irresponsáveis e traumatizados que festejam a injustiça e se regozijam com o sentimento de vingança.

Este movimento que reúne uma casta togada, afiançada por grupos políticos de direita, e uma horda de péssimos cidadãos e cidadãs que defendem a destruição do Estado Democrático de Direito pode levar o Brasil a uma situação tão caótica que a reversão dos estragos demorará décadas para se concretizar.

Estamos entrando num dilema civilizatório e não mais numa simples disputa de poder.



## O AUTORITARISMO É UMA AMEAÇA AO PROCESSO CIVILIZATÓRIO

As novas tecnologias da informação e, em particular, as mídias sociais revelaram um Brasil escondido nas casas, nas ruas e no cinismo das pessoas: um Brasil do preconceito, da violência sexual e do racismo. É este Brasil que fez emergir uma candidatura de extrema direita e dela se fez orgulhosa, levando uma horda de trogloditas aos governos Federal e Estadual.

Mas nosso país não é só isto. Não é a plena expressão do mal. Tem outro lado, também. No entanto, o que me preocupa é o lado sombrio.

O Brasil sempre esteve dividido em muitas partes, mas tem parte que é um todo em si, tipo aquilo que Marcel Mauss chamava de Fato Social Total.

Esta parte que defende os sentimentos das trevas compõe um todo que sempre existiu no nosso meio e que alguns autores insistiram em camuflar, talvez à procura de um Brasil coeso, como se isto fosse possível. Nunca existiu democracia racial, por exemplo, mas existiu uma tentativa de passar a ideia de um país quase perfeito, onde o antagonismo de classe era secundário e não determinante dos conflitos existentes.

A democracia burguesa é isto e somos levados a pensar assim. Mas é neste campo que travamos a disputa e não podemos esconder a realidade. Queremos um Brasil unido como nação, mas essa unidade se dará na diversidade e não na supressão dela. É preciso reconhecer as partes que existem, sem tornar uma parte aniquiladora das demais.

É preciso que a sociedade se manifeste, impedindo que a parte mais tacanha da direita tome conta do país e imponha um fratricídio. É necessária uma tomada de posição em nome da democracia e da sobrevivência do Brasil como nação e berço da pluralidade.

O que houve na semana passada na Bienal do Livro é inconcebível e uma grave ameaça ao processo civilizatório. A censura é a arma implacável do autoritarismo e seu alcance não

tem medida. Hoje ataca os livros, mas logo em seguida serão alvos os seus criadores. E de forma galopante atingirá toda manifestação artística e cultural.

O problema mais grave nessa manifestação e nas ações autoritárias e fascistas é, justamente, a parte que serve de base de apoio, incrustada no tecido social. Se as outras partes que condenam a supressão das liberdades políticas, do livre pensamento e da livre criação não forem para o embate, este país voltará a ser área execrável da política mundial. Já estamos a caminho dessa realidade. É preciso dar um basta.

## **1964 INAUGUROU UM DRAMA DE SANGUE E DE INCOMPETÊNCIA NO BRASIL E ISTO NÃO SE COMEMORA**

Bolsonaro quer comemorar a tortura e a desgraça brasileira promovida pelo golpe militar de 1964. Vejamos.

Em 1984, a inflação era de 223%. A dívida externa saltou de 3,6 bilhões em 1964 para 93 bilhões em 1984. O analfabetismo entre pessoas de 10 a 14 anos era de 19% em 1983.

A educação e a cultura eram engessadas pela famigerada Lei de Segurança Nacional, levando o ensino a um processo cruel de distanciamento da realidade e as escolas ao sucateamento.

A corrupção aumentou e escândalos como da Coroa/Brastel e da Transamazônica se tornaram conhecidos da população, mesmo com a imprensa censurada.

Não menos escandalosos foram os atentados no Riocentro e na sede da OAB, matando dona Lídia, servidora da Ordem e os militares terroristas.

Em resumo: só uma mente perversa, que odeia o Brasil e a democracia, é capaz de mandar comemorar um período tão dramático para o Brasil.

Aproveito para dizer que nada justifica o apoio ou a defesa da ditadura militar. Nem mesmo os ignorantes de plantão têm este direito. Negar a tortura e os crimes militares é tão nefasto quanto os atos em si. Ignorância não pode ser sinônimo de perversidade.

## **A DOCTRINA DE COMANDO E CONTROLE E OS VENDILHÕES DA PÁTRIA**

Tudo começou com os portugueses. De lá pra cá muitas águas rolaram e hoje se chama Comando e Controle.

A invasão da Amazônia por Portugal se consolidou com a instalação de bases militares na região: Forte de São José da Barra do Rio Negro (Amazonas); Forte do Presépio (Pará); Forte Príncipe da Beira (Rondônia); Forte de São Joaquim do Rio Branco (Roraima). A ideia era manter o controle através da ocupação, evitando a presença ameaçadora dos espanhóis, e garantir o saque das suas riquezas vegetais e minerais. E assim foi feito.

Passamos pelos ciclos das Drogas do Sertão e do extrativismo, resistindo ao processo de industrialização de outras regiões, já que isso era de interesse do capital internacional. Em 1955, no Primeiro Plano Quinquenal, durante o governo de Juscelino Kubitschek, se intensifica o projeto de converter o extrativismo numa economia agrícola, com uma produção que atendesse às necessidades de consumo interno e à demanda de matérias-primas das indústrias.

Em 1970, durante o governo do ditador Emílio Garrastazu Médici, a Amazônia volta a ser foco nos Planos Nacionais de Desenvolvimento (PNDs), com a defesa da sua ocupação para ingresso do Brasil no bloco dos países ricos.

Sim. Essa história de entrar para o clube dos países desenvolvidos e ricos não é macaquice de Bolsonaro. Seus genitores militares já tinham esse desvario.

Concomitante à política de controle e desenvolvimento da região amazônica houve a entrada do grande capital e ações de infraestrutura na região: Usina Hidrelétrica de Tucuruí, Mineração Rio Norte, Albras e Alunorte, Projeto de Ferro Carajás, Transamazônica. Isto só no Pará.

Ou seja, a Doutrina de Comando e Controle é uma velha conhecida da Amazônia. Seu rastro de insucesso e destruição

está aí na poluição dos rios pela Alunorte e pelo aumento da garimpagem, que em 1960 era de 10 mil homens no Pará e em 1990 já alcançava 400 mil em toda a região.

A criação do Conselho da Amazônia pelo governo Bolsonaro, sob a coordenação do seu vice, general Mourão, é uma velha política de entrega das riquezas da região ao grande capital. Comando e Controle, na Amazônia, só serviu à pilhagem. Primeiro pelo Reino de Portugal e hoje ao Tio Sam, venerável dos entreguistas da quinta coluna.

## UM DIA CINZA COM O ASFALTO SUJO DE SANGUE

O dia não estava pra chuva nem para trovoadas, mas tudo se fez cinza. O amanhecer não teve aurora, porque aurora tem poesia. Não ouve brilho, só escuridão. Até as pedras se incomodaram com aquele dia nefasto.

Não era um dia comum. Noutros dias, não havia coturno nem tanques; o dia também não era cinza.

Homens carrancudos tomaram conta das ruas e pintaram o asfalto de vermelho com o sangue dos homens de bem. Nada era normal. Só um rastro de sangue era deixado pelo corpo arrastado.

Nunca vou esquecer o dia 31 de março de 1964. Foi um dia cinza com rastro de sangue dos meus irmãos e irmãs.

Muito sangue jorrou dos porões fétidos da tortura. A humilhação virou arma e nem mesmo o homem sem cor se salvou. Qualquer um era culpado, sujeito aos maus-tratos dos vegetais fardados. O dia ficou cinza, cheio de tristeza e com cheiro de morte.

Era um golpe duro contra a vida. Ninguém queria viver num país cinza, com o vermelho escorrendo apenas do corpo de quem pensava em democracia. Todos os dias viraram dias de tristeza e sofrimento. A vida ficou pior com milicos dando ordens e fazendo safadezas.

Foram tempos duros, com gente de bem sendo presa, torturada e morta para não deixar o sol raiar.

Dias difíceis. E ainda sentimos o cheiro da podridão.

## O NOVO E O VELHO NA POLÍTICA

É muito comum em ano eleitoral aparecer candidato se autoproclamando o novo. Geralmente, é mais um enganador sem proposta, levantando bandeiras retrógradas, reacionárias, antigas na intenção de ludibriar o povo.

Não. Renovação política não é votar em candidato jovem ou em alguém que é candidato pela primeira vez, tampouco eleger político que diz ser a renovação quando, na verdade, é a reencarnação do velho.

Não pode um indivíduo se intitular o novo na política quando suas ligações políticas se vinculam a outros indivíduos, grupos ou classe que perpetraram as formas antigas de dominação e enganação do povo. Isto não é renovação. É só mais um meio de dar continuidade ao domínio daquele grupo.

Vejamos aqui no Amazonas.

Onde haveria renovação na política em candidato novo ligado a velhos políticos e à velha prática populista da embrogação e da corrupção? Não estaria esse candidato procurando uma escola do mal, para aprender todas as bandalheiras condenáveis na boa política? Há intenção de renovar alguma coisa que não seja colocar novos agentes para exercer velhas práticas?

É isto. Não existe renovação quando o objetivo é perpetuar velhas práticas. E como dizia minha mãe, me diga com quem tu andas que te direi quem tu és.

Na política, assim como em toda ação humana, há o caminho do bem e o do mal. Você escolhe o rumo que quer seguir. Se a escolha for pela trilha esburacada da mentira, do roubo, da enganação você não pode se autodeclarar o novo ou um arauto da renovação na política. Você é só mais um meio para manter o predomínio de velhas práticas, seja votando ou sendo candidato.

Mas se você quer votar numa outra política, cuja orientação é a honestidade, a ética e a defesa dos interesses dos trabalhadores e de todo povo, existe candidato que representa estes valores. E é este candidato que representa o novo e a renovação na política, seja ele um jovem ou não. Tem gente boa na polí-

tica, assim como tem gente boa em todos os campos e lugares.

O caminho de uma política em favor de quem mais precisa é você, eleitor e eleitora, que tem o poder de decidir. Veja a história, as propostas e com quem estes candidatos se acompanham e faça a escolha certa. Não se deixe enganar por lobo em pele de cordeiro.



## TEU VOTO DIZ QUEM TU ÉS

A campanha eleitoral vai começar amanhã. Uma enxurrada de candidatos estará nas ruas. Alguns já conhecidos; outros, não. Conhecido mesmo é o eleitor. Tem de todo tipo, mas um se destaca por sua ignorância ou cinismo.

Quando alguém vem com a conversa fiada de que político não presta, já sei que vota em ladrão. Este é um tipo muito comum, mas de pouca cidadania e nenhuma consciência política. Adora desvalorizar a política, dizendo que vai votar em político novo como forma de negar tudo que está aí.

É bom lembrar que novo político não é adjetivo de nova política. 90% dos candidatos de primeira viagem defendem tudo que faz da política uma prática fisiológica, corrupta, oportunista; e existe candidato que tem ou já teve mandato e merece o respeito e o voto do eleitor ou eleitora.

É bom que se diga que o novo na política sempre será o interesse público e o bem-comum e o velho é a repetição daquilo que condenamos e nos enoja (pelo menos a mim e aos meus).

Então, antes de vir com o blábláblá de gente sem vergonha, pense que seu voto no político ladrão e enganador te faz cúmplice da safadeza dele.

Tem político bom, como tem gente boa em qualquer lugar, e se você não vota nele é porque você não presta e pode se declarar um cidadão ou cidadã sem serventia para o mundo.

Procure saber de onde veio o candidato, qual sua história e suas propostas para atender a coletividade. Voto não se vende nem se negocia. Ele é um exercício de soberania política e cidadania. Seja um bom cidadão e uma boa cidadã.

## **A MORTE FELIZ DO ANALFABETO POLÍTICO**

Ter consciência das coisas do mundo nos faz sofrer. Ao olhar determinada realidade identificamos logo os sujeitos e as causas do problema, passando a questionar em seguida os meios que poderiam levar à superação daquela situação; uma chatice que persegue quem aprendeu a analisar o que vê.

Feliz mesmo é o alienado, que sorri diante da sua desgraça, achando que é obra divina ou resultado da sua incapacidade de fazer. Brecht chamava estes seres metafísicos de “analfabetos políticos”, justamente aqueles que não sabem que o preço do pão e da carne é obra humana e não resultado de uma lei atemporal. E ao não saber das coisas do mundo o alienado aceita tudo com resignação e não sofre além daquilo que não satisfaz suas necessidades materiais de vida.

Tenho refletido se é verdade que o alienado quer manter seu estado de letargia mental para não sofrer e, assim, seguir sua vida feliz como é. Talvez seja uma autodefesa seu distanciamento da consciência crítica. Penso assim em razão da insistência de muitos destes seres estranhos em não aceitar informação ou uma explicação da realidade. Nem falo de uma reflexão dialética, mas somente de um raciocínio simples das relações políticas e sociais.

Basta você começar a explicar as causas de um problema que o incauto pula, foge ou simplesmente ignora. Ele não quer saber das coisas do mundo.

Fico eu aqui no meu sofrimento e na minha chatice reflexiva, enquanto outros seres acenam e sorriem para o fim da sua aposentadoria e dos seus direitos trabalhistas.

## **A PESTE VAI PASSAR, MAS O QUE ME PREOCUPA SÃO SEUS SEGUIDORES**

Bolsonaro é um genocida e não espero nada de bom de quem o segue. É gente sem espírito, sem alma e sem vergonha. Já disse aqui que Bolsonaro não é minha principal preocupação. Ele vai passar, assim como passa um mau cheiro ou uma diarreia. O problema é o que fazer de um país que tem milhões de psicopatas, de gente sem alma e sem espírito. O que fazer desta gente que apoia estuprador, que agride, que mata.

Bolsonaro vai passar, assim como passa um vírus destruidor. Sim, deixará um rastro de mortes e destruição, ficando para a história como uma peste. Só me preocupo com quem está na minha vizinhança, no boteco onde bebo, no local onde trabalho, na escola onde estudo. Estes não passarão. Tornar-se-ão uma patologia social a consumir o que resta de bom na humanidade. Serão como uma ferida aberta no meio da sociedade, prontos para causar dor e sofrimento.

Bolsonaro vai passar, assim como passa uma leishmaniose, deixando cicatrizes na carne. Mas o que me incomoda é a horda que o apoia e que se encarregará do seu legado. São muitos, muitos malfeitores. E não me venham os bons samaritanos com a hipocrisia da salvação destas almas penadas; conheço esta cepa e afirmo: não têm jeito. É gente criada no lombo dos helmintos.

O que fazer?

Sempre há o que fazer: será no combate inflexível a este cancro e no sentimento de esperança e amor que construiremos um novo amanhã. Ainda acredito que a maioria do povo é gente de bem, que cultiva a bondade e o desejo de felicidade e justiça. É deste sentimento que vamos resgatar nossa dignidade como nação, para termos a certeza de dias melhores.



ASSIM CAMINHA A  
HUMANIDADE



## ASSIM CAMINHA A HUMANIDADE

No canto escuro da casa um homem chora, uma mulher chora. Um lamento se projeta para além da porta de saída; só o lamento. Já não é possível sair. Lá fora há um inimigo à espreita, invisível, ávido por uma célula para se hospedar.

O mundo do homem e da mulher já não é azul e o cinza dá o tom fúnebre do seu enclausuramento. Quisera o homem e a mulher olharem seu mundo como se olha aquela sala cinza. O mundo que agoniza não é visto, apenas sofre com a insurgência destruidora do vírus homem, do vírus mulher.

O planeta azul está ficando cinza, como o canto escuro onde se passa o medo do que há lá fora. O inimigo é visível, está aí e não chora nem lamenta; só destrói, assim como o vírus que sufoca a respiração.

A poluição, o monóxido de carbono, os gases letais corroem pulmões todos os dias, numa ação virulenta dos que se hospedam no planeta que vira cinza.

O inimigo está na sala escura, acuado pelo medo da morte que o espreita, como se a morte não o espreitasse todos os dias. Um vírus com medo do vírus. Um singelo sorriso sai no canto da minha boca. Lanço meu clamor por quem chora e meu lamento por quem sofre: um homem, uma mulher, um planeta. A agonia vive lá fora.

Na parte externa do meu mundo a destruição toma conta dos meus dias. Um cheiro de enxofre é sentido, mas não é o inferno, é apenas a chaminé da fábrica onde homens e mulheres viram fumaça. O ar é quente e o fogo consome a floresta para o gado pastar e a soja ser plantada.

Homens e mulheres viram capital e o planeta continua a morrer sufocado pela ignorância de muitos e pela ganância de poucos. Um vírus está a nos matar.

No Morumbi, uma champanhe Dom Pérignon é tomada em taças de fino cristal. Em São Conrado, um vinho Romanée-Conti é consumido com caviar do Irã.

Na ponta negra, cédulas do dinheiro público ornamentam as varandas gourmets. Nas favelas, morros e bairros operá-

rios a vida segue com o vírus da fome e da desigualdade a consumir homens e mulheres. Do lado de fora, destruindo vidas e o planeta, nota-se a indiferença dos que se regozijam com a miséria social.

Em poucos meses tudo voltará ao normal e o mundo continuará convivendo com a devastação da floresta amazônica, com a poluição dos rios, com 700 milhões de famintos, com crianças morrendo de desnutrição, com idosos jogados nas ruas, com o roubo dos pastores evangélicos, com a hipocrisia de cristãos sem Cristo.

O mundo não mudará. O mundo que está aí continuará cinza. Não há esperança para o desencanto. Não há vida na exploração do homem pelo homem. O capitalismo destruidor continuará matando, destruindo, e homens e mulheres, mergulhados nas suas próprias maldades, persistirão no seu caminho rumo ao abismo.



## A RAZÃO DA PRIMAVERA

É verdade: sou um romântico. E não pretendo renunciar a isto que considero uma qualidade humana.

Escrevo em resposta àqueles que pensam estar desqualificando meu discurso me chamando de romântico.

O fazem tendo como medida a velha ideia do domínio absoluto da razão, esta senhora dizimadora de sonhos e da beleza humana.

Cresci ouvindo esta conversa de que devemos nos instrumentalizar da racionalidade para acertar as coisas; que está na razão o recurso da verdade e o aproveitamento da experiência. E que tudo que fugir ao raciocínio lógico é temerário e de consequência duvidosa.

Aí fui crescendo e procurando dialogar com as várias razões que nos cercam. Na ciência, desfiz minhas crenças religiosas. Na filosofia, vi a força do éthos. Na religião, descobri a positividade dos dogmas. E mesmo no senso comum extraí algum tipo de razão instrumental.

Quando achei que tinha descoberto uma forma de entender e mudar o mundo, descobri que todas as razões, e até mesmo a mais soberba delas, foram e são as responsáveis pela construção do mundo que nós temos, desamparado de ternura e de romantismo.

A razão não somente profanou mentes e convicções, como destruiu possibilidades de diálogo com valores humanos imprescindíveis para edificação de uma humanidade desenvolvida e plena.

Foi com a razão que se fizeram duas guerras mundiais e no seu berço se viu a escravidão resistir. Foi na razão que a bomba atômica caiu sobre Hiroshima e Nagasaki. Foi em nome da razão que a opressão do capital prosperou, arrancando a carne de idosos e crianças.

Não. Não é essa a razão que um dia iluminou pensadores e chegou a nutrir a esperança de um mundo mais fraterno.

Sigo romântico, sim, com muito orgulho e vontade de mudança, mas não me venha dizer que a razão que você defen-

de nos fez melhor ou socializou bens e qualidade de vida.

Se houver uma razão de vida e esperança, que ela seja a da primavera.

## REFLEXÕES SOBRE A COVARDIA

Covardia não é sinônimo de medo. Medo pode ser um gesto de escrúpulo ou de cuidado. É preciso ter medo para ter equilíbrio na ação, como também é preciso ter coragem para fazer a ação. Ou seja, medo e coragem são elementos que se completam no fazer humano. E a covardia? Trata-se da ação abjeta, repleta de indignidade, sem escrúpulo e sem coragem para enfrentar o mundo das coisas da forma que o criamos. O covarde é indigno, sem ética, cheio de contornos traiçoeiros.

Hitler foi corajoso ao enfrentar o mundo com seu projeto de dominação? Não. Ele foi covarde ao perseguir judeus, gays, comunistas, deficientes físicos, negros. Não há dignidade no racismo e no preconceito; há covardia.

Um político que segue o mesmo caminho do covarde Hitler, manifestando seu ódio contra negros, gays, imigrantes, nordestinos, é digno? Há coragem ou medo num discurso deste? Claro que não. Há covardia. Um ser humano que despreza outro ser humano é covarde e quem é adepto desta ação é também um covarde.

A coragem da existência está em reconhecer a sua própria existência como interação de um mundo plural, que vive à procura da sua humanidade.

A covardia é a negação do humano e das possibilidades de criação e recriação do ser humano.

## A CONCRETUDE DA DIGNIDADE

A dignidade é concreta. Ela envolveu o espírito a partir da cultura. Pode ter nascido de um exemplo do pai, da mãe, do irmão. Também pode ter sua origem no amigo, no indivíduo admirado, na mulher amada. Ela não é natural nem moral; surgiu das relações humanas e está imbricada em todos os valores construídos. É maior do que todos os outros, pois não existe amor, honra, lealdade, raiva, vingança sem dignidade. Ela impõe limites e resguarda a autoestima.

Não ter dignidade também é cultural. Toda manifestação infame é também indigna; todo sentimento pequeno se fez da indignidade.

Ser digno é ter na alma o perfume suave de uma flor de cerejeira; é ser terno como um soneto de amor de Neruda; é ser forte como um aroma de jasmim.

A dignidade está em cada gesto, em cada olhar do mundo e tem a força transformadora. É preciso ser digno para mudar. Os indignos costumam morrer rastejando na lama à procura da água límpida que nunca beberão.

É preciso ser digno para construir o amor e a felicidade. É preciso ser digno para amar o outro e o outro também tem que buscar a dignidade para amá-lo.

Somente o ser digno se indigna com a miséria e com a injustiça. Os indignos a constroem.

É com dignidade que sigo minha vida.

## A DIALÉTICA DA VIDA E SEU PODER TRANSFORMADOR

Vivemos num mundo de imposições. A forma de construção social é hierarquizada, presa em células, com valores formados a partir de condutas historicamente moldadas.

É preciso romper com isto todos os dias. É necessário enfrentar os limites impostos e construir outras formas mais abertas de convivência coletiva, que possibilitem o desenvolvimento humano e não seu aprisionamento.

Do jeito que as sociedades foram moldadas não há espaço para a liberdade. E falo de liberdade como possibilidade do pleno desenvolvimento da humanidade e não no canto de sereia do liberalismo.

Se a sociedade é um fato social durkheimiano, não somos obrigados a concordar com seu domínio absoluto. Precisamos romper as barreiras e fazer da dialética uma consciência de avanço do homem, da mulher e de suas humanidades.

É preciso construir uma nova sociedade todos os dias, enfrentando nossos limites impostos e desafiando as formas coletivas dominantes, opressoras e responsáveis por nossa infelicidade.

Fazer revolução não é só mudar as estruturas sociais. É, também, mudar nossas formas de ser e agir. É dialogar com a tolerância e reconhecer a existência do outro. Isto pode ser feito cotidianamente.

Nosso discurso não pode ser para enganar. Temos que fazer dele uma práxis transformadora. Isto só é possível se enfrentarmos os monstros que vivem a impor nossas práticas, nossas ações reprodutoras dos valores impostos. “Faça o que eu digo e não faça o que eu faço” não é revolucionário, é simplesmente desonesto, cínico e enganador. É preciso imprimir a dialética nas nossas vidas para iniciar a construção de um outro mundo.

Podemos começar a edificar uma nova sociedade e um novo mundo se nossas ações forem de rompimento diário com a opressão do homem pelo homem e, principalmente, da mulher pelo homem.

Precisamos repensar nosso dia a dia e tratar com respeito nossas crianças, nossos idosos, nossos companheiros e companheiras, nosso meio ambiente, nossos animais, nossas plantas. Precisamos urgentemente inaugurar ou fortalecer em nossas vidas o amor, a tolerância, a gratidão e o desejo de um mundo melhor.

## QUEM É CONTRA O POLITICAMENTE CORRETO?

Vejo com perplexidade a desfaçatez de muita gente alfabetizada em atribuir ao “politicamente correto” uma forma autoritária de imposição do discurso e da prática. Mas não perdura meu estranhamento quando reconheço o que se esconde por trás do debate.

Podemos dizer que “politicamente correto” é toda conduta que busca estabelecer uma relação de respeito entre os indivíduos numa sociedade, reconhecendo suas diferenças e primando pelo pleno desenvolvimento das suas humanidades.

Neste sentido, não só o termo como a prática incomoda quem se põe na contramão do preconceito, do racismo, da misoginia e de toda conduta desumana. O “politicamente correto” é combatido em defesa daquilo que é social e humanamente reprovável, seja por uma prática preconceituosa ou por um discurso que reproduz esta prática.

É possível, também, abstrair do termo e de suas conexões de ação que a política está posta de acordo com a máxima aristotélica de que todo indivíduo é um animal político. Aqui o político é uma prática social e não exclusivamente do Estado, como séculos depois definiu Maquiavel. Não se indica o “politicamente correto” para a conduta voltada para o poder, seu exercício e conquista, mas para as condutas socialmente reconhecidas.

É óbvio que rechaço os absurdos e o equívoco em cunhar como “politicamente correto” aquilo que não tem importância coletiva, como também rechaço o interesse em tornar o termo objeto de ironia descabida.

É melhor criar boas práticas de respeito e tolerância do que reproduzir aquilo que fez este mundo um habitat de apequenamento do ser humano.

## **A LEGÍTIMA DEFESA DA HONRA E O DIREITO DE MATAR**

Não. Não sou o que vulgarmente se chama de operador do direito; sou um sociólogo empenhado em defender a vida, o desenvolvimento humano e a justiça social.

Semana passada, a primeira turma do Supremo Tribunal Federal (STF) confirmou uma decisão do júri popular que absolveu um réu que tentou matar sua ex-mulher a facadas. A absolvição foi baseada no reconhecimento da honra como bem jurídico. Ou seja, resgatou-se a esdrúxula e criminosa Legítima Defesa da Honra, uma lei do Código Penal Brasileiro de 1940.

Desde 1991 este monstro jurídico não era aceito por um júri. Mas não é por acaso que o cadáver foi exumado. Há um clima político no país para o acobertamento de criminosos e o avanço da violência contra mulheres, negros, gays e pobres.

A corroboração da Suprema Corte à decisão do júri foi por maioria, 3x2. Ou seja, há um outro entendimento sobre o poder do júri ser ilimitado e não passível de revisão se contrariar o preceito legal, como no caso da Lei do Femicídio.

A soberania do júri não pode sobrepor-se ao direito natural à vida. Na verdade, só mesmo o direito positivo para ver soberania num grupo de jurados escolhidos (sorteados) pelas partes do processo. Pior ainda quando reconhece o júri como instrumento de soberania popular (risos).

Um corpo de jurados não pode ressuscitar um cadáver como legítima defesa da honra e sepultar a Lei do Femicídio. Tampouco abrir possibilidade de legitimação do assassinato de mulheres, num país onde três mulheres são assassinadas por dia, vítimas do feminicídio, e a cada dois segundos uma mulher é agredida no país. Em quase 80% dos casos, os agressores são o atual ou o ex-companheiro, que não se conformam com o fim do relacionamento.

Não defendo o punitivismo, mas a impunidade pode levar o Brasil à mais profunda das barbáries. O sistema jurídico existe como imposição do contrato social e das leis naturais, a fim de ordenar as relações humanas e sociais e não para justificar o crime através de uma ordem moral superior.

O STF precisa reformar no seu colegiado a decisão da primeira turma e garantir que sigamos o caminho da civilização.



## O FEMINICÍDIO SE TORNOU UMA PATOLOGIA SOCIAL

Uma mulher conhece um homem numa rede social e marca o primeiro encontro em seu apartamento. Ela é cruelmente espancada durante quatro horas pelo futuro amante.

Uma mulher conhece um homem numa balada, vai ao motel com ele e é morta barbaramente.

Duas cenas. Uma que aconteceu ontem. A outra já corriqueira nas páginas policiais.

Não há erro da mulher nos dois casos. A busca de relações amorosas, seja duradoura ou passageira, é uma necessidade humana e social. Além do mais, o amor nunca está errado ou deve ser limitado pela escravidão do medo.

No entanto, é preciso entender os níveis de violência da sociedade, as neuroses provocadas por ela e mesmo as graves psicopatias oriundas de traumas de violência. Não se deve ter medo das relações interpessoais, mas é importante manter certos cuidados diante dos problemas sociais e dos números alarmantes de doenças mentais que levam a vários graus de violência.

Chegamos a uma situação intolerável de feminicídio, o que já pode denotar uma patologia social; e não há uma política estruturante para resolver o grave problema, que é tratado apenas com campanhas educativas e lamentos diante dos fatos.

Vejo como necessária a transversalização nas escolas de programas humanísticos, com a discussão específica sobre as relações de gêneros e a importância do reconhecimento da mulher na construção da sociedade e da nossa humanidade. É preciso abrir as escolas nos fins de semana para que esta discussão alcance as famílias.

Não bastam as campanhas esporádicas. É imprescindível uma ação articulada Estado/Sociedade para construir novas gerações que se respeitem e inibir as condutas agressivas das atuais gerações.

## MALALA, A FEMINISTA

Malala é minha referência para chamar à reflexão todas as mulheres que ainda não entenderam seu papel na construção da humanidade.

A luta de Malala começa pelo direito de estudar, proibido às mulheres em seu país. Trata-se de uma luta por direitos humanos.

Malala é uma feminista? Sim. Como também eram feministas as sufragistas inglesas do século XIX.

Feministas eram, também, as mulheres que criaram a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF), em 1919, que lideradas por Bertha Lutz lutavam pelo direito ao voto, conquistado somente em 1932 no primeiro Código Eleitoral Brasileiro. Mas as mulheres só tiveram seu voto igualado ao do homem em 1965. Antes, mulheres casadas só podiam votar com a autorização dos seus maridos.

Em 1943, foram as feministas que fizeram ser incluída na Consolidação das Leis do Trabalho – CLT a Licença Maternidade. As mesmas feministas também foram autoras da Lei Contra o Assédio Sexual nos dias de hoje. E se não fossem as feministas, as mulheres casadas até hoje não poderiam ser possuidoras de propriedade própria, pois o Código Civil de 1962 proibia.

Quero com isto mostrar que o direito de algumas mulheres em maltratar quem luta por seus direitos e votar em quem quer destruir os direitos de todas foi conquistado com muita luta por mulheres feministas, guerreiras, que enfrentaram o Estado, a sociedade retrógrada e seus maridos machistas.

Antes de falar mal das mulheres que lutam, pense que seu direito de xingar foi conquistado com o sangue e o suor delas; que nenhum direito hoje usufruído por todas foi dado por macho misógino, violento e sem alma.

## UM PAÍS QUEBRADO E DIVIDIDO: QUANDO OLHARES NÃO SE CRUZAM

O Brasil não será o mesmo depois desta onda de direita, e são várias as razões.

O país terá passado pelo maior retrocesso político e social da sua história, superior às ditaduras do Estado Novo e militar. Falo porque não estou exagerando e apresento a segunda, e mais grave, causa do nosso encolhimento como nação: as máscaras caíram e caminhamos para uma divisão interna estrutural, que envolve a cultura e suas dinâmicas na constituição do caráter, da personalidade e da consciência coletiva dos seus cidadãos e cidadãs.

O Brasil estará quebrado economicamente e com os piores indicadores sociais deste lado do planeta no término de quatro anos. Será possível retomar o crescimento e superar a pobreza extrema com sua reverberação na educação, saúde e garantias no início de outro período? Talvez sim, mas tem estrago que não terá volta.

O problema não estará mais na política nem na economia, mas na cultura. Aí mora o grande dilema para a retomada de um Brasil grandioso e próspero.

Teremos um Brasil que não mais confiará no Brasil que mora ou trabalha ao lado. Todas as vezes que se olharem, o olhar será de suspeita ou de certeza do antagonismo; e não estou falando de simples intolerância, mas de valores conflituosos, profundamente diferentes. Eu olharei meu vizinho ou meu colega de trabalho ou estudo como quem vê a configuração real do racismo, do preconceito, da misoginia e da desumanidade. E ele me jogará a eterna pecha de comunista, esquerdopata, esquerda corrupta e protetora de bandidos e dos horrendos direitos humanos.

É este Brasil que estamos construindo hoje. Não que nós, a esquerda que defende os direitos políticos e sociais, estejamos plantando esta semente da duradoura e inconciliável discórdia. É que o velho sonho do poeta está sendo adormecido pela maldade de muita gente.

“Fica decretado que o homem  
não precisará nunca mais  
duvidar do homem.  
Que o homem confiará no homem  
como a palmeira confia no vento,  
como o vento confia no ar,  
como o ar confia no campo azul do céu.”

Minha angústia repousa nesta possibilidade de deixar a poesia de lado e de, também, nos tornarmos uma parte deste mundo sombrio. Mas somos gente que continua fazendo da sua emoção uma forma humana de viver, já as mazelas criadas pela ignomínia não são emoções, mas reações autômatas dos que perderam o jeito de amar.

Vejo com tristeza esta perspectiva e também vejo sua quase inevitabilidade. Eu mesmo não terei como olhar nos olhos de quem defende o assassinio de índios, negros e pobres, como quem olha nos olhos de uma criança.

É uma dura realidade.

Mas não escrevo para disseminar a desesperança. Vou continuar com o poeta nos seus artigos mais sublimes de confiança na humanidade e no amor.

É a forma que temos de resistir.

“Fica estabelecida, durante dez séculos,  
a prática sonhada pelo profeta Isaías,  
e o lobo e o cordeiro pastarão juntos  
e a comida de ambos terá o mesmo gosto de aurora.”  
Estatutos do Homem - Thiago de Melo

## **SOBRE A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA**

Religião e política são duas figuras de uma mesma moeda – e entenda moeda aqui na sua dimensão monetária, além do recurso retórico da afirmação.

O mundo moderno passou a ser construído como superação da intolerância, representada na Idade Média pelo domínio político do Cristianismo. A política deveria, na nova realidade histórica, dar lugar a um racionalismo fundado na aceitação das diferenças e se afastar dos dogmas religiosos. Outra verdade passaria a conduzir a ação humana, sem que, contudo, tornasse uma única verdade.

O mundo ocidental foi tentando se compor com este princípio, pelo menos como determinação histórica, já que a superação da época medieval precisava da desvinculação do Estado da religião, ou seja, a racionalidade não daria mais espaço ao domínio político dos dogmas religiosos.

Infelizmente, chegamos aos dias atuais com um histórico de intolerância.

A nossa intolerância é religiosa, não por sustentarmos um dogma religioso, mas pela contínua tentativa de impor uma verdade, tornando-a uma verdade absoluta, ou um dogma, seja de linha epistemológica, filosófica, ou mesmo do senso comum.

Se há um desafio posto é o de continuarmos a construção da modernidade, que tem como fio condutor a tolerância e a superação do dogmatismo.

## **UM OUTRO MUNDO É POSSÍVEL, DESDE QUE ROMPA COM O ATRASO**

Numa concepção grosseira do mundo, arrisco dizer que o mal vem dando de goleada. E não é de hoje. Vivemos uns mil anos nas trevas do Cristianismo, com a Igreja Católica tocando o terror, torturando e queimando gente, pilhando terras, riquezas e espíritos.

Aí veio a modernidade e transformou a ciência numa nova religião. O conhecimento foi apropriado por uma minoria para oprimir a maioria, tirar seu sangue e suor. A ideia iluminada de liberdade se tornou objeto de ilusão, num canto de sereia macabro.

Hoje, vejo a barbárie da fogueira queimando a moral e a ética, fazendo da humanidade uma versão cruel e desumana.

Está tudo errado. O que era pra libertar oprime.

A religião se tornou objeto do mal. Deus vem perdendo para o Diabo.

Se eu acreditasse em Deus não admitiria que a ele fosse atribuída a desgraça do mundo.

Eis uma visão maniqueísta, religiosa, mas necessária para reflexão.

O catolicismo vem perdendo campo e o evangelismo travestido em muitas ordens está assumindo a implantação de uma nova era das trevas.

A modernidade tinha que ter rompido com a religião, sem desconsiderar sua presença cultural, e não ter tentado instaurar uma nova verdade absoluta. Isso abriu espaço para o retorno da estupidez.

## ARTE, VIOLÊNCIA E A VIL TENTATIVA DE CONCILIAR O INCONCILIÁVEL

“Chega um tempo em que as nuvens não te reconhecem”.

O poeta, e meu amigo, Aníbal Beça tinha razão neste verso do poema Constatação.

Como reconhecer o artista como parte ativa da violência, se na história sempre foi resistência? Mesmo quando “poderam seus momentos /desviaram seu destino /seu sorriso de menino”, lá estava ele, com sua verve humanística, a bradar com a garra de um Capitão Vitorino, do Fogo Morto de José Lins do Rego.

Será que existe um ser que não aprendeu em *A Mãe*, de Gorki, que a consciência das coisas do mundo pode brotar do amor? Ou que temos cheiro, sim, e não somos o assassino frio de *O Perfume*, de Patrick Süskind?

Ora, a arte não se concilia com a violência, tampouco se torna sua cúmplice. Qualquer tentativa em contrário é uma excrescência condenável e repugnante.

Tem muito artista da Amazônia que não se reconhece na sua arte e nela pisa com a força dos coturnos e dos fuzis, esquecendo a herança literária de um Inglês de Souza, de um Paes Loureiro, a forte presença de Milton Hatoum, ou sequer desperta para um *Satori* de Luiz Bacellar.

Ah, um *Satori* para mexer com a alma expurgada do artista da guerra.

Melhor seria se fosse um *Artista da Fome* kafkiano.

Tem muito artista da minha terra a bater continência para o capitão-do-mato. Que horror!!!

Que diabo de artista é este que não vê cultura na Amazônia, que aplaude o etnocídio e o genocídio e não se incomoda? Seria um artista ou um ser em plena metamorfose de Franz Kafka, se tornando um inseto asqueroso?

## **O NEGACIONISMO É MEDIEVAL E OS NEGACIONISTAS SÃO UNS IDIOTAS**

A ciência se constituiu como a verdade do mundo moderno. Ela foi vítima da intolerância religiosa e do poder político durante séculos, mas se validou como referência de conhecimento da natureza a partir do exame racional e epistêmico das coisas.

A análise do fenômeno, a construção de hipóteses e a síntese epistemológica se tornaram parte constitutiva do método científico. É assim que é validada sua verdade. Não é possível atalhar o método para satisfazer interesses políticos. Isto seria a destruição da ciência e de todo pensamento que orientou as grandes revoluções científicas e tecnológicas. Este mundo não teria superado tantos limites sem estas conquistas.

Mas hoje estamos enfrentando uma tentativa de retorno ao medievalismo, com a restauração de uma religiosidade nociva, extemporânea e anacrônica, que busca negar as conquistas da humanidade. Não se trata de uma nova fé, mas de um jogo político que aposta na negação do conhecimento como forma de dominação; é um jogo sorrateiro e perigoso.

Esta prática vem ganhando adeptos no Brasil após a posse de um presidente que despreza a ciência e toda a racionalidade moderna.

Para nosso azar, estamos diante de uma pandemia e tendo que enfrentar uma horda de negacionistas que insiste em desprezar o conhecimento científico como única forma de salvar vidas. Trata-se de uma situação criada desde o início do governo Bolsonaro e agora agravada pela crise.

A ciência e os cientistas estão tendo que enfrentar uma nova inquisição. Desta vez capitaneada pela estupidez e pela extrema ignorância e não mais pela instituição igreja. Mesmo o evangelismo neopentecostal não se caracteriza como instituição, mas como parte desse apedeutismo seletivo.

É preciso acreditar na ciência como solução para a crise de saúde instaurada pela pandemia. É neste conhecimento que está a saída e não na vaidade doentia de uma gangue que só pensa no poder.



# **A NEGAÇÃO DA CIÊNCIA É UMA ESTRATÉGIA DE DOMINAÇÃO DAS ELITES**

Existem outras categorias, além da política. Algumas delas consideradas mais decisivas na história, como destacava Lênin. Logo, vejo como reducionismo atirar tudo no balaio da política, como se economia, cultura, ciência e religião fossem concubinas de Maquiavel ou mesmo de Aristóteles.

Reconheço a importância da política num mundo dominado pela força do Estado e pelas relações de poder que se impõem às relações sociais e humanas, mas é na economia que o mundo se organiza desde quando os primeiros grupos sociais se organizaram. Não é por acaso que ainda hoje ouvimos falar em um tal de neoliberalismo e num deus chamado mercado, ambos devastadores da espécie humana, opressivos e desumanos.

E tão importante quanto a política temos a ideologia dominante, manipuladora, que faz da política sua amante apaixonada.

Não menos intrometida é a cultura, arma sutil que extermina pela alienação.

Mas todas estas categorias: social, econômica, política e cultural vivem em movimento. Não são estruturas inertes, eternamente a serviço de uma ordem. Delas também podemos construir a resistência e as bases de um novo mundo e novas sociedades.

Em diálogo permanente com estes “fatos sociais totais” está a ciência, uma categoria marcante da Modernidade e responsável pelo desenvolvimento da humanidade numa velocidade astronômica.

A negação da ciência não é um simples jogo ideológico de dominação e alienação. É o que há de mais perigoso nos dias de hoje, pois põe em risco todas as conquistas científicas e mesmo tecnológicas do processo civilizatório, sejam elas do paleolítico ou da revolução digital. É a defesa de um retrocesso que compromete nossa existência.

Não defendo a ciência como verdade absoluta, como querem alguns “neopositivistas”. Só entendo que por trás da sua negação há interesse em tornar o conhecimento cada vez mais propriedade de poucos.

A ciência está sendo negada ao povo através da ação indutiva da ideologia dominante, que se utiliza dos próprios recursos tecnológicos para dizer que ele não é fruto da criação humana. Há muito medo do povo se apropriar do conhecimento e descobrir sua capacidade transformadora.

A negação da ciência hoje cumpre um papel anti-iluminista. O medo de que o ser humano se desenvolva ainda ronda as elites.

## **A CIÊNCIA E A CULTURA RESISTEM AO NEGACIONISMO, À CENSURA E AO RETROCESSO**

Dia 5 de novembro é o Dia da Ciência e Cultura.

Seria motivo de comemoração se o Brasil não estivesse sob a regência de um agente inimigo destas duas referências da humanidade. Não são poucos os golpes contra a ciência, cujo ministério nesta gestão teve uma queda de 31,69% no seu orçamento. Um corte de quase 4 bilhões dos 11, 8 bilhões de reais previstos para este ano.

Há uma operação de desmonte do Sistema de Ciência e Tecnologia do país. Os cortes incidiram sobre o Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, gerido pela Finep - Financiadora de Estudos e Projetos, que aplica recursos de pesquisa e inovação em universidades e empresas.

Na cultura, basta dizer que o Brasil hoje é o único país da América Latina a não ter um ministério da área. Somam-se a este descalabro a censura às manifestações artísticas e a agressão a artistas, intelectuais e grupos étnicos.

O governo Bolsonaro é uma antítese dos valores e das conquistas da humanidade. Estimula o seguimento do negacionismo e da violência, fazendo aumentar a ignorância e o retrocesso civilizatório.

Mas há resistência.

Cientistas e intelectuais da cultura vêm se mobilizando contra as ações nefastas do governo e dos seus lacaios. O mundo já tem conhecimento do buraco tenebroso que a direita retrógrada está metendo o Brasil. Vozes dissonantes da destruição dos sistemas de ciência e cultura ecoam por muitos países, protestando contra a bandeira do atraso que tremula no Planalto.

Minhas saudações aos pesquisadores, cientistas, artistas, intelectuais, produtores culturais, que resistem na indelével missão de construir a justiça, o conhecimento e a liberdade como expressão de beleza da humanidade.

## A HISTÓRIA NÃO ACABOU E NEM ESTÁ COMEÇANDO

Não, não estamos todos na mesma barca ou corremos riscos de morte numa mesma condição. Quem tem dinheiro ficará em casa, despreocupado, pensando no prato do almoço e da janta. Quem não tem ficará pensando no almoço e na janta que pode não ter... Quem tem empresa e empregados ficará em casa demitindo ou pagando metade do salário ao trabalhador e este terá que ficar em casa sem ter o que comer e como pagar suas contas.

Têm bilionários que estão se protegendo em clínicas de luxo e até mesmo em bunkers preparados para possíveis catástrofes. Outros se refugiam em suas ilhas particulares. Já o povo, aquela grande massa de trabalhadores formais e informais, terá que esperar pelo atendimento num Sistema Único de Saúde (SUS) sucateado pelo golpista Michel Temer e pelo misantropo e capacho de rico Jair Bolsonaro.

Não, não estamos em mesmas condições de enfrentar o vírus. Onde moramos não tem saneamento básico e os microrganismos se proliferam com rapidez.

No trabalho não recebemos salários dignos e, por isto, não comemos para criar anticorpos. Nossos filhos seguem suas vidas com as mesmas condições que seguimos a nossa: sem acesso aos bens materiais que poderiam melhorar nosso tempo de existência.

Já vocês, que acumularam riquezas explorando e se apropriando da nossa força de trabalho, desfrutaram do bom e do melhor. E não venham me dizer que foi Deus que quis assim, pois conheço a história de roubos, saques e crimes que deram origem ao que vocês, ricos, têm. Não foi Deus, foi a ganância dos seus antecessores.

Por fim, quero dizer aos cínicos: não me venham pedir para dar um “time” nos meus textos críticos e de combate a canalha que apoia este governo. A história não acabou e ela se repete na tragédia, matando meus irmãos e irmãs. Vocês, senhores herdeiros da ganância, continuarão sendo o pior vírus da humanidade e nós, gente que aprendeu a sobreviver diante da opressão econômica, continuaremos resistindo.

## **A MERITOCRACIA COMO DISCURSO E PRÁTICA DA VIOLÊNCIA SOCIAL E RACIAL**

O senso comum tem coisas boas, mas têm coisas sem nenhum senso.

Escrevo isto pensando no debate que envolve a questão racial. Debate que travo no dia a dia, numa perspectiva histórica e sociológica, mas que esbarra numa contraposição grosseira e de latente racismo.

Quando o tema é cota racial, o incauto, ou incauta, diz tratar-se de autodiscriminação e que o espaço conquistado através desta política não tem atribuição de mérito, blá, blá, blá.

Ora, querer fazer o debate de mérito numa sociedade de classes e num país que tem uma das maiores desigualdades sociais do mundo é querer tapar o sol com a peneira. Quando a questão inclui raças, aí é desconhecer ou debochar da história.

Como posso colocar num mesmo nível de disputa a Casa Grande e a Senzala? Como posso ver possibilidades iguais no filho alfabetizado e frequentador de boas escolas com o filho negro impedido de ser alfabetizado e de frequentar uma escola? Como posso ver possibilidades de mérito em condições sociais tão desiguais e excludentes? Concorrência baseada em mérito entre ricos e pobres é um deboche acintoso; entre negros e brancos é ignorância ou total desconhecimento da nossa história e da nossa realidade.

Os morros e as favelas não podem ser invisibilizados, como se neles vidas e história não existissem. É lá que se respira a escravidão e a exclusão social. Ninguém é vítima do preconceito e do abandono por escolha, mas por condição histórica, construída no antagonismo de classe e no mais tacanho discurso da meritocracia.

Temos visto o escancaramento do racismo no Brasil na mesma proporção do aumento da violência social praticada pela consolidação da desigualdade em seus mais terríveis níveis. Há, agora, um recrudescimento da violência física, com

crimes institucionalizados a partir do governo genocida que se instalou no início de 2019. Já não se busca sequer esconder a violência racista com o pseudo-argumento da democracia racial. Talvez só o senso comum insista neste anacronismo.

A violência aumenta nas ruas, shoppings, instituições, com apoio do Estado e de um governo perfilado pelo ódio ao pobre, ao negro, ao gay, à mulher, ao índio. São estes estratos que compõem os 100 mil mortos pelo coronavírus e continuam a padecer na exclusão e na falta de política pública. Já não se busca esconder o descaso e a aversão a todos que formam a classe dos excluídos.

A meritocracia numa sociedade edificada na profunda desigualdade social é um discurso legitimador desta desigualdade, mesmo quando carrega em si a alienação. Não existe concorrência leal na acumulação desenfreada, baseada na exploração econômica e social.

Aos oprimidos cabe a luta e aos opressores o sádico desejo do sofrimento e da morte do outro. É assim numa sociedade de classes cuja história é marcada pelo racismo, pelo preconceito, pelo machismo de uma elite escrota, mesquinha culturalmente e socialmente violenta.

## REDES SOCIAIS E O FIM DO HUMANISMO

Tenho 5.000 amigos e amigas no Facebook e outros tantos seguidores em outras redes. As relações são de respeito, já que fiz filtro político, ideológico e de conduta. Não aceitei e não aceito racista, misógino, preconceituoso, fundamentalista religioso, idiota em geral.

Tem gente que admiro muito por suas postagens e posições, encontrando forte identidade com que sou e com o que penso. Mas há um problema: não passa disto e quase todos são contundentes em dizer que não querem avançar para uma amizade real, de carne e osso, olhos nos olhos e sorrisos no rosto.

Já reconheci amigos e amigas virtuais em bares, por exemplo, e eles me reconheceram, mas mantiveram ou mantivemos o bloqueio anunciado nas redes. É uma coisa muito estranha pela frieza e indiferença.

Vejo que há uma tendência para nos transformar em algoritmos. O capitalismo avança no sentido de nos tirar a humanidade. A globalização veio implacável para nos destruir como seres humanos. E tudo isto vem se refletindo nas estruturas políticas, colocando a democracia liberal num campo de incompatibilidade com os interesses do capital.

Estamos perdendo nossa subjetividade e nos fazendo um instrumento dos desejos, afetos e vontades impostos pelo consumo. Nossas relações estão cada vez mais coisificadas.

O filósofo camaronês Achille Mbembe tem tratado com maestria este novo desfecho do capitalismo e alerta para o fim do humanismo. É um caminho destruidor, inclusive, do nosso inconsciente, que está passando a ser dominado pelas redes sociais através do eficaz uso dos algoritmos.

Por estas e muitas outras boas razões é que continuo correndo para abraçar meus amigos e amigas. Resistência também se faz com amor, com abraços e beijos bem reais.

## **O FAKE É REAL AO TER TOMADO CONTA DAS NOSSAS VIDAS**

As *fake news* estão tomando conta das nossas vidas. Estamos diante de um drama mundial: a mentira está construindo uma realidade comum.

Pelo seu perfil alarmista e vulgar, com agressões linguísticas e enredos oportunistas, o *fake* chega às casas, às ruas e às mentes sem pedir licença; apenas entra como aquele velho conhecido que chega sorrateiramente.

Já não há pudor em conviver com a mentira e fazer dela parte da sua vida.

A notícia falsa ganha o mundo pelas redes sociais e pelas manchetes enganosas da grande mídia. Já não há controle nem lei que possa frear esta nova célula terrorista, destruidora da verdade e assassina das boas reputações. O falso está se tornando um real construído.

Já não ouço mais verdades do que mentira. Sempre conheci mentirosos, mas em mais de meio século de vida é a primeira vez que vejo a mentira ocupar um espaço social tão grande. Ela está no motorista de ônibus, nos transportes por aplicativos, na vizinha que abandonou a fofoca como bem cultural, no colega de trabalho que não faz mais intriga, no dono de boteco que perdeu a graça, no amigo chato que não se conforma mais só com a chatice. Todos resolveram aderir às *fake news* e não há outro assunto.

Os sites de desmascaramentos das *fakes* são insignificantes e desconhecidos da grande massa. O que ocupa espaço de forma avassaladora são as notícias falsas espalhadas por WhatsApp, Facebook, Messenger etc.

Estamos diante de uma catástrofe mundial, mais destruidora do que os vírus da natureza. O *fake* é uma produção de laboratório, feito para destruir possibilidades e existência da verdade transformadora. Não existe *fake* do bem. A mentira é verdadeira enquanto domínio coletivo. Estamos ferrados.



## **A ORDEM MUNDIAL CONTINUA DESIGUAL E OPRESSIVA, MAS GANHAMOS UMA BATALHA IMPORTANTE CONTRA O ATRASO**

Política internacional é um tema difícil, dada à sua complexidade que envolve diplomacia, economia e interesses diversos. Para começar a compreender a questão é preciso entender como o mundo se organiza e qual sua ordem.

A vitória do democrata Joe Biden nos Estados Unidos não muda a ordem mundial. Isto é óbvio. Aquilo que chamamos de Divisão Internacional do Trabalho (DIT) continuará a mesma, com as economias dominantes oprimindo e explorando os chamados países emergentes. O sistema financeiro continuará dando as ordens e aumentando seu capital. Os EUA continuarão como a maior economia do mundo, fazendo guerra de dominação.

O que muda, então?

Ora, há muita diferença política entre Democratas e Conservadores no país do Tio Sam.

Enquanto Democratas defendem maior intervenção do Estado na economia, Conservadores jogam com o deus-mercado. No que se refere a impostos, Democratas querem taxaço maior para quem ganha mais, já seus adversários um imposto único. Conservadores se opõem a um salário-mínimo, defendendo que o mercado determine seu valor, ponto divergente também com os Democratas.

Na saúde, o partido de Biden defende a saúde universal, com serviços oferecidos pelo Estado. Já os Conservadores apontam o deus-mercado como proprietário do sistema.

Como estamos vendo nestes poucos exemplos, há grandes diferenças políticas e programáticas. A receita conservadora é a de um mercado voraz, com sua doutrina neoliberal. Sua derrota é a derrota de um modelo econômico no mundo, que gera exclusão social e mais miséria.

## O LIVRE DIREITO DE CHORAR

A Globo agora diz por quem você deve chorar. Como ela não te mandou chorar pelos 500 mil mortos na Síria, você não chorou. Você também não chorou pelos mortos do Iraque, da Líbia, da Iugoslávia, da Somália. Você só chora por quem te mandam chorar.

A CNN mandou você chorar pelos refugiados da Ucrânia, pessoas desesperadas com as bombas que voam sobre suas cabeças. Mas a CNN não mandou você chorar pelos 6 milhões de refugiados da Síria. Nem pelos 2,7 milhões da Iugoslávia.

A Band mandou você chorar pelas crianças presas na Rússia. Uma abominável atrocidade. Mas a Band não mandou você chorar pelas mais de 100 crianças mortas nas repúblicas de Donetsk e Lugansk, vítimas dos bombardeios de drones mandados por Zelenski.

A mídia que controla teu choro já controla tuas emoções há muito tempo. Teu choro se tornou seletivo porque você só chora por quem te mandam chorar.

Se quiser soltar o choro, chore por todos os mortos pelo imperialismo no mundo.

Chore pelos 250 mil mortos de Hiroshima e Nagasaki. Chore pelo povo queimado com napalm no Vietnã. Chore pelas mulheres estupradas pelo exército americano no Afeganistão.

Se quiser chorar, chore pelas mulheres, homoafetivos e negros mortos no Brasil.

Não deixe que seu choro seja conduzido por quem cria todos os motivos para que você chore.

Quem diz hoje por quem você deve chorar está por trás de todas as maldades neste mundo. Aquelas maldades que poderiam te fazer explodir de tanta indignação, mas não te contam. Só falam pra você aquilo que querem que te faça chorar.

Mas pense bem. Podemos chorar juntos, mas teremos que fazer de nossas lágrimas um pingo de mudança neste mundo, onde ninguém mais tenha que dominar nosso choro.

E não choraremos mais de tristeza. Todas as nossas lágrimas serão de felicidade pela vida que florescerá da paz e da justiça.

## A ERA DO RIDÍCULO

O Brasil entrou na era do ridículo.

Tornou-se comum falar tolice em todo lugar, ao vivo e em cores. Tem gente para falar e tem muita gente para aplaudir, como num teatro ensaiado, aonde os atores chegam a um ambiente livre e começam a apresentar o espetáculo; triste e grosseiro espetáculo.

Não há mais vergonha em ser ridículo. Uma senadora, um empresário, um presidente da República, um cidadão comum, nenhum faz a menor cerimônia em falar suas asneiras, geralmente agressivas.

O ridículo implantado e em desenvolvimento no Brasil é oficial. Vem do alto escalão. Tem uma turba de ministros ridículos no governo de um presidente igualmente ridículo. Tornamo-nos uma República ridícula.

Você já percebeu que não estou falando do ridículo enquanto recurso humorístico ou gesto espontâneo. O ridículo aqui é sistêmico e se tornou instrumento discursivo do preconceito e de todo tipo de violência social, cultural, política e individual.

Como se não bastasse ser ridículo na colônia, o presidente da República e seus sofríveis assessores resolveram internacionalizar o ridículo. Foram à ONU e se mostraram ridículos ao mundo. O presidente da República ridículo foi até o Tio Sam e diante dele abriu um sorriso ridículo e disse, sem cerimônia, que este país ridículo agora é dele. O presidente ridículo de lá aceitou de bom grado nossas riquezas como prova de servidão.

Tenho encontrado muita gente ridícula por aqui. Elas estão em todo canto, com aplausos e impropérios.

Os ridículos estão expostos e batem no peito, sem vergonha alguma, afirmando que agora é a vez deles. É ridículo ter que aguentar isto.

## O QUE ESTÁ POR TRÁS DA CONDUTA DO DESEMBARGADOR NO AMAZONAS

Desde ontem, a mídia corporativa e as redes sociais comentam a repreensão feita por um desembargador do Tribunal de Justiça do Estado do Amazonas (TJAM) a uma advogada que participava de uma audiência virtual com a filha de seis meses no colo.

A profissional teve seu pedido de prioridade na audiência negado e, em seguida, quando a criança emitiu um som, sem chegar a chorar, o juiz a mandou colocar a criança no “lugar adequado” e concluiu dizendo: “a senhora precisa ver a ética da advogada (sic)”.

O que viria a ser o “local adequado” para a criança na falta de educação e respeito do homem que presidia a sessão? Onde estaria a falta de ética em participar de uma reunião de trabalho com a filha no colo, seja por meio virtual ou presencial?

Seria um caso isolado se a conduta do magistrado não reproduzisse uma cultura de ofensa à maternidade da trabalhadora. Isto vai desde a falta de creches em locais de trabalho à condenação brutal da mulher que tem que trabalhar e criar seu filho ou filha.

Impera a consciência pequeno-burguesa de que todas as mães que trabalham para ajudar ou manter o sustento de casa devem dispor de uma babá ou de uma empregada doméstica. Sequer se imagina como é a vida dura de uma mãe trabalhadora.

A intolerância é de classe, sim. É constante o discurso que condena a maternidade da mulher trabalhadora, como se aquela mulher que gera riqueza e serviço para meia dúzia de parasitas burgueses não tivesse nascido de outra mulher igualmente trabalhadora, seja em casa ou numa fábrica.

A intolerância é de gênero, sim. É comum e causa repugnância a humilhação que a mulher sofre ao procurar trabalho e a vaga lhe ser negada por já ser mãe ou por não ter um corpo desejável pelo patrão.

E se há intolerância e preconceito de classe e de gênero, não é menos agressiva a violência política. Não faz muito tempo que o traste que governa o Brasil defendeu que a mulher dever ter um salário menor porque engravida.

Vindo deste monstro, tudo dá nojo. São por estas razões que a conduta do desembargador do TJAM é digna de repúdio da sociedade. Ela se soma à ideologia opressiva de gênero e de classe.

Minha solidariedade à advogada e a todas as mulheres do Brasil.

# **O CHURRASCO ANTROPOFÁGICO DE BOLSONARO**

## **Cardápio**

1- Carne de gente dos bairros, morros e favelas, servida com legumes e verduras de resto de feira. Esta carne foi maturada no coronavírus, assada por um processo de sofrimento nas filas do SUS sucateado ou simplesmente largada no quarto de casa para entrar em estado de putrefação.

2- Carne de gente negra, processada em séculos de escravidão, exclusão social e racismo velado. Esta carne saiu maturada dos lugares mais pobres do Brasil, onde a exclusão e o abandono corroem suas fibras e textura.

3- Carne velha, servida sem aposentadoria e sem reconhecimento humano. É também encontrada nas ruas de todo o país, jogada à própria sorte e ao vilipêndio humano.

4- Carne de trabalhador, servida com suor, ao sangue, sem direito algum. Esta carne já vem corroída pela exploração selvagem do capitalismo.

5- Carne primitiva de índios da Amazônia e de todo o Brasil, mortos pelo incentivo do presidente do país. Esta carne vem maturada pelo etnocídio e pelo genocídio históricos.

6- Coração de artistas, escritores, atores. É uma carne envelhecida na indignação e na angústia de ver o Brasil mergulhado na opressão e na cegueira coletiva.

## O CAPITÃO-DO-MATO

Esta figura emblemática e enojada não foi uma simples personagem institucionalizada na América Portuguesa do século XVII. O capitão-do-mato era parte da estrutura escravocrata, cuja função ia da perseguição e captura de escravos fugidos à destruição de quilombos.

O que me leva a introduzir este texto fazendo menção a um sujeito do sistema escravista? Encontrei figuras análogas em nossos dias. Não se trata apenas de homens e mulheres negros, mas de outras raças e gêneros.

Lembrei de Althusser, em seu trabalho: *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*. Sem qualquer razão para abstrair elementos, além do pensamento do autor, comecei a refletir sobre os “agentes” que atuam em colaboração com o seu opressor.

Assim como o capitão-do-mato, que não servia a seu senhor, mas a um sistema de opressão, temos hoje a manifestação explícita de negros apoiando racistas, de homossexuais apoiando homofóbicos, de mulheres apoiando misóginos. Não se trata, também, de apoio e colaboração com um governo ou com seu carrasco, mas de servidão a uma estrutura social e econômica opressiva. Encontramos nesta mesma linha “agentes ideológicos” atuando dentro das universidades, escolas, hospitais, forças armadas, judiciário, igrejas etc.

Conheço a capacidade de esmagamento da ideologia dominante, mas existem agentes que colaboram em plena consciência e consentimento: são os capitães-do-mato dos nossos tempos.

## **A RESILIÊNCIA DO TRABALHADOR E DA TRABALHADORA**

Tem dia que a gente acorda meio pra baixo, triste, pensando nas incertezas da vida. Geralmente, isto se dá em razão da falta de dinheiro. Na verdade, dinheiro é um problema para as duas principais classes sociais: o rico se preocupa em ganhar mais e o pobre em ter algum trocado. Na essência se revela o antagonismo.

Minha tristeza, neste caso, logo se dissipa ao me deparar com meus vizinhos saindo para o trabalho, às 5h da matina, com mochila nas costas, caminhando compassado e com a certeza de que seu salário não suprirá metade de suas necessidades.

Quem sou eu para ter crise existencial, se meus irmãos seguem firmes. Como pensava Sartre, o operário não tem tempo para refletir sobre a vida, apenas para lutar por ela.

Eu sigo meu caminho até a padaria, carregando não mais a tristeza, mas a indignação que sempre norteou minha caminhada.



## REMINISCÊNCIAS EM TEMPOS DE PANDEMIA

Sinto falta do teu abraço, da tua respiração suave a desgrenhar meus cabelos e teu murmúrio de como vai. Naquelas noites quentes, sinto falta da cerveja gelada, do brinde inicial e da conversa fiada. Já não reconheço os dias e as sextas se converteram em manhãs cinzentas, as tardes sem gente passando e as noites sem o badalar dos sinos da igreja. Como gostaria de ouvir novamente a explosão musical do Caldeira e as inconveniências dos bebuns quase moribundos.

Sinto falta do teu abraço.

Quero o pitiú do jaraqui da metal e quero ouvir tua voz contando histórias do dia anterior, dos chifres e do sofrimento dos minions. Quero teu sorriso e teu olhar cintilante ao contar do nosso amor, da nossa felicidade de sermos amigos. Quero teu pegar em minhas mãos e te ver falando das belas canções de Chico Buarque.

Sinto muita falta do teu abraço.

Conheço teu jeito, mas quero teu cheiro.

Conheço tua vida, mas quero teu espírito a me revelar sentimentos.

Sinto falta do teu abraço.

Não posso sequer pensar em ficar muito tempo sem tua ternura.

O tempo já nos domina e a saudade bate em meu coração como aqueles primeiros pingos da chuva que caem no telhado de zinco.

Sinto falta do teu abraço.

São quatro horas da manhã. Uma madrugada chuvosa me faz lembrar que logo vai amanhecer e já terei teu abraço. O sol nos espera e logo iremos sentir o calor dos nossos corpos.

Nas noites estaremos em breve e pelas ruas da nossa cidade caminharemos trôpegos à procura de outro bar.

Sinto falta do teu abraço.

No resguardo da vida sinto tua alma e teu acalanto. És tá presente em cada batida do meu coração e com teu sorriso

me desmancho em lágrimas de saudade.  
Logo tudo vai passar e já não sentirei mais falta do teu  
abraço.

## O PRECONCEITO NA SUA FORMA GEOGRÁFICA

A destruição da Zona Franca de Manaus (ZFM) faz parte de um pacote de maldades contra o Norte e o Nordeste. O ataque de Paulo Guedes à ZFM não é um caso isolado, mas parte da conduta de governo arquitetada no preconceito e na discriminação. O não reconhecimento das diferenças regionais é uma matriz ideológica dimensionada no globo onde se inclui a homofobia, o racismo e a misoginia.

O governo do misantropo Bolsonaro está reproduzindo sua conduta e suas bandeiras de campanha. Não há nada de novo ou que possa provocar espanto, assim como não é novidade a desfaçatez do empresariado local que o apoiou e agora protesta, passivamente, contra a fala do atabalhado ministro da Economia.

Tenho visto manifestações incisivas, também, dos ignorantes que o apoiaram dizendo que a Zona Franca já tinha acabado ou é desnecessária para o Amazonas e para a Amazônia. É óbvio que se trata de mais uma pérola de quem não sabe a diferença entre valor e preço.

Qualquer imberbe com o mínimo de sensibilidade para olhar o mundo sabe que modelos econômicos não são substituídos na hora ou descartados como papel higiênico.

Mas o que há por trás de tudo e de todos que continuam defendendo o reacionarismo deste governo são os piores valores morais, erigidos na discriminação social e na sua vertente geográfica, a valorização de umas regiões do capital em detrimento de outras.

O preconceito contra o Norte e o Nordeste continuará se manifestando nas suas formas mais cruéis neste governo. Foi dito na campanha. Não tem nada de novo.

## **A FORÇA DA ESPERANÇA EM TEMPOS DIFÍCEIS PARA MANAUS**

Dias melhores virão, Manaus.

Conheço teu povo, tua história, teu jeito de ser.

Sei que há um desejo alvissareiro de ter uma cidade mais humanizada, bem cuidada, sem a ferida profunda da corrupção.

Têm momentos difíceis, eu sei. Já pensastes em me esquecer, pois não sou capaz de me tornar realidade. Entendo teu sofrimento, tua agonia.

Sei o quanto é difícil pensar em mim, se em meu nome já te abandonaram, te enganaram, arruinaram teu patrimônio, roubaram o dinheiro do teu povo.

Passa governo, volta governo e a conversa é a mesma: tudo vai melhorar; a saúde e a educação terão plenitude de atendimento; o transporte será para um coletivo de gente e não para uma sofrida manada; o recurso público terá destino correto e honesto, e por aí governantes vão solapando teu desejo, até chegar às profundezas do desespero.

Não é de hoje que te maltratam, Manaus.

Quando colonizadores famintos de riqueza aqui adentraram, ouvi gritos e vi lágrimas dos povos nativos. Eles sequer me conheciam, pois viviam do jeito que escolheram e de acordo com suas vontades.

Ouvi e vi o sofrimento de morte e escravidão destes povos. Nada pude fazer, pois me tornei irreal para quem deixou de existir.

Vi e ouvi também o clamor dos seringueiros e dos negros. Lá estive junto ao seu padecimento. Fiz-me parte da sua resistência.

O tempo foi passando e fui acompanhando teu crescimento. Ao teu lado tenho visto falsos pastores e profetas, políticos continuarem te enganando, teu suor sendo tirado por reles salários, tua vida sendo jogada fora pela violência e pelo abandono.

Como me dói tudo isto, Manaus. Como eu gostaria de ser

outra realidade, sonhada e pedida nas tuas preces.

Mas não desista. Faça dos teus sonhos um motivo de luta e de fuga dos teus algozes.

Pense que teu povo pode afugentar os políticos bandidos, os empresários exploradores, os cidadãos e cidadãs ruins, maledicentes.

Fortalece teu sentimento de mudança e dele surgirão dias melhores, com meu cheiro e com os sonhos que me aquecem.



DEMOCRACIA E LUTA  
POLÍTICA

*Aldenor Ferreira*





## EM DEFESA DA DEMOCRACIA

Ao arrumar o meu armário esta semana, deparei-me com o livro *Era dos Extremos*, do historiador britânico Eric Hobsbawm. Contemplei a capa por um instante e, de imediato, pensei: “os extremos recrudesceram, precisamos defender a democracia como forma de manter a nossa própria vida”.

Hobsbawm é, sem dúvida, um dos maiores, se não o maior historiador do século XX. Ele analisou com maestria esse período, definindo-o como um século breve. Na verdade, o livro *Era dos Extremos* é o último da coletânea que se inicia com *A Era das Revoluções*, seguida por *A Era do Capital* e *A Era dos Impérios*.

Apenas para lembrar, o livro *Era dos Extremos*, que destaco aqui, está dividido em três grandes partes, a saber: “A Era da Catástrofe”, “A Era de Ouro” e “O Desmoronamento”.

Na primeira seção “A Era da Catástrofe”, que cobre o período de 1914 a 1945, Hobsbawm analisa, sobretudo, os acontecimentos ligados às duas grandes guerras mundiais. Em seguida, na parte denominada “A Era de Ouro”, o historiador britânico analisa o período do pós-guerra até a década de 1970.

Sua viagem pelo século XX se encerra com a seção denominada “O Desmoronamento”, que cobre de 1970 a 1991, cujo maior acontecimento foi, sem dúvida, o fim da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Para Hobsbawm, o século XX termina aí, com esse grande acontecimento. Certamente, ele não está corroborando a tese do livro “O Fim da História e o Último Homem”, de Francis Fukuyama. Sendo um grande marxista, Hobsbawm sabia que o declínio do socialismo no leste europeu não significava isso.

Ele estava fazendo referência ao fim de uma era; mais do que isso, estava indicando o início de uma nova era, que seria marcada pela crise. No começo da seção “As Décadas de Crise”, Hobsbawm escreve: “a história dos vinte anos após 1973 é a de um mundo que perdeu suas referências e resvalou para a instabilidade e a crise”.

Passados quase 30 anos da publicação do livro *Era dos*

*Extremos* e quase dez anos de falecimento de seu autor, a instabilidade e as crises do capitalismo, como previstas por ele, permanecem e se agudizam, tornando-se cada vez mais frequentes, com intervalos cada vez menores. A crise econômica de 2008, iniciada nos Estados Unidos, é a materialização de sua previsão.

Ademais, percorridas duas décadas do século XXI, o capitalismo neoliberal se hegemonizou, porém, isso não representou melhorias para a maior parte da população mundial. Segundo dados da Organização das Nações Unidas (ONU), em 2020, “811 milhões de pessoas passaram fome”. Na América Latina, “a fome atingiu cerca de 60 milhões de seres humanos”.

O capitalismo, portanto, não cumpriu sua promessa de emancipação dos homens, de liberdade, de igualdade e de fraternidade. Na verdade, o sistema produziu ilhas de riqueza e territórios com imensa pobreza.

A globalização, que nada mais é do que a mundialização do capital, globalizou tudo mesmo, inclusive os extremos como a xenofobia, o fundamentalismo religioso, o racismo, o negacionismo, o terrorismo e assim por diante. Vivemos, hoje, como sentencia Ulrich Beck, na “sociedade do risco”, da incerteza e do medo.

Trata-se, na verdade, de uma situação tensamente paradoxal ou, como diria Anthony Giddens, do paradoxo da modernidade, pois, à medida que a vida moderna se torna mais confortável, fruto do desenvolvimento de um aparato científico e tecnológico, os riscos, o medo e as incertezas se fazem cada vez mais presentes.

Vive-se cada vez mais e melhor, mas não se pode afirmar, com segurança e sem ser leviano, que o mundo está melhor. Para mim, ele não está; pelo contrário, observo que as contradições e tensões só aumentam. Se nós temos, hoje, maior e melhor domínio da natureza, com conquistas da razão técnica, outros aspectos da vida e da convivência humana como a solidariedade, o amor e a empatia são drasticamente reduzidos. E isto tem sido revelado, na última década, em todos os segmentos da vida social.

À guisa de exemplo, temos o recrudescimento do nazismo e do fascismo, do negacionismo e do revisionismo, dos movimentos antivacinas, do racismo, do ódio em sua face homofóbica e sexista, da corrupção, do feminicídio e, acima de tudo, de uma tóxica combinação de idiotice com maldade.

A materialização desta combinação trouxe de volta doenças como o sarampo e a poliomielite, que já haviam sido controladas e até mesmo erradicadas em alguns países. Elas estão de volta simplesmente porque os(as) negacionistas se recusam a vacinar seus/suas filhos(as).

Na prática, isto significa que conviver diretamente com um(a) negacionista ou próximo a ele(a) representa risco de morte para você e para a sua família por doenças que já têm cura. Noutras palavras, à medida que os extremos avançam, os riscos aumentam, não restando, portanto, outra solução que não seja a luta e o enfrentamento político.

Neste sentido, os democratas, os progressistas, os de espírito livre, os que amam, os que sonham, os que se doam, os que creem, os solidários, enfim, os verdadeiramente humanos precisam entrar na luta contra os extremos e defender a democracia, pois, hoje, fazê-lo é, simplesmente, defender a vida.

Não há, assim, outra maneira de combater e derrotar os extremos e seus desdobramentos fora da democracia. Em 2022, você terá que tomar uma decisão: defender a democracia e, conseqüentemente, a vida ou defender a morte. De que lado você estará?

## A ELEIÇÃO É O ÁPICE DA DEMOCRACIA

Estamos nos aproximando de mais uma eleição, motivo de alegria para a maioria da população, que entende ser este momento o mais importante da sociedade nacional, uma conquista civilizatória, fruto de muita luta e sofrimento.

O Brasil não possui uma longa tradição democrática. Nossa República é marcada por crises e golpes de Estado. Com efeito, após vinte e cinco anos sem poder exercer o seu direito de voto, o povo brasileiro voltou a fazê-lo em 1989, eleição com maior número de candidatos da história – 22 no total. A atmosfera eleitoral de 1989 era de festa, de esperança, de crença na democracia e no estabelecimento de um Estado de Bem-Estar Social em nosso país a partir da Constituição de 1988.

Contudo, esse Estado de Bem-Estar Social não veio. Ao menos não como previsto na Constituição. Mesmo assim, o povo brasileiro se habituou a votar e, apesar de todas as desilusões, sempre fez festa, vestindo a camiseta de seu(sua) candidato(a), colocando adesivos em carros, participando de caminhadas, de debates, levantando bandeiras, enfim, participando ativamente desse momento importantíssimo do país.

Sem dúvida, de 1989 até agora, temos o maior período de eleições diretas verdadeiramente democráticas em nosso país, nas quais todos podem exercer o seu direito de voto. Digo isto porque nem sempre foi assim, outrora, as mulheres e os analfabetos, por exemplo, eram impedidos de votar.

Todavia, apesar da conquista democrática da eleição, desde 2014 o país tem enfrentado um clima de animosidade no percurso das campanhas eleitorais. A festa tem dado lugar à violência, paradoxalmente estimulada por aqueles que adentraram os espaços de poder pela via democrática. À guisa de exemplo temos Aécio Neves que, em 2014, estimulou o ódio contra a presidente Dilma Rousseff. Além dele, Jair Bolsonaro, em 2018 e em 2022, sistematicamente vem fomentando a violência com seu discurso de ódio.

É importante que se diga que sempre houve embates políticos nas eleições nacionais, com discursos inflamados e até xingamentos, porém nunca se viu um clima como o deste ano.

A principal diferença da eleição de 2022 para as outras é que nesta os adversários políticos foram transformados em inimigos. Ocorre que a partir deste entendimento tudo muda, pois, com o inimigo, nisto insisto, não há convivência, uma vez que deve ser sempre abatido.

Neste contexto, com relação às eleições de 2 de outubro de 2022, muitas lideranças políticas e outras autoridades brasileiras e estrangeiras têm manifestado preocupação e temor. É uma preocupação justa, afinal, em três décadas de eleições tranquilas no país, temos, pela primeira vez, forças atuando sistematicamente contra a realização do pleito.

Estas ações são realizadas com o intuito de desacreditar a justiça eleitoral, que comemora 90 anos este ano, e todo o processo comandado por ela, o que inclui falácias sobre as urnas eletrônicas e o sistema de apuração dos votos. Criou-se um verdadeiro clima de guerra e de terror, o que contraria o fato de a eleição nacional não ser um confronto, mas, pelo contrário, uma festa da democracia, seu ponto mais alto, no meu entendimento.

Contra tudo isto, os brasileiros democratas e republicanos precisam se unir e resgatar a atmosfera eleitoral de 1989, quando a democracia, a cidadania e a brasilidade tomaram conta do país. O clima de guerra e de terror não interessa ao povo brasileiro, ao menos à sua maioria. Entretanto, é útil a apenas um pequeno grupo de nazifascistas presentes na sociedade nacional, que pregam o golpe de Estado por meio de suas redes sociais.

O povo brasileiro, reitero, mesmo sem ter muito conhecimento do processo eleitoral, sem ter muita clareza da importância da democracia, da política e dos partidos políticos para a sua vida, gosta da eleição. Neste sentido, dados do Superior Tribunal de Justiça (TSE) revelam que cresceu o número de eleitores jovens e idosos aptos a votar em 2022, saltando de 147 milhões para 156.454.011 eleitores (aumento de 6,21%).

Portanto, aqueles que são contrários à democracia, às liberdades constitucionais, ao Estado de Direito, indo de encontro ao ordenamento jurídico do país, precisam ser rechaçados pelo(a) eleitor(a) no dia 2 de outubro.

Eu sei que parece clichê, mas a eleição é a festa da democracia, o seu ápice. Mesmo que seja uma democracia burguesa, ainda assim é muito melhor do que qualquer ditadura supostamente nacionalista.

# A REPÚBLICA DA CRISE E DO GOLPE

A história da República Federativa do Brasil é uma história de crise, marcada pela constante presença militar com seus golpes e contragolpes, autoritarismo e repressão.

Para uma melhor compreensão da conjuntura política atual, com a retomada de discursos autoritários, ameaças de golpes de Estado, censura e demais tentativas de cerceamento das liberdades constitucionais, é importante conhecer bem essa história ou, pelo menos, relembrá-la.

A cronologia a seguir tem por objetivo recordar alguns momentos de crise, pelos quais nossa República passou em seus 132 anos, com instabilidade política, desrespeito às Constituições e até mesmo ausência de democracia.

## 1889-1930

A República brasileira nasceu a partir de um golpe militar contra a monarquia, sendo seus primeiros cinco anos marcados por tensões políticas, crises econômicas e pelo descumprimento da recente Constituição de 1891.

A partir da renúncia do primeiro presidente indiretamente eleito, Deodoro da Fonseca, o vice-presidente Floriano Peixoto deveria convocar novas eleições, mas não o fez, cumprindo os quatro anos do mandato de Deodoro.

O primeiro presidente civil foi Prudente de Moraes, cujo mandato foi marcado por enormes tensões e fracassos, como a crise do encilhamento, a Guerra de Canudos e a declaração de Estado de Sítio, com perseguições e repressões.

Em seguida, nos mandatos de Campos Sales, Rodrigues Alves, Afonso Pena, Nilo Peçanha e Hermes da Fonseca ocorreram crises inflacionárias e aumento de tributação. Depois houve a Revolta da Vacina em 1904, a Revolta da Chibata em 1910, a Guerra do Contestado, que ocorreu entre 1912 e 1916, a pandemia da Gripe Espanhola em 1918, a Revolta dos 18 do Forte – também conhecida como Revolta do Forte de Copacabana – em 1922, a Revolução Paulista de 1924 e a crise de superprodução de café em São Paulo em 1929.

## **1930-1945**

Nesse período, também conhecido como Era Vargas, ocorreu a Revolução de 1930, que culminou em mais um golpe, seguida pela Revolução Constitucionalista de 1932 – que ocorreu no estado de São Paulo contra o governo de Getúlio Vargas, deposto em 1945.

Antes disso, em 1937 tivemos o início do período da Era Vargas conhecido como o Estado Novo. Nele, apesar de todo o processo de modernização do país e do crescimento econômico, se deu o acirramento de um governo cada vez mais autoritário.

## **1945-1961**

Em 29 de outubro de 1945 ocorreu outro golpe, liderado pelos generais Góis Monteiro e Eurico Gaspar Dutra, que forçou Getúlio a renunciar. Já em setembro de 1946, promulgou-se a quinta Constituição Federal Brasileira.

Dessa vez eleito, em 1950 Vargas volta ao poder para um segundo mandato, marcado por enormes tensões políticas e cujo desfecho foi seu suicídio em agosto de 1954. Depois disso, outro golpe, dessa vez caracterizado como preventivo, ocorreu em 11 de novembro de 1955, organizado por Henrique Teixeira Lott.

Nesse ano, o Brasil teve três presidentes, Café Filho, Carlos Luz e Nereu Ramos, além de ter vivido sob a égide do Estado de Sítio até 31 de janeiro de 1956, quando Juscelino Kubitschek, eleito democraticamente, tomou posse governando até 1961.

## **1961-1964**

Em 25 de agosto de 1961, Jânio Quadros renunciou. A partir de um veto, o poder militar impôs dificuldades para João Goulart, seu vice, legitimamente assumir o poder, o que acabou ocorrendo num regime parlamentarista. Por sua vez, esse regime findou com o plebiscito de 1963, em que houve a vitória do presidencialismo, mas, infelizmente, em 31 de março de 1964 o Brasil sofreu mais um golpe, dessa vez levando à ditadura militar.



## **1964-1985**

Durante a Ditadura Civil-Militar do Brasil, houve a supressão de direitos civis e políticos, crises econômicas, crimes contra a humanidade e corrupção. Em 1984, foi feita uma reivindicação de eleições diretas, negada pelo Congresso Nacional mesmo com forte adesão popular, conhecida como “Diretas Já”.

## **1985-1992**

Então, indiretamente, em 1985, Tancredo Neves foi eleito marcando o fim da Ditadura Civil-Militar. Entretanto, ele faleceu antes de assumir o cargo, sendo convocado, então, seu vice José Sarney, que ficou no poder até 15 de março de 1990, quando passou a faixa presidencial a Fernando Collor de Mello que governou por apenas dois anos.

## **1992-2020**

Em 1992, tivemos o impeachment de Collor, que foi permeado por crise econômica e política, o que vimos repetir-se como farsa em 2016, quando houve o golpe jurídico-político que depôs a presidente Dilma Rousseff.

Entre 2019 e 2020, pudemos observar o retorno dos militares ao poder por meio de ministérios e conselhos, e temos vivenciado duramente a crise sanitária causada pelo novo coronavírus, juntamente à crise econômica, política e institucional.

Certamente, há muitos outros acontecimentos que poderiam ser aqui listados, entretanto, penso que estes são suficientes para relembramos a nossa história autoritária e antidemocrática. A partir disso, acredito que seja possível visualizar parcialmente a presença quase que constante dos militares nos golpes e contragolpes vividos pela República brasileira até os dias de hoje.

A partir desta exposição sintetizada, cabem duas perguntas sobre as quais devemos refletir: a República Federativa do Brasil é ou não é autoritária? Está ou não em constante crise institucional?

## NOSSA ANCILOSTOMOSE POLÍTICA

A inércia de parte da sociedade civil diante da destruição do Estado Democrático de Direito (garantido pela Constituição Federal de 1988) e dos efeitos nefastos disso para a vida nacional é uma espécie de “Ancilostomose política”.

Para aqueles(as) que talvez não tenham tido contato com a obra de Monteiro Lobato, a Ancilostomose (doença do amarelão), causada por nematódeos das espécies *Ancylostoma duodenale* e *Necator americanus*, era a causa da eterna preguiça de Jeca Tatu, personagem criada e eternizada pelo escritor paulista na primeira metade do século XX.

Em 1918, por ocasião da publicação da quarta edição de seu livro *Urupês*, Monteiro Lobato declara: “está provado que tens no sangue e nas tripas todo um jardim zoológico da pior espécie. É essa bicharia cruel que te faz papudo, feio, molenga, inerte”.

Tal qual a personagem de Lobato, parte da sociedade brasileira está anêmica (amarela), molenga e inerte. Apresenta uma preguiça inexplicável perante tantas perdas impostas pelo governo de matiz nazifascista do “messias”. Está, portanto, sendo parasitada e não reage.

O desmonte do Estado já impacta diretamente a oferta de educação e saúde pública, assim como a geração de emprego, a habitação, a segurança pública, o saneamento básico, os direitos trabalhistas e previdenciários, o combate eficaz da pandemia, o auxílio emergencial, dentre outras questões fundamentais para a nossa existência como nação.

Porém, diferentemente do Jeca Tatu, que não tinha consciência de que a sua falta de ânimo era causada por nematódeos, a sociedade brasileira sabe quem é o parasita, está ciente de que ele se alimenta de sangue, conhece o tratamento eficaz para, democraticamente, livrar-se dele, mas, incredulamente, permanece inerte.

Paradoxalmente, uma parte significativa desta sociedade, que não foi contaminada pelo vírus do bolsonarismo boçal, está se deixando infectar pela sua versão nematelminta, ficando também extremamente apática.

Enquanto isso, 345 mil pessoas morreram por Covid-19 no país, não há vacina suficiente para todos, os salários estão congelados, a inflação vem galopando, os cortes para áreas essenciais como saúde, segurança, educação, ciência e tecnologia se aprofundam, o isolamento internacional do país é um dado de realidade e o autoritarismo se agiganta. O que fazer?

A resposta é simples. É preciso purgar, por meio da luta política, os nematódeos que tomaram o poder em 2018. Mas alguém pode objetar-nos e dizer: “mas o que posso fazer? Eu moro no interior, numa cidade pequena e sem relevância no cenário nacional. Se eu gritar daqui, ninguém vai ouvir”. Errado.

Houve um tempo em que o local e o global pouco se conectavam, mas isso mudou nos últimos 30 ou 40 anos, sendo resultado dos avanços nas tecnologias da comunicação e dos transportes. Além disso, “nosso sistema global de comunicação por satélite, implementado há mais de 30 anos, tornou possível para as pessoas entrarem em contato umas com as outras instantaneamente”, como afirma o sociólogo Anthony Giddens, em seu livro *Sociologia*.

Assim, com o advento da Globalização, o local e o global não estão mais apartados como outrora. “Isto significa dizer que cada vez mais estamos vivendo num único mundo, e que os indivíduos, os grupos e as nações tornaram-se mais interdependentes”, continua Giddens. Ou seja, podemos apreender que o local tem poder para afetar positivamente ou negativamente o global e vice-versa. Neste sentido, se pararmos para pensar, a pandemia provou isto.

Então, com o mundo cada vez mais conectado, uma ação política feita no âmbito local pode atingir o global em questão de minutos. Logo, se a pandemia não permite manifestações de rua, as manifestações devem ser de outra natureza. Devem ser virtuais, ocorrendo por meio de redes sociais, e-mails para senadores e deputados federais, painelaços, tuitaços etc.

Não há justificativa para qualquer tipo de inércia e de apatia política. Pequenos gestos que manifestem seu posicionamento perante a barbárie valem muito e, mais do que isso,

são extremamente necessários. Diante da maior crise política, econômica, institucional e sanitária do Brasil republicano, abster-se é uma “Ancilostomose política”, é desculpa de amarelão, é preguiça.

## O BRASIL ESTÁ NARCOTIZADO

Nesta semana o Brasil alcançou a marca de trezentos mil óbitos causados pela Covid-19. Ainda assim, mesmo diante desta contabilidade macabra, ainda há pessoas negando a realidade, a gravidade e a extensão da pandemia. Por outro lado, há pessoas críticas às posturas negacionistas, mas ainda inertes em suas ações políticas.

Certamente, há muitas explicações teóricas para este comportamento social. Uma delas vem de Robert Merton e Paul Lazarsfeld, sociólogos estadunidenses do século passado que, em um texto intitulado “Comunicação de massa, gosto popular e a organização da ação social”, publicado pela primeira vez em 1948, desenvolveram o conceito de “disfunção narcotizante” produzida pelos *mass media* (mídia de massa).

Estes autores atribuem funções de imobilização social ao espetáculo da mídia, como se fosse efeito de um articulado processo de entorpecimento da audiência. Neste sentido, a disfunção narcotizante é denominada disfuncional (em vez de funcional) porque o aparente status de sociedade bem-informada não significa necessariamente que ela está politizada e que vai tomar atitudes para mudar o seu entorno.

As pessoas recebem cotidianamente, por vários meios, notícias o tempo todo, em um verdadeiro bombardeio de informações. Todavia, esta avalanche de informações não tem alterado o quadro de negacionismo e imobilismo político da sociedade. Ela permanece inerte, tanto para aceitar a gravidade do que vive quanto para exigir políticas mais eficazes de enfrentamento da pandemia.

Merton e Lazarsfeld fornecem pistas interessantes para uma possível compreensão desta situação. Segundo eles, estar exposto “a uma avalanche de informações pode servir para narcotizar o leitor ou o ouvinte mediano, em vez de estimulá-lo”.

O cidadão interessado e bem-informado, afirmam os autores, “pode contentar-se com seu elevado grau de interesse e negar-se a ver que se absteve de decisão e ação. Em suma, ele toma seu contato secundário com o mundo da realidade polí-

tica pela leitura de sua condição e o seu pensar como uma ação direta. Confunde, assim, o fato de conhecer os problemas cotidianos com a prática salutar de atuar sobre eles”.

A partir do que Merton e Lazarsfeld propuseram, nos dias de hoje, com a evolução dos meios de comunicação, pode-se dizer que a sociedade brasileira está narcotizada. “As pessoas estão preocupadas, estão informadas, têm toda sorte de ideias do que deve ser feito, mas, depois de terminado seu jantar e depois de ter escutado [visto] seu programa de rádio [TV] predileto e depois de ter lido seu segundo jornal diário [on-line], já é hora de ir para a cama”.

Assim, no enfrentamento da crise sanitária mais grave da história do Brasil a consciência social permanece inalterada no que diz respeito às reivindicações constitucionais de direito à saúde. “O indivíduo lê decisões de questões e problemas, inclusive, até aprecia linhas de ação afirmativas. Mas esta ligação remota com a ação social, de certa forma intelectualizada, não é ativada”.

Então, a avalanche de informações vindas de todos os meios midiáticos possíveis, sejam elas técnicas demais ou até mesmo falsas – e produzidas desta forma propositalmente, com intuito de gerar caos, negacionismo e imobilismo político –, passa a ser parte constituinte de um mesmo problema: todos os estratos sociais, independentemente de seu posicionamento, estão narcotizados.

## LIBERDADE É ESCRAVIDÃO, INDEPENDÊNCIA É MORTE

“Guerra é paz, liberdade é escravidão e ignorância é força”. Este é o lema do “Partido” que governa a Oceania, sociedade ficcional criada por George Orwell em seu romance intitulado *1984*.

Analisando os últimos acontecimentos políticos no Brasil, a impressão que dá é a de que Orwell embarcou no DeLorean DMC-12, viajou no tempo em direção ao futuro e veio parar no Brasil exatamente hoje, dia 7 de setembro de 2021.

Baseado no que viu e ouviu, Orwell escreveu seu romance, publicado em 1949, cujo enredo retrata uma sociedade distópica, com um Estado extremamente totalitário que, sob a vigilância de um Big Brother, procura mudar a história de seu povo, reescrevendo-a.

Esse governo criou até um novo idioma, a *novafala* ou *novilíngua*, que buscava restringir o pensamento de seus falantes ao alterar suas possibilidades de expressão. Em meio a tudo isso, o Estado “vigiava e punia”, como nos diria Michel Foucault, os que se manifestavam contra o novo regime.

À semelhança do romance de Orwell, no Brasil de Bolsonaro, ou melhor, na sociedade distópica do Bolsonaristão, há uma forte tentativa de reescrita da história e de perseguição a quem se opõe ao governo.

Há também uma forte campanha para eliminar de vez o pensamento crítico e a capacidade de reflexão dos sujeitos. O ato de pensar, no Bolsonaristão, passou a ter o mesmo significado que tinha na Oceania de Orwell: “significa não pensar – não ter necessidade de pensar. Ortodoxia é inconsciência”.

A meta do atual governo, desde 1º de janeiro de 2019, é fazer com que “todo o conhecimento real de *velhafala*” desapareça, que “toda a literatura do passado” seja destruída, inventando, inclusive, novas narrativas sobre eventos históricos como a ditadura militar brasileira.

Como na Oceania, “Chaucer, Shakespeare, Milton, Byron existirão somente em suas versões em *novafala*, em que,

além de transformados em algo diferente, estarão transformados em algo contraditório com o que eram antes”.

Na Oceania de Orwell, a função do “Departamento de Documentação” do “Ministério da Verdade” é mudar os arquivos jornalísticos do passado e reescrevê-los na *novafala*. Na prática, isto significa alterar dados e informações, tudo de acordo com os interesses do “Partido”. Quanta semelhança!

No Bolsonaristão, o “Departamento de Documentação” chama-se “Gabinete do Ódio”, órgão responsável pela alteração de dados, manipulação de informações, destruição de reputações e perseguição de adversários políticos. Aliás, coube a este Gabinete, desde o início do governo, a criação e a manutenção de um “Estado de Guerra” permanente.

Isto foi deveras importante para o afloramento do “nacionalismo” e do “patriotismo” da população, apesar de algumas operações policiais recentes terem revelado que, em muitos casos, eles não são genuínos.

Mas o Estado beligerante é essencial; afinal, ter um inimigo constante, mesmo que ele seja imaginário, é fundamental para a construção da justificativa de que “as coisas só irão melhorar depois que o inimigo for derrotado e a guerra for vencida”. É tudo mentira!

O pano de fundo deste permanente “Estado de Guerra” mostra que sua finalidade é evitar que os opositores ao governo se unam contra a destruição das instituições, a perda de seus direitos trabalhistas, a censura, a violência, a degradação da natureza, a corrupção etc.

Mas para os nacionais do Bolsonaristão a mentira passou a ser verdade e esta, por sua vez, passou a ser mentira. Eles/Elas estão em outra realidade, estão imersos em uma profunda e irreversível distopia.

Na *novafala* do Bolsonaristão “guerra é paz, liberdade é escravidão e ignorância é força”. Por isto, precisamos compreender que neste 7 de setembro quando pedem democracia e liberdade estão, na verdade, pedindo censura e ditadura.

Está tudo invertido, como no romance de Orwell: ignorância é força, com vilões podendo ser transformados em he-



róis. E esta ignorância é justamente o que dá força aos governantes, retroalimentado seu poder.

Como Paulo Freire, recorrendo a Hegel, escreveu: “na consciência do oprimido reside a verdade do opressor”. Portanto, não devemos nos iludir, visto que, como dito, está tudo invertido.

Neste dia 7 de setembro de 2022, guerra é paz, liberdade é escravidão, ignorância é força, verdade é mentira, independência é morte. Onde você fica em meio a tudo isso?

# LULA, UM FENÔMENO ELEITORAL

Luiz Inácio Lula da Silva é um fenômeno eleitoral. Sem dúvidas, é o maior vencedor de eleições presidenciais do Brasil de todos os tempos. Em 2022, ele poderá vencer a sua quinta disputa, pelo que indicam todas as pesquisas. Mas por que será que este cenário se apresenta mesmo com os sumários esforços para desmoralizá-lo?

Alguém que não tenha acompanhado com atenção sua trajetória pode objetar a possibilidade extremamente viável de sua vitória este ano e dizer: de onde vem esta sua convicção? Eu respondo, da história e da sociologia. Neste sentido, vamos, primeiramente, à história.

Em trinta anos de eleições presidenciais democráticas no Brasil, com o advento da Nova República, Lula, direta ou indiretamente, participou de todas elas. Sua trajetória vencedora nas eleições majoritárias teve início em 1989, quando chegou ao segundo turno com Fernando Collor de Melo, seu oponente.

Vítima de campanhas difamatórias, veiculadas fartamente na grande mídia nacional às vésperas daquele pleito, Lula não venceu aquela eleição, o que se repetiu nas disputas de 1994 e 1998, decididas em primeiro turno. Todavia, ele foi protagonista dos movimentos sociais e políticos de esquerda em todas elas.

Novamente, alguém pode apontar e dizer: mas ele foi derrotado! Ao que eu respondo: não foi, pelo contrário, ele cresceu e amadureceu seu projeto político, solidificando uma base eleitoral que lhe daria a vitória nas eleições seguintes. Assim, quando se somam os votos das três eleições perdidas, percebe-se o gigantismo de seu nome. Ou seja, de 1989 a 1998 69.663.837 de eleitores confirmaram o 13 nas urnas.

Lula segue, então, sendo protagonista e, em 2002, vence a sua primeira eleição presidencial com 61,27% dos votos, contra 38,72% de José Serra, do PSDB, seu adversário no segundo turno. No total, Lula teve 52.793.364 de votos.

Na eleição de 2006, o quadro praticamente se repete. O adversário dessa vez foi Geraldo Alckmin, também do PSDB, e

Lula o venceu com 60,83% dos votos válidos, ou seja, 58.295.042 de eleitores o escolheram. Geraldo, consequentemente, obteve 39,17% dos votos válidos.

Já nas eleições de 2010 e 2014, Lula venceu com Dilma Rousseff. A primeira mulher a se tornar presidente do Brasil foi uma indicação sua. Os adversários? O mesmo PSDB de sempre, com José Serra em 2010 e Aécio Neves em 2014.

A força política de Lula foi novamente testada e mostrada em 2018, quando, mesmo preso injustamente, registrese, mesmo proibido de forma arbitrária de dar entrevistas no percurso da campanha, ele, com muita serenidade e carisma, ajudou a levar Fernando Haddad ao segundo turno. Seu candidato não venceu, mas obteve 44,87% dos votos válidos. É importante lembrar que Haddad, no início da corrida eleitoral, tinha apenas 4% das intenções de votos.

Para mim, em 2018, Lula obteve mais uma vitória sobre seus adversários, dadas as circunstâncias daquele processo eleitoral, marcado por ataques pessoais, perseguições jurídicas e propagação de *fake news* em larga escala. Isso, claro, somado ao injusto impedimento de sua candidatura.

Em 2022, o Brasil realizará a sua nona eleição presidencial direta. Novamente, Lula é o protagonista, visto que todas as pesquisas revelam isto, indicando, inclusive, uma real possibilidade de vitória de sua candidatura já no primeiro turno.

Feita esta breve retrospectiva, na qual apresentei números extraídos do próprio Tribunal Superior Eleitoral (TSE), afirmo que não surgiu no Brasil, nas últimas quatro décadas, nenhum personagem como Luiz Inácio Lula da Silva – seu carisma é único. É neste ponto, então, que surge a explicação sociológica de seu sucesso, mencionada anteriormente.

Lula é a materialização de alguns conceitos encontrados na sociologia weberiana. Um exemplo é o conceito de dominação carismática, na qual, segundo Weber, “a legitimidade da autoridade do líder lhe é conferida pelo afeto e pela confiança que os indivíduos depositam nele”.

Ademais, Lula também se enquadra naquilo que Weber definiu como a ética da convicção, na qual “o indivíduo perma-

nece fiel às suas concepções e valores, independentemente das consequências práticas que isto possa ter”.

Podemos ver este conceito sendo aplicado na prática quando, condenado injustamente, pura e simplesmente por conta de um *lawfare*, Lula não fugiu do país, embora tivesse como fazer isso. O ex-presidente também não se revoltou, não pregou o ódio ou a rebelião, não desmoralizou as instituições e sempre buscou, dentro do devido processo legal, provar a sua inocência.

Neste sentido, Lula agiu weberianamente, dentro dos princípios que regem a ética da responsabilidade, guiando-se por esta ética e refletindo firmemente sobre as consequências de suas ações e decisões, o que nos leva novamente a Weber, que aponta que “é das consequências políticas de suas decisões que [os dominantes carismáticos] respondem pela moralidade de seus atos”.

Lula é, portanto, um fenômeno eleitoral e, como demonstrei neste texto, isso não é pieguismo, trata-se de um dado histórico, impossível de ser negado, pois está fartamente registrado nos anais da história.

Negar a importância de Lula, seu carisma, seu potencial eleitoral, bem como o seu compromisso com o Brasil, não é apenas desconhecer a recente história política do Brasil, é também assumir uma postura imposta pelo autoengano.

## A FOME VOLTOU

Passar fome é uma humilhação, mas passar fome em um país que se autointitula o celeiro do mundo é uma perversidade, um flagelo.

Em 1993, estava iniciando minha jornada no Ensino Médio. Naqueles dias, deparei-me com um livro intitulado “A fome: crise ou escândalo?”, escrito pelo geógrafo brasileiro Melhem Adas.

Neste texto, Adas apresenta e discute, com números, a questão da fome no mundo, definindo-a conceitualmente e analisando questões estruturais que estão por detrás desta situação que ele mesmo define como “uma vergonha para a humanidade”.

Interessante é que a primeira edição do livro é de 1988, mas o tema continua atual. A fome no Brasil hoje, pegando o gancho do subtítulo do livro de Adas, é um escândalo e passa ao largo de qualquer relação com a quantidade de alimentos produzidos anualmente.

No governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, pela primeira vez, ousou-se encarar o problema da fome de frente por meio de um programa institucionalizado, integrado e específico de erradicação deste flagelo no país.

Isto é um dado de realidade, materializado na vida das pessoas que foram beneficiadas pelo programa Fome Zero.

Mesmo tendo estabelecido ações emergenciais de combate à fome, distribuindo alimentos – afinal, quem tem fome tem pressa –, as diretrizes do programa estavam voltadas para a construção de políticas estruturais globais e perenes em diversas frentes.

À guisa de exemplo, no âmbito da reforma agrária foram pensados: um plano nacional, um plano emergencial de assentamento de famílias acampadas e a recuperação de assentamentos em situação precária.

Avançou-se no fortalecimento da agricultura familiar, na ampliação do crédito rural para esses agricultores e, fundamentalmente, na compra antecipada da produção.

O Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) fizeram a triangulação entre governo, agricultura familiar e consumidores, fomentando a segurança alimentar no campo e na cidade.

Ademais, investiu-se ainda na ampliação do acesso e da qualidade da educação do campo, bem como na alfabetização de jovens e adultos, no financiamento para habitação e saneamento para famílias de baixa renda, além de programas de expansão do microcrédito, do primeiro emprego e do incentivo ao turismo rural.

Como dito, naquela época, a fome, pela primeira vez na história do Brasil, foi tratada de forma global e institucionalizada. Acima de tudo, o programa Fome Zero se preocupou em dar segurança alimentar e nutricional aos brasileiros de maneira contínua.

Isto é deveras importante, pois há uma diferenciação da fome, apontada por especialistas em nutrição: a fome global e a fome parcial.

No caso da fome global, citada por Adas, trata-se de uma fome energética. Noutras palavras, há a incapacidade de os alimentos ingeridos diariamente fornecerem as calorias necessárias para suprir os gastos energéticos realizados pelo próprio organismo.

Portanto, não basta apenas comer qualquer coisa. É preciso que os alimentos ingeridos possuam as qualidades proteicas necessárias para o fornecimento de energia ao corpo, ou seja, a alimentação tem que ser de qualidade.

Já a fome parcial, segundo o mesmo autor, está ligada à falta prolongada de substâncias importantíssimas para o corpo, como proteínas, vitaminas e sais minerais, essenciais para a manutenção da função celular e para a restauração dos tecidos e dos órgãos.

Assim, para além das discussões político-partidárias e político-ideológicas sobre o governo Lula, há um fato inconteste no Brasil que se impõe historicamente: em 2014 o país saiu do Mapa da Fome, elaborado pela ONU.

Todavia, para a tristeza de muitos e a alegria de poucos, voltamos a esse Mapa em 2020. De acordo com a Rede Brasilei-

ra de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede PENSSAN), hoje, “a insegurança alimentar grave – ou seja, a fome – atinge 9% da população”.

Ainda segundo o levantamento, “os resultados evidenciam que, em 2020, a insegurança alimentar e a fome no Brasil retornaram aos patamares próximos aos de 2004”, ano em que, registre-se, o programa Fome Zero havia completado seu primeiro aniversário.

Agora, o Brasil volta a viver o drama da fome global e parcial, que fazem parte novamente da realidade de cerca de 19,3 milhões de brasileiros.

Na terra onde o agro é pop, é tech, é tudo, que produz, portanto, alimentos em excedente, isto é um flagelo, uma perversidade.

A fome não pode continuar. É preciso o retorno urgente do programa Fome Zero e de todas as políticas a ele associadas.

## **LULA ACABARÁ COM A FOME NO BRASIL**

A fome voltou a fazer parte do cotidiano de milhões de famílias brasileiras nos últimos quatro anos. Este quadro já havia mudado bastante durante os treze anos de governo do Partido dos Trabalhadores, cujo ápice foi a retirada do país do Mapa da Fome – desenvolvido pela Organização das Nações Unidas (ONU).

Luiz Inácio Lula da Silva é o único que tem condições de acabar com o flagelo da fome no Brasil. Afirmo isto baseado no que ele já fez, ou seja, na sua experiência em tratar do tema. Ademais, é importante ressaltar que em um novo governo Lula terá à sua disposição uma rede de profissionais da mais alta qualificação, com expertise em temas ligados à agricultura familiar e ao desenvolvimento da segurança alimentar no país.

É importante que se diga que o tema da fome no Brasil só passou a ser uma pauta institucionalizada – com a criação de um mosaico de políticas públicas voltadas a atender as demandas ligadas à produção, à distribuição e à comercialização de alimentos – quando o presidente Lula assumiu o governo em 2003.

Certamente, sempre houve combate à fome no país, com belíssimas iniciativas da sociedade civil, como as campanhas da Igreja Católica, setores das Igrejas Evangélicas, ONGs e demais instituições sociais. Uma das campanhas mais importantes foi, sem dúvida, a “Ação da Cidadania Contra a Fome, a Miséria e pela Vida”, liderada pelo sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, iniciada no ano de 1993. Mas nenhuma sociedade pode contar apenas com caridade.

Por isso, no primeiro governo Lula houve a institucionalização de políticas públicas efetivas de combate à tragédia da fome em nosso país. Em seu primeiro governo, de forma simultânea, várias medidas foram tomadas, como a recriação do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea), criado no governo Itamar Franco e, curiosamente, extinto no início do governo de Fernando Henrique Cardoso.



As medidas continuaram e foi criado o Ministério Extraordinário de Segurança Alimentar e Combate à Fome (MESA), que ficou sob o comando do agrônomo José Graziano da Silva, um dos maiores, se não o maior estudioso do mundo rural no Brasil. É sob o seu comando que foi implementado o maior programa de combate à fome do mundo, o Programa Fome Zero.

O Fome Zero não se dedicou à distribuição de alimentos, apesar de isso ter ocorrido, tratando-se de uma política pública cujo referencial estava na ideia de construção de mercados que garantissem a segurança alimentar e a sustentabilidade. Nesse sentido, conforme registram os professores Catia Grisa e Sergio Schneider no texto *Três gerações de políticas públicas para a agricultura familiar e formas de interação entre sociedade e Estado no Brasil*:

*“O Projeto Fome Zero partiu da premissa do direito humano à alimentação e do diagnóstico de que este não estava sendo efetivado em razão da insuficiência da demanda, da incompatibilidade dos preços dos alimentos com o poder aquisitivo da maioria da população e da exclusão da população pobre do mercado. Para alterar este cenário, foi proposto um conjunto de políticas estruturais que visavam melhorias na renda e o aumento da oferta de alimentos básicos, ou seja, era preciso mudanças na ‘ponta’ da produção, conferindo prioridade à agricultura familiar, e na ponta do consumo, de preferência articulando-as”.*

Como dito, o Fome Zero foi a maior política pública de combate à fome do mundo. Um amplo programa que atuou de forma conjunta em várias etapas do processo de produção de alimentos. A partir dele, avançou-se no fortalecimento da agricultura familiar, na ampliação do crédito rural para esses agricultores e, fundamentalmente, na compra antecipada da produção.

Nesse sentido, o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) fizeram uma triangulação interessantíssima que permitiu o fortalecimento da produção familiar de alimentos e, consequentemente, maior abastecimento dos mercados locais, regionais

e nacional.

No âmbito da reforma agrária foram pensados: um plano nacional, um plano emergencial de assentamento de famílias acampadas e a recuperação de assentamentos em situação precária. Ademais, investiu-se ainda na ampliação do acesso e da qualidade da educação do campo, no financiamento para a habitação rural, além de programas de expansão do microcrédito e do incentivo ao turismo rural.

Como dito, no governo Lula a fome, pela primeira vez na história do Brasil, foi tratada de forma global e institucionalizada. Acima de tudo, o programa Fome Zero se preocupou em dar segurança alimentar e nutricional aos brasileiros de maneira contínua, por meio de políticas públicas jamais vistas no país. Portanto, acabar com a fome no Brasil não é uma simples promessa de campanha, algo utópico, quimérico, irrealizável. Lula já a cumpriu e o fará novamente!

Citei brevemente apenas o Fome Zero, o PAA e o PNAE, mas há muito mais. Aqueles(as) que foram beneficiados(as) por esses programas sabem disso, guardando na memória o tempo de políticas públicas efetivas que lhes proporcionaram trabalho e renda, políticas integradas de combate à fome reconhecidas e premiadas internacionalmente, que serviram de exemplo para diversos países.

É por isto que afirmo, sem medo de errar, que Lula é o único que tem condições de acabar com a fome no Brasil. Repito, ele já fez e fará de novo. A atual situação é inaceitável e precisamos agir principalmente por meio do voto para termos, ao menos, um país sem fome.

## **“VAI DAR PT, VAI DAR, VAI DAR PT, VAI DAR!”**

Na semana passada, escrevi sobre o fenômeno eleitoral chamado Luiz Inácio Lula da Silva, o maior vencedor de eleições presidenciais do Brasil de todos os tempos. Todavia, Lula não teria logrado êxito em sua jornada sem o Partido dos Trabalhadores (PT), tema de hoje da coluna.

O PT foi oficializado pelo Tribunal Superior Eleitoral, em São Paulo, no dia 10 de fevereiro de 1980, completando, portanto, em 2022, 42 anos. São quatro décadas de participação política e de representação dos interesses da classe trabalhadora brasileira. Desde a sua fundação, o partido esteve presente em todos os grandes acontecimentos da vida nacional.

Para os que são mais jovens, é importante relembrarmos alguns acontecimentos marcantes da vida nacional, a fim de que eles possam perceber a importância histórica do PT, fundado por operários, intelectuais, artistas, enfim, por brasileiros(as) do campo e da cidade.

Em 1984, quando ainda era recentemente criado, o partido já estava presente na luta por eleições diretas em nosso país. No dia 25 de janeiro de 1984, o PT, representado por seus militantes e lideranças, estava nas ruas de São Paulo e de outros cantos do Brasil, gritando, com toda força, por “Diretas Já”.

Em 1988, no mais importante acontecimento da história da Nova República, a Assembleia Nacional Constituinte, o PT estava lá. Lula e demais deputados constituintes do PT, bem como de outros partidos de esquerda, foram fundamentais para a inserção de direitos sociais e políticas públicas no texto da Carta Magna.

Conforme mencionado na semana passada, de 1989 a 2018, Lula e o Partido dos Trabalhadores estiveram presentes, como protagonistas, de todas essas eleições presidenciais. É verdade que ocorreram derrotas, mas é fato também que as vitórias foram maiores, em todos os sentidos – como a redução da fome e da pobreza no Brasil.

Não custa lembrar que, no governo de Lula, o Brasil chegou a ser a sexta economia do mundo, suplantando, por exem-

plo, o Reino Unido. Hoje, o Brasil está na décima quinta posição no ranking econômico mundial em termos de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB).

Como dito, o Partido dos Trabalhadores foi fundado por representantes de vários segmentos sociais, sendo um partido heterogêneo, mas, acima de tudo, um partido com bandeira, com ideologia, com lado. O PT tem um lado, o lado dos trabalhadores, o que é fundamental, é condição *sine qua non* para qualquer agremiação política, ainda mais para um partido de esquerda.

Certamente, como em todo agrupamento humano, plural, divergente e insurgente, há conflitos internos. No PT não é diferente, há no partido alas e ideologias diferentes. Com efeito, julgo que isto não é ruim, pelo contrário, é um sinal de força, de maturidade democrática interna, afinal, não é na homogeneidade que se afirmam as identidades, mas, sim, na heterogeneidade. É como dizer: “viva a diferença”, pois é na diferença que percebemos e resolvemos nossas contradições e avançamos.

Neste sentido, foi justamente a pluralidade que fez o partido grande, contando hoje com quase dois milhões de filiados e mais outros milhões de simpatizantes. Não tenho dúvidas de que foi a força destes números que fez o partido permanecer como protagonista no cenário político nacional, mesmo diante de crises e ataques.

Não custa lembrar – e isto é um dado de realidade que se impõe e que está para além do aceite ou do reconhecimento dos que odeiam o partido – que o PT foi o único que há oito eleições presidenciais esteve “na final”, como dito, mesmo com derrotas.

E pelo que indicam as pesquisas, em 2022, novamente, o partido e seu candidato vêm fortes para a disputa eleitoral. Não se trata de achismos ou ilações, são números, pesquisa, estatística, enfim, é matemática. Aos adversários, cabe o papel de negar esta realidade, o que não a mudará em nada.

Na Nova República, que começa efetivamente em 1989, nenhum outro partido no Brasil foi tão perseguido como o PT. E nunca se tratou de embate político ou ideológico, mas, sim,

de perseguições institucionais, oficiais, programadas com a finalidade de fazê-lo desaparecer.

Todavia, o partido não desapareceu, pelo contrário, continuou crescendo a ponto de ter, até recentemente, a maior bancada na Câmara Federal, sendo superado apenas após a fusão entre o Partido Social Liberal (PSL) e o Democratas (DEM), dando origem ao partido União Brasil, atualmente com a maior bancada.

Portanto, apoiado no conhecimento do percurso histórico do partido, da sua força coletiva, da sua tradição e no brilhantismo e no carisma de Luiz Inácio Lula da Silva, afirmo que o futuro está a nos dizer que vai dar PT, novamente. É o que almejamos e pelo que trabalhamos.

## **A CULPA NÃO É SUA, MAS, SIM, DO NEOLIBERALISMO!**

No dia 11 de maio de 1998, o então presidente da República Fernando Henrique Cardoso, em uma entrevista, chamou os funcionários públicos de vagabundos. Segundo ele, a culpa pelo déficit da Previdência vinha da aposentadoria precoce desses trabalhadores.

Assim como a proposta de Reforma da Previdência de 2019, a proposta de FHC para resolver esse problema atacava violentamente os direitos dos trabalhadores brasileiros. O discurso era exatamente o mesmo que ouvimos dois anos atrás: era preciso reformar para cortar privilégios, pois só assim o país poderia voltar a investir e, conseqüentemente, a crescer.

O desenvolvimento ulterior ao tema da Previdência mostrou que era tudo falácia, pois mesmo com a Reforma de 1998 o Brasil continuou estagnado. Como uma das conseqüências daquela conjuntura, FHC não conseguiu eleger seu sucessor, José Serra, que foi derrotado em 2002 por Luiz Inácio Lula da Silva.

A fala de FHC, na verdade, representa ecos do pensamento de uma elite nacional que tem ódio de tudo aquilo que não é espelho – para citar, aqui, um verso de uma canção de Caetano Veloso. Ele não foi o único, afinal, a chamar trabalhadores de vagabundos, visto que é algo recorrente no Brasil. Essas frases são ditas quase sempre por representantes de classe, como deputados, senadores e lideranças empresariais.

Todavia, indago: o que estava, de fato, por detrás daquela manifestação preconceituosa de FHC? Muitas coisas, mas, hoje, quero me ater a duas especificamente: a ideologia neoliberal e a culpabilização do sujeito, pois, a partir do golpe jurídico-político de 2016, os discursos e as ações políticas de cunho neoliberal retornaram com força aos espaços decisórios de poder da nação brasileira.

Antes, porém, de avançar no objeto de discussão propriamente é preciso fazer uma breve contextualização acerca do neoliberalismo. Como a própria palavra já descreve, trata-se de um novo liberalismo, cujos principais teóricos certamente

são: Ludwig von Mises, Milton Friedman, Ludwig von Hayek e Walter Lipman, que desde a década de 1940 já teorizavam acerca da necessidade de refundação do liberalismo clássico.

Milton Friedman, por exemplo, é, no meu entendimento, o maior opositor do keynesianismo – doutrina econômica desenvolvida por John Maynard Keynes, cujo centro está no papel intervencionista do Estado como principal agente desenvolvedor e garantidor de uma ordem econômica sólida e perene.

Não custa lembrar que foram as ações de cunho keynesiano que salvaram o capitalismo da bancarrota, a partir da crise econômica desencadeada com a quebra da Bolsa de Nova York em 1929. Isso está fartamente registrado nos anais da história.

De todo modo, a partir da década de 1970, o “Estado keynesiano” começou a dar sinais de enfraquecimento com o advento da crise do petróleo de 1971. Isso criou as condições sócio-históricas para o crescimento do neoliberalismo, como dito, que já vinha sendo pensado desde o final da primeira metade do século XX.

Pode-se dizer que o ápice de implementação do neoliberalismo ocorreu nos Estados Unidos e na Inglaterra a partir, fundamentalmente, da década de 1980. Os principais arautos dessa ideologia política e econômica nesses países foram, respectivamente, Ronald Reagan e Margaret Thatcher que, a partir de um amplo programa de flexibilização das leis trabalhistas e de privatizações, levaram a cabo essa proposta.

Feita esta breve contextualização, passemos, então, para a análise de um componente do neoliberalismo que julgo essencial para reflexão de todos/as: a culpabilização dos sujeitos.

Juntamente com a ideia de livre mercado, de empreendedorismo, de privatização dos serviços públicos, de redução do Estado, dentre outras, a responsabilização ou a culpabilização das pessoas também faz parte do neoliberalismo, porém este componente não aparece de forma explícita como os outros, ainda que esteja lá de forma latente.

A responsabilização do sujeito no neoliberalismo tende a se dar em forma de discurso de ódio. É uma cantilena bem co-

nhecida, dita e repetida até mesmo pela classe trabalhadora, infelizmente. Este discurso pode aparecer de diferentes maneiras como “a culpa é sua ‘vagabundo/a’, que não estudou”, “que não trabalhou o suficiente”, “que não foi sábio para empreender”, “que não poupou”, enfim, “que não lutou aguerridamente para obter êxito na vida”.

Esta dimensão da culpa se estende para outras esferas da vida social, não ficando restrita apenas ao mundo do trabalho ou às relações puramente econômicas. Ela se apresenta, também, como reforço das estruturas carcomidas da velha sociedade patriarcal.

A dominação masculina, por exemplo, pode ser vista em casos de violência contra a mulher, em que há a culpabilização da vítima por ser “fraca” e tolerar um sujeito violento. Em casos como este, além da dependência emocional e até mesmo do receio de o caso evoluir para o feminicídio, muitas vezes é o esposo violento que detém o poder financeiro do lar, o que inviabiliza que a mulher saia da situação, mas fica escamoteado no discurso da culpabilização.

Partindo deste pressuposto, de que a culpa é sempre do sujeito, a culpa do estupro, por exemplo, passa a ser da roupa curta e provocante que a moça vestia naquele dia, bem como a culpa da gravidez indesejada é exclusivamente da mulher que não se preveniu. Em outro âmbito, vemos também a culpa de uma prisão indevida ser da vítima que, por ser negra e estar segurando um guarda-chuva, acabou “confundindo” os policiais no momento da blitz.

Portanto, no contexto do pensamento neoliberal em sua plenitude, a culpa de a Previdência ser deficitária, era, para o governo FHC, e ainda é para a atual gestão federal, dos trabalhadores, principalmente dos funcionários públicos. Por isto, ainda é comum chamá-los de “vagabundos”.

Entretanto, perante todas estas questões, afirmo que a culpa não é dos sujeitos em nenhum dos casos! Isto é mentira!

Não posso deixar de apontar, porém, que este tipo de assertiva é uma “grande sacada” do neoliberalismo, pois tanto a culpabilização das pessoas, principalmente quando indivi-



dualizada, quanto a transferência, para os sujeitos, de qualquer tipo de fracasso do Estado acaba por retirar do sistema e de suas “estruturas estruturantes”, para citar Bourdieu, a causa real e o verdadeiro responsável pelos problemas de desigualdade social, de gênero, de luta de classe, de ausência de igualdade de oportunidades, de acesso à justiça etc.

Ainda a este respeito, mas em outra direção, um discurso do neoliberalismo que também é falacioso diz respeito à ideia de liberdade. *A priori*, o sujeito tem liberdade de ir e vir, de empreender e até mesmo de ficar rico. Todavia, se no percurso de sua vida ele/a não conseguir êxito financeiro é porque não se esforçou o suficiente para tal. Não teve mérito – frase mágica que sai da boca do neoliberal o tempo todo. Nada mais tolo do que isto.

Como bem lecionou Durkheim, a sociedade é muito mais do que a soma de atos individuais; ela possui uma “firmeza” ou uma “solidez” comparável às estruturas do ambiente material. A economia, a política, a cultura são “estruturas estruturadas predispostas a funcionarem como estruturas estruturantes”, novamente citando Bourdieu.

Neste sentido, por mais que os sujeitos sejam dotados de volição/vontade e, de fato, eles/as são, não deixam de estar inseridos/as em um sistema, em uma estrutura social perversa, opressora, castradora, sustentada e radicalizada em sua perversidade justamente pelo neoliberalismo que, para além de ser uma doutrina econômica é, antes de tudo, uma ideologia política.

Portanto, a culpa do seu desemprego, do seu aluguel caro, da sua precária alimentação, da sua saúde debilitada, do seu analfabetismo digital, dentre outras, não é sua, acredite. A culpa é da política neoliberal, que é perversa, excludente e fraudulenta.



AMAZÔNIA, OUTROS OUROS  
E CONTRADIÇÕES



## A AMAZÔNIA E OS OBSTÁCULOS EPISTEMOLÓGICOS

Gaston Bachelard, no texto *A formação do espírito científico*, propôs uma psicanálise do conhecimento – em que o seu desenvolvimento é analisado através de suas condições internas, psicológicas –, bem como a noção de obstáculos epistemológicos.

O filósofo francês enumera alguns destes obstáculos que atuam como impeditivos para a pesquisa científica, tais como o obstáculo da realidade, do senso comum e da opinião, que são causas de estagnação, regressão ou inércia do conhecimento, segundo ele.

Para Bachelard, “o ato de conhecer dá-se contra um conhecimento anterior, destruindo conhecimentos mal estabelecidos e superando o que, no próprio espírito, é obstáculo à espiritualização”.

Baseado nesta premissa, entendo que poucos lugares do mundo acumularam tantas opiniões e pré-noções, portanto, conhecimentos mal estabelecidos como a Amazônia.

Dos relatos de Vicent Pinzón, passando por naturalistas, viajantes, peregrinos, comerciantes, literatos, entre outros, todos, de alguma forma, empreenderam análises e discursos sobre a região. Entretanto, conforme pontua Paul Ricoeur (1989), “explicar não é compreender”, visto que “a compreensão remonta à correlação de conceitos num processo amplo e deve vir primeiro”.

Isto posto, vejamos, de forma resumida, três conhecimentos mal estabelecidos sobre a região: 1) a análise histórica do processo de desenvolvimento econômico por meio de uma categoria explicativa e genérica chamada “ciclo”; 2) a Amazônia como pulmão do mundo; 3) a Amazônia como santuário intocado.

A análise histórica do desenvolvimento econômico amazônico é geralmente feita a partir de diversos ciclos, como o ciclo das drogas do sertão, do cacau, da castanha, da borracha, da juta/malva, da Zona Franca de Manaus e outros.

Todavia, conforme Renan Freitas Pinto (1982) coloca, dividir e subdividir a história da Amazônia em ciclos de produtos nos impede de esclarecermos alguns pontos principais a serem analisados nesses processos, como: quais foram as formas de utilização da força de trabalho? De que maneira era incorporada a mão de obra aos processos de trabalho utilizados nesses diferentes momentos de incorporação da região ao processo de acumulação do capital?

O ciclo econômico da borracha, por exemplo, sinônimo de prosperidade econômica e de elevação social e cultural da Amazônia, quando abordado noutra perspectiva, revela sua face contraditória. De acordo com Márcio Sousa (2002), o ciclo criou uma cultura extrativista na região, assim como um sistema de exportação e reexportação bastante atrasado, com uma elite mais vinculada à Europa do que ao Brasil.

O segundo conhecimento mal estabelecido é bem famoso e, felizmente, já desconstruído, apesar de ainda permanecer, de certa forma, no imaginário do senso comum. Trata-se da hipótese da Amazônia como pulmão do mundo.

Apesar de toda a grandiosidade de seus 5.015.067,749 km<sup>2</sup>, correspondentes a 58,9% do território brasileiro, segundo o IBGE (2020), junto aos 25 mil km de rios navegáveis, que formam a maior bacia hidrográfica do mundo, e à maior floresta tropical que retêm dióxido de carbono, o principal gás de efeito estufa, não é correto dizer que a Amazônia é o pulmão do mundo.

A Amazônia nunca foi o pulmão do mundo, devido a um mecanismo simples. O oxigênio nela produzido é consumido ali mesmo, ocorrendo, portanto, menor liberação deste gás vital na região, quando comparada às algas cianofíceas que são, estas sim, responsáveis pela produção de 55% do oxigênio do planeta.

O climatologista Carlos Nobre, em entrevista a um importante veículo de comunicação do país, afirma que “a Amazônia não altera muito o balanço de oxigênio”, pois mesmo que retire anualmente “até dois bilhões de toneladas de gás carbônico da atmosfera, através da fotossíntese”, ela emite apenas

“0,001% do oxigênio do planeta”, que correspondem a 1,5 bilhões de toneladas de oxigênio.

Por fim, temos o conhecimento mal estabelecido da Amazônia como natureza intocada, como um santuário. Mas essa ideia de vida natural selvagem (*wilderness*) é um *neomito*, conforme expõe Antonio Carlos Diegues em *O mito moderno da natureza intocada* (1996).

Diegues afirma que esta noção “diz respeito a uma representação simbólica pela qual existiriam áreas naturais intocadas e intocáveis pelo homem, apresentando componentes num estado ‘puro’ anteriormente ao aparecimento do homem”.

Todavia, Eilen (1989), citado por Diegues (1996), aponta que “a natureza em estado puro não existe, e as regiões naturais apontadas pelos biogeógrafos usualmente correspondem a áreas extensivamente manipuladas pelos homens”.

Assim, são muitos os conhecimentos mal estabelecidos ou obstáculos epistemológicos para a compreensão da Amazônia. Neste sentido, para sua superação, recorrendo novamente à Bachelard, é preciso uma ruptura, ou seja, “pôr em suspenso as pré-construções vulgares e os princípios geralmente aplicados na realização destas construções”.

Este processo “implica uma ruptura com modos de pensamento, conceitos, métodos que têm a seu favor todas as aparências do senso comum, do bom senso vulgar e do bom senso científico”, nas suas palavras.

Portanto, a identificação destes conhecimentos mal estabelecidos visando sua superação é condição *sine qua non* para a análise e a compreensão dos temas relacionados à Amazônia, principalmente, nestes tempos de elevado status midiático da região.

## AMAZÔNIA: PARA ALÉM DO GARIMPO (PARTE 1)

Não há no mundo outra região com maior diversidade biológica do que a Amazônia. Na verdade, temos, aqui no Brasil, a maior biossociodiversidade do planeta, com riquezas incomensuráveis que superam com folga o ouro depositado no leito do Rio Madeira.

Segundo dados da Embrapa Amazônia Oriental, com sede em Belém, “estima-se que o bioma encerre mais de cinco mil espécies de árvores. A cada hectare é possível encontrar de 40 a 300 espécies diferentes. Em toda a América do Norte, estão catalogadas apenas 650 espécies arbóreas”.

Os números impressionam e, além de indicarem uma enorme diversidade, revelam o tamanho do desafio que a sociedade tem diante de si para não permitir que toda esta vida se esvaia.

É preciso preservar a floresta, defendê-la, mas, acima de tudo, é preciso compreendê-la para que se possa criar, aqui, um modelo de desenvolvimento não mimético, capaz de trazer qualidade de vida para os povos da floresta, mantendo, ao mesmo tempo, a floresta em pé.

Isto é possível? Entendo que sim. Há um leque de ações que podem ser desenvolvidas explorando a floresta, também utilizando áreas já degradadas. Neste sentido, muitas atividades econômicas podem ser desenvolvidas a partir do extrativismo e do manejo, bem como da domesticação de determinadas plantas.

Alfredo Homma, no texto *Extraíndo, manejando e domesticando os recursos da biodiversidade amazônica* (2021), fala das potencialidades de algumas espécies da flora amazônica que, segundo ele, podem ser utilizadas como produtos alimentícios, fitoterápicos e aromáticos, como corantes, como o controle de pragas e doenças, dentre outras possibilidades.

Todavia, alerta o pesquisador, para que isto ocorra de maneira organizada e duradoura, são necessários recursos e investimentos em Ciência e Tecnologia (C&T), para que possam



ser produzidos novos conhecimentos sobre o bioma, utilizando também aqueles que já foram disponibilizados pelas instituições de pesquisa da própria Amazônia.

Homma ainda apresenta uma lista com espécies economicamente viáveis que são utilizadas pelos povos da Amazônia há séculos, tais como: a cinchona, o jaborandi, a andiroba, a copaíba, o timbó, o pau-rosa, dentre outros.

Como exemplo, podemos pensar que, muito antes da chegada dos colonizadores, povos andinos já utilizavam a cinchona para o tratamento da malária. Da sua casca, eles retiravam aquilo que mais tarde foi identificado como quinina, um alcaloide com propriedades antitérmicas, antimaláricas e analgésicas, importantíssimo no combate à infecção.

Já o jaborandi ou, como era chamado pelos povos tupi-guarani, a “planta que faz babar” é uma fonte importante de pilocarpina, um alcaloide encontrado em suas folhas. Esta substância é empregada, principalmente, no tratamento de glaucoma e de xerostomia, popularmente conhecida como boca seca.

A andiroba e a copaíba, por sua vez, óleos medicinais, possuem propriedades anti-inflamatórias, sendo produtos largamente utilizados pela indústria de cosméticos e farmacêutica.

O timbó, cujas raízes são inseticidas naturais, antes da chegada do Dicloro-Difenil-Tricloroetano, o famoso inseticida DDT, foi amplamente utilizado e exportado pelos estados do Amazonas e do Pará. Atualmente, com o apelo cada vez mais forte por inseticidas naturais, há um espaço aberto para o seu retorno efetivo.

Sobre o pau-rosa, talvez muitas pessoas não saibam, mas até 1990 o famoso e caríssimo perfume *Coco Chanel* n.º 05 tinha como principal ingrediente o óleo daquela planta.

Aliás, a extração deste óleo é uma fonte inesgotável de polêmicas, considerando sua extinção nas áreas mais acessíveis devido à exploração predatória. Entretanto, com a criação do linalol sintético na década de 1980, ocorreu o declínio da extração do óleo.

Ainda sobre esta planta, de acordo com Alfredo Homma, o pau-rosa é uma das riquezas da Amazônia. Segundo ele, “Amazonas e Pará chegaram a exportar 444 toneladas de óleo essencial em 1951. A média do triênio 2018/2020 foi de apenas 1.440 kg e o custo do óleo essencial por volta de US\$ 323/kg”.

“Para exportar a quantidade máxima”, continua o pesquisador, “já deveria ter iniciado plantios há cerca de 20 a 30 anos, permitindo o corte de 30 mil árvores/ano, gerando divisas da ordem de 74 milhões de dólares anuais. A sua verticalização na região permitiria a formação de um polo floro-xilo-químico de óleos essenciais para perfumaria, cosméticos e fármacos na Amazônia”.

Perante este cenário, as potencialidades da flora amazônica são quase que ilimitadas. Eu citei alguns exemplos apenas, mas há dezenas de plantas com potencial de exploração econômica na região, bem como produtos com potencial de geração de emprego e renda para a população local e regional.

Todavia, é preciso que o discurso de preservação se materialize em ações práticas, com investimentos em pesquisas que viabilizem atividades econômicas adaptadas ao bioma amazônico. Para isto, no que tange às plantas, é preciso trabalhar em esquemas de manejo, domesticação e descoberta de novos produtos a partir delas, bem como na abertura de mercados a nível local, regional, nacional e mundial.

Chega de mimetismo, temos na Amazônia, como indicado parcialmente aqui, muitos produtos da flora, muitas riquezas, “muitos ouros”.

A Amazônia está, portanto, para além do garimpo, apesar do que se tem comentado publicamente nos últimos tempos, seja ele autorizado ou explorado criminosamente na região.

## AMAZÔNIA: PARA ALÉM DO GARIMPO (PARTE 2)

Na semana passada, escrevi sobre a Amazônia estar para além do garimpo, afirmando que existem “outros ouros” nestas terras, que ainda não foram devidamente explorados. Estava me referindo, como você deve se lembrar, às potencialidades econômicas de algumas plantas da região.

Dando sequência, falarei hoje das possibilidades e potencialidades econômicas não exploradas de outras plantas, chamadas Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC). Neste quesito, e isto é um dado de realidade, a Amazônia é poderosamente rica.

Todavia, devido a uma série de fatores, dentre os quais está o próprio processo de colonização da região, esta riqueza tem sido pouco explorada até o momento. Noutras palavras, desde a sua “invenção”, para utilizar aqui uma expressão de Neide Gondim, a Amazônia e o Brasil estão de costas um para o outro.

O Brasil não conhece a Amazônia, mas o mundo capitalista ocidental sim, desde sempre. Como afirma Marilene Corrêa da Silva, e eu concordo com ela, “a Amazônia pode ser vista como uma formação econômico-social produzida, desde a sua origem, pela dinâmica do capitalismo e, portanto, sujeita aos processos de expansão e crise do capital”.

De fato, a região foi submetida, desde a invasão europeia, à lógica do capital, sendo submetida a uma forma predatória, exógena, de utilização de seus recursos naturais, um modelo de desenvolvimento que jamais levou em consideração as singularidades e as especificidades da sua biossociodiversidade.

Neste sentido, o que prevalece na Amazônia é o mimetismo, com modelos de desenvolvimento forjados fora da região. Isto impediu e ainda impede qualquer tentativa de se criar um modelo de desenvolvimento alternativo, adaptado ao trópico. Alfredo Homma, no texto *Extraindo, manejando e domesticando os recursos da biodiversidade amazônica* (2021), afirma que “a biodiversidade nativa ainda não ocupou parte relevante do seu

potencial, que pode aliar preservação ambiental, renda e qualidade de vida para os agricultores da Amazônia”.

De fato, Homma tem razão, o que prevalece hoje, do ponto de vista da utilização econômica de produtos da flora ou mesmo da fauna, é a biodiversidade exótica. À guisa de exemplo, utilizando as informações proporcionadas por ele, a Amazônia está cheia de “bovinos e bubalinos, de cafeeiros, de dendezeiros, de soja, de pimenta-do-reino, de bananeiras, de juta, de coqueiros, de laranjeiras etc.”. Tudo exótico!

Para piorar, plantas nativas de relevância econômica, outrora fonte de riqueza da região, já domesticadas ou manejadas como o cacauzeiro, o cupuaçuzeiro, a castanheira-do-pará, o açaizeiro, o guaranazeiro, a pupunheira, a seringueira e o jambu, por exemplo, estão sendo produzidas em outros estados do Brasil ou em outros países.

Desde 1997, o Brasil importa castanha-do-pará coletada no Peru e na Bolívia, esta, hoje, a maior exportadora mundial. O cacau, por sua vez, é largamente produzido na Bahia; aliás, isto ocorre desde 1746. De acordo com Homma, somente em 2016, depois de quase dois séculos, a produção de cacau do estado do Pará conseguiu suplantar a produção da Bahia, afetada desde 1989 pela doença chamada vassoura-de-bruxa.

Ademais, a Bahia produz cerca de 70% a 75% do guaraná do país desde a década de 1980, bem como cupuaçu e pupunha. Mato Grosso, por sua vez, cultiva o guaranazeiro e a seringueira. São Paulo cultiva açaizeiro, pupunheira, seringueira e está fazendo grandes plantios de jambu. Aliás, São Paulo, Bahia e Santa Catarina concentram mais de 80% da área plantada de pupunheiras do país.

Fora do circuito das plantas já conhecidas, a lista de PANC da Amazônia é imensa, assim como seu potencial econômico. Mas apenas poderá se desenvolver desde que sejam superados os entraves de domesticação e cultivo, uma vez que somente pela via do extrativismo não é possível atender à demanda quando o mercado se expande.

Ainda segundo o pesquisador da Embrapa Amazônia Oriental, Alfredo Homma, poderiam ser exploradas comer-

cialmente de forma mais verticalizada: o camu-camu, o piquiá, o taperebá, o patauá, a bacaba, o buriti, o tucumã, o amapá, o bacuri, o uixi, o urucum e mais dezenas de outras espécies.

No texto *Frutas Comestíveis da Amazônia*, de Paulo Bezerra Cavalcante, um dos maiores taxonomistas da Amazônia, falecido em 2006, há uma lista “com 163 frutas comestíveis na Amazônia, metade constituída de fruteiras nativas. Este aspecto, segundo o autor, realça o potencial de plantas que poderão ser incorporadas na atividade econômica da região no futuro.

Concluo este texto reafirmando que o potencial da flora nativa amazônica é real, amplo e diversificado. Há um amplo mercado de Plantas Alimentícias Não Convencionais a ser explorado.

Todavia, para a efetivação deste potencial é preciso pesquisa, investimento em ciência na Amazônia e, acima de tudo, é imprescindível mudar a lógica da exploração predatória por uma lógica simbiótica, que leve em conta as epistemologias autóctones e suas perspectivas teleológicas.

Como dito na semana passada, chega de mimetismo, a Amazônia possui outras riquezas, possui “outros ouros”, ela está, portanto, para além do garimpo, seja ele autorizado ou explorado criminosamente na região.

## VALE DO JAVARI: DIFERENÇAS LÓGICAS E ONTOLÓGICAS

As mortes cruéis e covardes de Bruno Pereira e Dom Phillips ainda me causam muito mal-estar. Pensando neles, esta semana resolvi escrever sobre as diferenças lógicas e ontológicas das causas e das gentes que eles defendiam. Mas o que e a quem eles efetivamente lutavam para proteger?

Seu trabalho se voltava a povos da floresta, com modos de vida não regidos pela lógica capitalista, bem como a povos cuja plasticidade e perspectiva teleológica são incompreensíveis e inadmissíveis para o *ser* oriundo da civilização do automóvel – aquele que habita as poluídas cidades, que vive à base de remédios para suportar o stress de um modo de vida insustentável, em todos os sentidos.

Na verdade, há cinco séculos o *kariwa* (homem branco) não suporta o modo de vida dos povos tradicionais que habitam a Amazônia. Inserido em uma lógica produtivista, utilitária, que vê a natureza apenas com um meio para se atingir fins privados, deve ser difícil aceitar a plasticidade do verde da floresta, a beleza e a força das águas, o canto dos pássaros, a abundância de peixes, dentre outras especificidades e singularidades daquela região.

O sangue de Bruno e Dom escorrendo pelo solo da maior floresta do planeta é mais um episódio dentro do processo civilizatório implementado pelos europeus nas Américas de maneira geral e na Amazônia de modo particular a partir do século XVI. Um processo cruel, covarde e sanguinário.

Na verdade, o que se pratica na Amazônia desde essa data é mais do que genocídio, é etnocídio – morte da cultura material e imaterial – e, fundamentalmente, epistemicídio – morte dos saberes dos povos originários.

Esta eliminação ou apagamento, que não alcança efetividade total por conta da resistência dos povos tradicionais e de gente como Bruno e Dom, representa um dentre outros

passos dados pelos colonizadores e por seus descendentes para o estabelecimento de uma nova ordem econômica e social na Amazônia.

A tragédia de Bruno e Dom não se deu devido à “falta de cuidado” dos ativistas e ambientalistas, como declarou o presidente da República. Nada disso! O destino dos dois ativistas foi selado porque eles, corajosamente, confrontaram a lógica colonizadora do capital na região que insistentemente tenta estabelecer um tipo de sociedade e um modo de vida incompatíveis com aquele bioma.

Ademais, lógica e ontologicamente, Bruno e Dom estavam em sintonia com os povos do Vale do Javari. Também, por isso, estavam em rota de colisão com a lógica dos “donos do poder” na região.

É importante registrar que os povos do Vale do Javari, assim como outros povos tradicionais espalhados pelo território brasileiro, não são guiados pela lógica do capital. Aliás, esta é grande diferença entre a nossa sociedade e a deles. Mas não se engane achando que isso quer dizer que esses povos não possuem uma lógica produtiva, orientada para a sobrevivência.

Quando me refiro à lógica do capital, estou falando do “impulso para o ganho, a ânsia de lucro, de lucro monetário, de lucro monetário o mais alto possível”, conforme analisado por Max Weber. O sociólogo alemão afirma que esta forma peculiar de organização econômica, a mais significativa força de nossa vida moderna, chamada capitalismo, sistematiza, racionaliza, matematiza as ações dos sujeitos, conduzindo-os à acumulação e à obtenção de lucro.

A racionalização, a sistematização, o cálculo matemático, dentre outras coisas que potencializam de forma singular o desenvolvimento do capitalismo, não fazem parte da ontologia e da teleologia dos povos tradicionais que habitam o Vale do Javari, que se colocam a produzir para sobreviver, não para acumular.

Desafiar, então, a racionalidade capitalista foi o que levou Bruno e Dom ao encontro com a morte. O que eles defendiam tinha a ver com a ontologia dos povos originários, ou

seja, com o *ser* das gentes daquele Vale, que não se dobrava à lógica do lucro.

Tenho certeza de que se a eles fossem devolvidas as suas vidas, eles fariam tudo de novo, pois, como dito, o que estava e ainda está em jogo são diferenças lógicas e ontológicas, de cosmovisões diametralmente opostas às de seus assassinos e daqueles que governam o país e que, de forma direta ou indireta, apoiam os encarregados por essas e tantas outras mortes.



## AMAZÔNIA E SEU IMAGINÁRIO FANTÁSTICO (PARTE 1)

A cultura possui aspectos materiais – como museus, monumentos, utensílios – e imateriais – como costumes, símbolos, artes, folclore, entre outros. Dentro do folclore, por exemplo, estão os mitos e as lendas, como da cobra grande e do boto-cor-de-rosa, histórias fantásticas do imaginário amazônico.

No Brasil, de maneira geral, e na Amazônia, de maneira específica, este imaginário foi enriquecido pelo caldeamento de cultura, proporcionado, fundamentalmente, pela miscigenação. Naquelas terras, mitos e lendas de povos brancos, negros e índios fundiram-se e criaram um patrimônio cultural imaterial singular, uma riqueza folclórica inigualável.

Sobre o imaginário social, Neide Gondim, no texto “A Invenção da Amazônia” (2007), afirma que essa invenção se dá a partir da construção da Índia, fabricada pela historiografia greco-romana e por relatos de peregrinos, missionários, viajantes e comerciantes.

A primeira viagem ao Novo Mundo, afirma Gondim, fez-se acompanhar por esse imaginário. “A mitologia indiana que, a par de uma natureza variada, delicia e apavora os homens medievais [...] [com –] monstruosidades animais e corporais [...] – influenciou a visão do europeu sobre aquelas terras jamais vistas”.

A Amazônia indígena, espanhola, portuguesa e depois brasileira, nasce, portanto, sob o signo de um imaginário repleto de seres fantásticos. Aliás, o próprio nome da região deriva da mitologia grega, do mito das mulheres guerreiras chamadas de amazonas.

Apenas para lembrar, foi o frei dominicano Gaspar de Carvajal, cronista da expedição do espanhol Francisco de Orellana que, em 1542, diz ter encontrado mulheres altas, fortes e guerreiras (as icamiabas) no Rio Nhamundá, afluente da margem esquerda do Rio Amazonas.

Ao ver tanto ímpeto e habilidade com o arco e a flecha, bem como uma enorme disposição para a batalha, o cronista as comparou com o mito das amazonas.

Como se pode ver, da mitologia grega nasce o nome do maior rio do mundo e, por consequência, do maior estado da federação. A partir daí, nomeia-se também a região que abriga a maior biodiversidade do planeta. Parece, então, que não temos muito como fugir do hiperbolismo e das histórias fantásticas que a Amazônia nos impõe, pois eles estão na gênese da nossa formação sócio-histórica.

Como dito, certamente, o caldeamento de cultura na região fez surgir um folclore riquíssimo, consagrando vários personagens que emergem das águas, das florestas, da terra e do ar.

Sobre o folclore, Apolonildo Britto, no livro *Lendário Amazônico* (2007), afirma que ele é construído por “costumes e mistura de fatos reais e históricos com acontecimentos e personagens que são frutos da fantasia humana”. Folclore, afirma ele, expressa especificamente as tradições, ou melhor, o saber popular.

No folclore amazônico há um amplo repertório de mitos e lendas que apresentam seres encantados e encantadores, oriundos da fauna e da flora da região, como a lenda do curupira, do jurupari, do mapinguari, da vitória-régia, entre outros.

Retomando algumas delas dentro do *Lendário Amazônico*, a lenda da cobra grande é uma das mais conhecidas, sendo retratada em pinturas, músicas, filmes, livros e, também, nos espetáculos apresentados todos os anos pelos bois-bumbás Garantido e Caprichoso, na cidade de Parintins, Amazonas.

No imaginário social da Amazônia, Boiúna, Boitatá, Mãe d'Água, Cobra Honorato ou Anaconda – nomes diferentes para a mesma personagem – habita os rios, os furos, os lagos e os igarapés da região e, inclusive, viveu por muito tempo no Lago do Panauaru, na comunidade rural de mesmo nome, no município de Parintins.

Como assim, “viveu por muito tempo no Lago do Panauaru? Saiu de lá?”, o(a) leitor(a) pode estar se perguntando. Explico: em uma bela noite de luar, às margens do Paraná do Aduacá, município de Nhamundá, Amazonas, na casa de um dos meus sete tios, esta foi a história que me contaram: a história da cobra grande que saiu do Lago do Panauaru e rumou em direção ao Rio Nhamundá.

A história completa, com todos os detalhes, contarei no próximo sábado. Mas já adianto, aqui, que se trata de uma história fantástica do imaginário amazônico.

## AMAZÔNIA E SEU IMAGINÁRIO FANTÁSTICO (PARTE 2)

Conforme prometido na semana passada, escrevo hoje a segunda parte da fantástica história da cobra grande que viveu no Lago do Panauaru, município de Parintins, Amazonas.

Há muitos anos, em uma noite de lua cheia, na varanda de uma bela casa de madeira às margens do Paraná do Aduacá, para a minha assombração, esta foi a história que me contaram.

De acordo com os anciãos, contadores desta história, onde hoje é o belo Lago do Panauaru havia uma densa vegetação, uma floresta aquática conhecida na região como aningal. O lago só se formou a partir da saída de algo muito grande de lá, um acontecimento que até hoje ninguém soube explicar.

Após uma rápida chuva, logo depois do meio-dia, o aningal começou a se desprender com estrondos horríveis, arrasando tudo que estava pela frente e indo em direção ao furo, o canal que faz a ligação com o Paraná.

O aningal se despreendeu: bancos de matupá (material vegetal parcialmente decomposto que forma blocos como se fossem pequenas ilhas), árvores altas como as mungubeiras, os assacuzeiros, as acácias, as embaubeiras e capins de toda sorte começaram a deslizar pelas águas em direção ao furo, que era estreito. Mas, nesse dia, o aningal passou e ganhou o Paraná.

Começou a descê-lo, indo no sentido da cidade de Nhamundá, levando tudo que encontrava pela frente – nada o detinha. Quando as árvores maiores engatavam nas que estavam às margens do Paraná e todos afirmavam que ele pararia, o aningal partia às mesmas e seguia seu curso.

Até aí, tudo bem, argumentam os anciãos, porque em época de cheias dos rios é comum troncos de árvores e bancos de capim aquático descerem os Paraná, empurrados pela correnteza em direção a rios maiores, como o Rio Amazonas. O problema é que, neste caso, era um verdadeiro “desfile de árvores, elas marchavam sobre as águas”.

A situação ganhou ares mais bizarros quando o aningal, que percorreu todo o Paraná do Cabori, desde a comunidade

do Panauaru, depois o Paraná do Aduacá, até o encontro como o Rio Nhamundá, se separou dividindo-se em dois.

Uma parte entrou para o Lago do Bom Jardim e a outra, por incrível que possa parecer, encaminhou-se, contra a correnteza, em direção ao Lago Macuricanã. Antes de entrar no lago, lembram os anciãos, esta segunda parte do aningal ficou dois dias movendo-se de uma margem à outra do Rio Nhamundá. “Não se via nada, apenas as árvores se movendo de uma margem à outra do rio”.

Outro ponto enigmático do relato são as marcas deixadas nas margens do furo, verificadas por moradores da comunidade quando as águas baixaram. Segundo eles, havia três marcas no barranco, uma bem próxima ao leito, outra mais acima e, a última, próxima à superfície. Eram verdadeiros rasgos na terra, como se algo grande tivesse passado forçadamente por ali.

“Se algum monstro se retirou daquele lugar não se sabe”, exclama um dos narradores, “mas o fato é que o Lago do Panauaru está lá, totalmente limpo, bem como o Lago do Macuricanã, que também lá permanece com o aningal”.

Os narradores concluíram a história afirmando que, provavelmente, algum monstro carregou aquele aningal nas costas e, dos seres que habitam as águas, somente uma cobra grande poderia realizar tal proeza.

Para um deles, a existência de animais monstruosos nas águas é pertinente, pois, por ocasião do dilúvio que inundou toda a terra nos dias bíblicos de Noé, só morreram os animais que habitavam a terra seca, porém os que habitavam as águas sobreviveram.

Até hoje, ninguém conseguiu explicar o fenômeno ocorrido, mas os anciãos, contadores desta história, afirmaram categoricamente que presenciaram parte do acontecimento “assistindo ao desfile das árvores sobre as águas”, da própria varanda em que estávamos, enquanto narravam esta história.

Sem dúvida, trata-se de uma história fantástica, ainda que comum no imaginário do povo amazônico. Em uma região de “terras, florestas e águas”, para usar aqui uma expressão do Antônio Carlos Witkoski, essas histórias fazem muito sentido para o povo amazônida.

Conforme assinala Maria Magela Ranciaro no livro *An-dirá: Memórias do Cotidiano e Representações Sociais* (2004), “podemos entender essa narrativa como sendo a memória insistindo e resistindo ao tempo, um imaginário que é alimentado pelo fascínio dos mistérios que emanam da própria natureza amazônica”.

Para a autora, trata-se de um imaginário dinâmico, cuja tessitura nos transporta à reminiscência da cultura milenar dos povos indígenas. “O ribeirinho mescla ou sintetiza a junção dessas raças: branco, negro e índio.

Apodera-se de uma imaginação criadora que se articula, também, com a esfera da natureza do poético, pois a ela pertence essa função do irreal que é psiquicamente tão útil quanto à função do real [...]”.

De fato, a vida dos seres humanos não é apenas a vida biológica, os símbolos, as crenças, os valores, as normas, os costumes, as tradições – noutras palavras, a cultura imaterial, da qual falei no último texto, possibilita irmos além de uma mera sobrevivência material: ela nos faz existir de fato, nos torna seres completos.

Na Amazônia, essa “imaginação criadora que se articula, também, com a esfera da natureza do poético”, é uma forma de reprodução, de resistência, de manutenção da vida material e simbólica dos povos tradicionais que habitam aquela região.

Como assinalado por Ranciaro, as questões do imaginário “interagem, se relacionam e permitem a cada caboclo [amazônico] o enriquecimento de sua alma, da sua vida, apesar das grandes dificuldades que eles enfrentam cotidianamente”.

## AMAZÔNIA E SEU IMAGINÁRIO FANTÁSTICO (PARTE FINAL)

A parte final da trilogia sobre o imaginário fantástico da Amazônia tratará da lenda da Matinta Perera, um “bicho visagento” muito comum nessas paragens. As conversas à boca da noite, naquela varanda às margens do Paraná do Aduacá, eram muito animadas e misteriosas.

Depois da fantástica história da cobra grande, que publiquei na semana passada, para o assombro dos mais jovens, surgiram as histórias de bichos visagentos (humanos que se metamorfoseiam, transformando-se em animais).

Naquela noite, muitos anciãos afirmaram categoricamente já terem visto algum tipo de visagem (assombrações, vultos, aparições etc.) e bichos visagentos, como a Matinta Perera ou Matin, como é conhecido naquela região.

Um ancião, no alto de seus 76 anos, contou que, nos primórdios do povoado, teve a oportunidade de flechar um Matin. Segundo ele, no início da noite, quando se preparava para jantar, viu uma estranha movimentação nas árvores próximas de sua casa.

Ao observar mais atentamente aquela movimentação, percebeu que não se tratava do efeito do vento nas árvores, fato que o deixou bastante curioso e, ao mesmo tempo, receoso. Como não conseguia identificar nada, resolveu pegar seu arco e se aproximar mais do local, foi quando, subitamente, ouviu um assobio muito forte – “firififiuuuu” –; ele, instintivamente, disparou uma flecha em direção ao som. “Só ouvi o grito”, comentou.

Sua filha, que também havia escutado o urro, se aproximou, indagando o que havia acontecido. Ele respondeu, afirmando que, pelo assobio, provavelmente, havia flechado um Matin: “vamos nos recolher, tranque bem as portas”, acrescentou.

Pela manhã, ao se dirigir à igreja, localizada na parte central da vila, para a missa dominical, percebeu que a sua flecha estava depositada aos pés da cruz que fica em frente à igreja.

Mas, para o seu espanto, a flecha não apresentava marca nenhuma de sangue. “Até hoje, para mim, aquilo era um Matin, pelo assobio eu tenho certeza”, concluiu.

Há várias descrições dessa lenda na literatura brasileira; sem dúvida, trata-se de uma das mais populares dentro do folclore nacional.

Apolonildo Britto, no livro *Lendário Amazônico*, afirma que a palavra “matintape’re” vem do tronco linguístico tupi. “Na língua portuguesa, tornou-se um substantivo sobrecomum, significando uma das aves feiticeiras do Brasil, tida como divindade das matas e protetora das festas”.

Ainda segundo o autor, “no lendário do Norte e Nordeste brasileiros, essa ave tem o dom de desnortear e fazer com que incautos se percam na floresta [...]”. Nas noites de luar, a ave vira uma mulher, com o poder de pairar no ar.

Alguns dizem ser uma bela mulher, outros dizem ser uma feia senhora de idade, mas, em todos os escritos, os encantamentos da Matinta só de desfazem com a entrega de tabaco a ela.

Aliás, é justamente no seu desejo pelo tabaco que está a chave para que qualquer pessoa descubra a verdadeira identidade da Matinta. Ao ouvir o assobio na mata, deve-se inclinar-se na direção de onde vem o som e prometer dar tabaco a ela.

No dia seguinte, logo nas primeiras horas de claridade, a primeira pessoa que bater à porta pedindo tabaco é a pessoa que se transforma em Matinta nas noites de luar. Neste momento, deve-se providenciar o produto e atender ao pedido da visita, caso contrário, ela voltará à noite para perseguir a pessoa que lhe negou o desejo.

As histórias de gente que vira bicho fazem parte do imaginário social da Amazônia. Mesmo possuindo forte religiosidade, com predomínio da fé católica, as histórias fantásticas de seres sobrenaturais continuam com força total nas comunidades rurais e, também, nas pequenas cidades.

Os caboclos amazônicos, a par da proteção divina e de seus santos, continuam crendo na existência das visagens e dos bichos visagentos. Nem mesmo a chegada da energia elétrica



nas comunidades rurais e, conseqüentemente, da televisão, de celulares e demais aparatos tecnológicos, foi capaz de diminuir essas crenças.

A respeito disso, Eduardo Galvão, no clássico *Santos e Visagens* (1955), em sua descrição da vida religiosa de *Itá* (nome fictício dado por ele para proteger a identidade da comunidade estudada), pontua que qualquer descrição da vida religiosa daquela comunidade amazônica estaria incompleta se deixasse de incluir, ao lado de crenças e instituições católicas, outras, igualmente arraigadas na mente do caboclo, mas de origem diversa. Galvão afirma que as “crenças arraigadas na mente do caboclo não podem ser postas de lado sob a alegação de que se trata de superstições ou de sobrevivências ‘pagãs’, porque são igualmente ativas e capazes de despertar atitudes emocionais e místicas na mesma intensidade que as dos santos católicos”.

Na análise feita por Galvão, há, nas comunidades rurais da Amazônia, uma cumplicidade entre as crenças católicas e o saber popular, ou seja, entre a proteção dos santos e o temor das visagens. E acredito que ele tem razão: o temor das visagens e dos bichos visagentos ainda é muito presente na vida dos caboclos amazônicos.

Eu mesmo, à época que me contaram esta história, fiquei mais assombrado com a lenda da Matinta Perera do que com a da cobra grande. Ao retornar para casa, fui rezando pelo caminho, pedindo livramento divino.

Mistérios!

## O LADO DE ÍNDIO É O MELHOR QUE NÓS TEMOS

Darcy Ribeiro, no texto *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*, afirma que a nossa constituição enquanto povo resulta de contribuições deixadas pelas matrizes lusa, afro e indígena.

Somos constituídos, portanto, de pelo menos três lados, mas “o lado de índio é o melhor que nós temos”, escreveu certa vez o poeta amazonense Emerson Maia. Todavia, em pleno século XXI, uma parte significativa da sociedade brasileira não conhece bem este lado. Não reconhece a importância dos povos indígenas na formação social e cultural de nossa sociedade e, pior, persegue-os e tenta criminalizá-los, o que se estende às suas organizações e aos seus representantes.

A acusação de divulgação de *fake news* feita pela Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai) contra a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB), que tem Sônia Guajajara como uma das dirigentes, é a materialização disto.

Sônia é uma líder competente, porta-voz de comunidades indígenas resistentes, de povos cujas culturas são inteligentes, éticas e esteticamente sofisticadas e contribuíram material e simbolicamente para a formação da nossa nação.

O problema é que a maioria dos engratados e togados que moram ou trabalham nos famosos prédios localizados na Praça dos Três Poderes, em Brasília, não faz a menor ideia de como se deu e ainda se dá esta contribuição. Para um ilustre morador do Palácio do Planalto, um dos três prédios dessa praça, a contribuição é nenhuma. Pelo contrário, para ele, os povos indígenas são atrasados e, no limite, acabam por travar o desenvolvimento econômico do país, sendo uma espécie de peso morto da nação.

Mas, afinal, quais são, de fato, as contribuições dos povos indígenas para a formação da nação brasileira? Com o auxílio do antropólogo Gersem José dos Santos Luciano, e de seu texto *O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje*, veremos brevemente algumas.

De acordo com o autor, “a primeira contribuição dos povos indígenas teve início logo após a chegada dos portugueses às terras brasileiras. Os índios pacificados e dominados ensinaram a eles as técnicas de sobrevivência na selva e como lidar com várias situações perigosas nas florestas ou como se orientar nas expedições realizadas”.

Além disso, o português, idioma do colonizador, foi enriquecido a partir da incorporação de centenas de palavras da matriz Tupi, por exemplo: guanabara, mingau, perereca, tocaia e pororoca. Assim, todos os dias pronunciamos alguma delas como iguaçu, itaquaquecetuba, paranapanema, manaus, curitiba, cuiabá, jaú, tietê, pindamonhangaba, piracicaba, dentre outras.

Mas a presença da herança indígena não está apenas na fala, atravessando, também, nossa gastronomia: “desde a tradicional tapioca ao exótico tucupi e à indispensável farinha”, tudo vem da mandioca, cultivada há séculos pelos povos indígenas em nosso território. E não para por aí: os povos indígenas também contribuem para a economia do país com suas riquezas. Sobre isso, Luciano afirma que “a principal delas, e com a qual os povos indígenas contribuem para a riqueza socioeconômica do país, é a megabiodiversidade existente em suas terras, que representam quase 13% do território brasileiro, a maior parte totalmente preservada”.

A lista de contribuições dos povos indígenas para a formação sociocultural do povo brasileiro é extensa, não caberia neste espaço. Entretanto, é representada no reconhecimento do poeta amazonense, como apresentamos no início deste texto, que afirma que “o lado de índio é o melhor que nós temos”, e eu concordo com ele.

O que temos de mais precioso enquanto povo brasileiro é o lado da ancestralidade, da relação simbiótica com a natureza. É o lado da luta, da resistência, da permanência, da vitória sobre a irracionalidade. É o lado de Sônia Guajajara e do protagonismo das mulheres indígenas e de seus movimentos sociais. É, enfim, o lado certo da história.

## O PARANÁ DO ADUACÁ E A NOSSA TOPOFILIAÇÃO

O texto de hoje é em homenagem àqueles que, assim como eu, nasceram no Paraná do Aduacá, especialmente àqueles que são da comunidade rural Santíssima Trindade, município de Nhamundá/Amazonas.

Sobre esta comunidade, afirmo que até hoje não encontrei ninguém que renegue o tão afortunado destino de ter nascido lá. Todos nós temos muito apreço por aquelas paragens, sentimento de pertencimento único que nos liga àquele lugar e que nos faz, mesmo distantes, querer sempre retornar.

Do ponto de vista de sua organização espacial e arquitetônica, não há nada naquela comunidade que a diferencie das demais. Desde o Lago do Aduacá até o Rio Nhamundá, afluente da margem esquerda do Rio Amazonas, a paisagem natural e humanizada é praticamente a mesma. No centro das comunidades tem-se: o porto, a igreja, a escola, o posto de saúde, a caixa d'água, o telefone comunitário e as casas.

Mesmo com esta descrição, é possível questionar o porquê de amarmos tanto este lugar. Afinal, ainda não me deparei com nenhum(a) filho(a) de lá que, vivendo fora da comunidade, em outra cidade, estado e até mesmo em outro país, ao ser inquirido(a) sobre a comunidade, não se refira a ela com afeto e com saudades.

A explicação para este amor, para este sentimento tão arraigado, vem da nossa topofiliação ou topofilia, como preferirem. Este conceito foi desenvolvido pelo geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan e está contido nas suas obras *Topofilia* (2012) e *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência* (2013).

Nessa direção, no texto *Da terra seca à terra molhada: revisitando Euclides da Cunha*, escrito por Antenor Ferreira, Odenei Ribeiro e por mim, lançamos mão do conceito de topofiliação para explicar a relação entre o lugar e a percepção das pessoas. Retomo, aqui, de forma resumida, a análise feita neste texto para explicar, ao menos sociologicamente, o nosso amor pelo Aduacá e pela Trindade.

No texto *Topofilia*, tratando da ambientação humana, Tuan estabelece uma relação entre o lugar e a percepção dos indivíduos, que é dada pelos sentidos. Segundo ele, o corpo humano é sempre o ponto de partida na relação com o ambiente, no sentido de que todos os significados surgem a partir dele. Assim, é na relação com o ambiente, afirma o autor, que se tem a construção de conceitos e vocabulários, bem como a definição de tons, de sentidos de orientação, de espaço, entre outros.

Deste modo, o espaço e o lugar de nascimento são elementos definidores do ser humano, porque a partir daí é que se inicia a sua ambientação, a sua percepção e a sua definição de ser no mundo. Estes fatores têm, portanto, grande importância na visão de mundo de um indivíduo, pois se ela “não é derivada de uma cultura estranha, necessariamente é construída pelos elementos conspícuos do ambiente social e físico de um povo”.

Mas mesmo perante esta exposição, a indagação continua: afinal, de onde surge o amor pelo lugar? A esse respeito Tuan pontua que o amor pelo lugar surge a partir das experiências, e esse amor não advém somente do prazer e da satisfação que nele se obtêm, mas também das lutas travadas pela sobrevivência, pelo processo de trabalho árduo, ou mesmo por um encontro amoroso, por um folguedo, ou por uma lembrança de perda etc. Ou seja, as dificuldades enfrentadas e as emoções vividas podem forjar o sentimento de orgulho de sobrevivente, tornando o lugar das lutas o locus de sentimentos profundos.

O autor aponta, ainda, que esse amor é transformado em ponto de referência para a ação, deixando claro que o lugar é uma referência construída na mente a partir dos objetos existentes no mundo, manifestando-se, muitas vezes, em forma de lembranças. Desse modo, ainda que o sujeito esteja distante fisicamente dele, o lugar continua a exercer a sua influência como uma âncora.

Sem dúvida, o Paraná do Aduacá continua exercendo influência sobre nós, filhos(as) daquela terra. Saímos de lá e nos tornamos escritores(as), professores(as), administradores(as), economistas, jornalistas, homens e mulheres de fé, empresá-

rios(as), políticos(as), cientistas sociais, entre outros, mas o lugar nunca saiu de nós.

Tudo está devidamente gravado em nossa memória afetiva. Cada elemento natural ou social desencadeia lembranças boas, como: o lago, a curva do rio, as árvores, a igreja, a escola, o posto de saúde, as casas, o campo de futebol, as histórias e estórias, trazendo-nos sensações únicas.

Ademais, temos orgulho de ser do Paraná do Aduacá, somos todos(as) caboclos(as) párvulos(as), como diríamos na linguagem local, temos uma topofiliação singular: nascemos em uma comunidade rural triplamente abençoada pelo Pai, pelo Filho e pelo Espírito Santo. Trata-se da comunidade Santíssima Trindade, e isto não é pouca coisa.

## PARINTINS PERDEU O ENCANTO!

Na semana passada, a cidade de Parintins, minha terra natal, comemorou 169 anos de sua fundação. O município, detentor de singular paisagem natural, continua lindo, mas o encanto se perdeu.

Distante 450 km da capital Manaus, a cidade é comumente chamada por turistas e pelos próprios moradores de: “a ilha encantada”, “a ilha da magia”, “a ilha da alegria”, dentre outros apelidos, numa referência direta à força e à originalidade da cultura local, bem como ao maior espetáculo de folclore do Brasil – que também é um dos maiores do mundo.

De fato, Parintins possui singularidades e especificidades que se materializam na hospitalidade, no bom humor, na criatividade e na religiosidade de seu povo. Todavia, nos últimos vinte anos, a cidade se transformou, perdeu o charme.

Parintins tornou-se o protótipo perfeito da estética terceiro-mundista, com indicadores socioeconômicos de pobreza, concentração de renda, violência e exclusão social elevados.

Adotando um modelo de desenvolvimento mimético, replicando tecnologias e modos de vida de outras regiões do país e do mundo, a outrora cidade das bicicletas, das praças floridas e bem cuidadas, da calma do meio-dia, da tranquilidade noturna, tornou-se uma cidade violenta.

Na Parintins do século XXI, roubos, furtos, assaltos, assassinatos cruéis, trânsito violento, tráfico de drogas e atuação de facções criminosas passaram a fazer parte da rotina dos moradores. Este cenário, típico das grandes capitais e das áreas metropolitanas brasileiras, era inimaginável poucos anos atrás.

Atualmente, há problemas estruturais na cidade ligados à saúde, à segurança, à habitação e à infraestrutura. Apenas para citar um exemplo, a cidade está sem porto. Isso mesmo, ainda que localizada às margens do maior rio do mundo, em uma região onde esses corpos d’água são estradas naturais, a cidade não tem porto fluvial.

Ainda no âmbito da infraestrutura, a orla da cidade é ameaçada todos os anos pelas poderosas águas do Rio Amazo-

nas. O muro de arrimo, construído na década de 1980 para impedir seu desbarrancamento, já desabou algumas vezes em diversos trechos e continua na iminência de desabar novamente.

No campo da saúde, a cidade continua com os mesmos dois hospitais inaugurados nas décadas de 1960 e 1970, quando a população era de 28.080 e 38.689 habitantes respectivamente, conforme mostram os censos demográficos realizados pelo IBGE na época.

Atualmente, novamente de acordo com o IBGE em uma prévia referente a 2020, a população de Parintins é de 102.033 habitantes, sendo 69.890 na área urbana e 32.143 na área rural. Ou seja, só a população urbana de hoje é maior do que a população do município inteiro de anos atrás, o que certamente demanda mais serviços públicos de saúde.

É bem verdade que nos últimos anos foram realizados muitos investimentos por parte da Prefeitura e do governo do estado do Amazonas nesse setor, mas é preciso mais, pois a cidade de Parintins é um polo regional e, por conta disso, recebe pessoas de outras localidades do estado.

O poeta Chico da Silva, certa vez, escreveu: “Parintins é uma cidade hospitaleira, para mim uma das primeiras desse meu grande país”. De fato, ela continua sendo hospitaleira, porém a violência e o medo mudaram a ética e a estética da cidade.

À guisa de exemplo, o hábito de sentar-se em frente às residências para prostrar-se no entardecer, a arquitetura dos muros baixos das casas ou mesmo a ausência deles, saem de cena aceleradamente. No lugar, entram os muros altos, as grades e a reclusão, afinal, não é mais seguro ficar fora da residência.

Na verdade, sem exagero, não é mais seguro ficar em nenhum lugar de Parintins, seja na área urbana ou rural. Alguém poderá objetar e dizer que essas mudanças fazem parte da própria dinâmica de crescimento populacional da cidade, ou que isso é um fenômeno que ocorre em todo o país. Não, não é.

Isso é o resultado da falta de planejamento urbano, de investimentos em segurança pública e, fundamentalmente, de investimentos em geração de emprego e renda a curto, médio



e longo prazo. A população cresceu, mas a economia da cidade não.

Desde o fim do ciclo da cultura da juta, Parintins nunca mais teve uma atividade econômica estável, perene, com potencial de geração de emprego e renda em larga escala. Apesar de toda a importância econômica do Festival Folclórico, isso é um dado de realidade, a cidade carece de fontes de renda, visto que a festa do boi-bumbá é uma atividade sazonal. Portanto, é preciso mais, muito mais!

Ao longo de 169 anos de existência, Parintins se tornou notável devido ao seu potencial econômico, pela beleza de sua paisagem natural e humanizada, pelo espetáculo de Garantido e Caprichoso, pela emoção e paixão vermelha e azul e, fundamentalmente, pela paz e pela tranquilidade.

A Parintins de 2021, que passou a ser orientada pela lógica e pelos valores da civilização do automóvel, que vive sob a égide do medo, da violência e do tráfico de drogas, não combina com a Parintins pacata e pacífica de outrora.

Parintins é um patrimônio da Amazônia e, sem sombra de dúvida, nosso maior orgulho. Mais uma vez nas palavras de Chico da Silva “a Amazônia virou mundo e Parintins é o nosso país”.

Portanto, é preciso combater a violência, pois ela não combina com o espírito artístico, festivo e criativo da cidade. Precisamos resgatar a magia e o encanto da ilha!

# MANAUS, UMA CIDADE DOENTE (PARTE 1)

A cidade de Manaus – capital do estado do Amazonas, sede do maior polo industrial de eletroeletrônicos da América Latina e detentora do sexto maior PIB entre as capitais brasileiras, é, hoje, uma cidade doente.

Ao analisarmos as informações disponibilizadas pelos sites oficiais dos governos estadual e municipal, ligados às Secretarias de Saúde, bem como da imprensa local, percebemos um volume alto de notícias relacionadas a ocorrências de doenças infectocontagiosas na cidade.

A falta de saneamento básico, a geografia da cidade, o clima quente e úmido da região, além de, fundamentalmente, a malversação do dinheiro público da área da saúde, contribuem para a manutenção e a proliferação de diversas doenças.

Em Manaus, doenças antigas como a hanseníase e a tuberculose convivem tranquilamente com as recém-chegadas, como a Covid-19 e a esporotricose – uma zoonose transmitida por fungos, que afeta pessoas e animais, especialmente, felinos.

No que tange a doenças antigas, a tuberculose tem presença constante na cidade. Assim, de acordo com dados da Fundação de Vigilância em Saúde do Amazonas (FVS-AM), divulgados pelo site [gl.com](http://gl.com), “dos 2.863 casos novos de tuberculose registrados em 2020, 2.080 foram em Manaus (72,70%) e os demais, 783 (27,30%), no interior do estado”.

A reportagem segue informando que o Amazonas detém a “maior taxa de incidência de tuberculose do país com 64,8 casos por 100 mil habitantes”.

Também faz parte do cotidiano da cidade de Manaus, a hanseníase, uma doença infectocontagiosa da Antiguidade.

De acordo com a reportagem publicada no portal [amazonas.am.gov.br](http://amazonas.am.gov.br), um site oficial do governo do estado, a Fundação Alfredo da Matta, referência no estudo, diagnóstico e prevenção da doença no Amazonas, realizou, em 2020, “57.350 exames dermatológicos para a detecção de casos suspeitos de hanseníase, sendo 14.862 procedimentos além da meta para o ano”.

Ainda sobre essa infecção, dados da Secretária Municipal de Saúde (Semsu), divulgados no site [semsu.manaus.am.gov.br](http://semsu.manaus.am.gov.br), informam que Manaus “registrou, em 2021, 100 casos de hanseníase representando uma alta de 42% em relação ao ano anterior, quando foram contabilizados 70 casos da doença”.

Como dito, a falta de saneamento básico, a geografia e o clima tropical da Amazônia potencializam doenças infecciosas transmitidas por mosquitos como a malária, a febre amarela, a dengue, entre outras, mas há outros fatores que devemos levar em conta.

O regime das águas (enchente, cheia, vazante e seca) contribui para a proliferação de diversas doenças, fundamentalmente, aquelas de veiculação hídrica, como a hepatite A, a leptospirose, bem como gastroenterites bacterianas e virais ou mesmo aquelas causadas por nematoides (vermes redondos).

De acordo com matéria divulgada pela FVS-AM, no site [fvs.am.gov.br](http://fvs.am.gov.br), “foram registrados 52.095 casos de doenças de veiculação hídrica diarreicas nos primeiros cinco meses de 2020 e 60.570 ocorrências de janeiro a maio de 2021”.

A matéria informa, ainda, que o estado do Amazonas apresentou “redução de 13% no cenário de leptospirose, sendo 13 casos notificados de janeiro a maio de 2021 e 15 no mesmo período do ano de 2020”.

Apenas para lembrar, em 2020, a cidade figurou nos noticiários nacionais e internacionais de forma negativa por conta da pandemia do novo coronavírus.

Manaus foi manchete constante dos noticiários, primeiramente pelo possível surgimento ou propagação inicial de uma nova variante do novo coronavírus na região. Depois, foi destaque por conta da superlotação dos hospitais, pelas mortes por falta de oxigênio e pela falta de vagas nos cemitérios.

Ao todo já faleceram 9.525 pessoas em Manaus por Covid-19. No estado do Amazonas o número está na casa de 13.860 falecimentos.

É fato que as doenças que mencionei aqui – algumas, apenas, pois há muitas mais – podem ocorrer no Brasil todo. De todo modo, no caso da Covid-19, apesar de tratar-se de

uma pandemia mundial, há uma particularidade na cidade de Manaus que gostaria de pontuar: como possui bastantes recursos, pode-se dizer que é uma capital rica, logo, não é administrativamente justificável a situação precária da saúde na cidade.

O Polo Industrial de Manaus (PIM), por exemplo, é o principal responsável pela pujança econômica e pela segurança financeira da cidade, sendo o orçamento da capital amazonense, em 2022, da ordem de R\$ 7,1 bilhões, segundo informações da Secretaria Municipal de Finanças e Tecnologia da Informação (SEMEF).

Isto não é pouca coisa! Esta cifra não faz parte da realidade financeira da maioria das capitais brasileiras, ou seja, ela dispõe de mais recursos do que muitas outras. É possível concluir, portanto, que certamente há algo errado na gestão financeira ligada à área de saúde da capital amazonense, pois as mortes, bem como a condução desastrosa da pandemia da Covid-19 na cidade, revelam isto.

No geral, a saúde pública e privada na cidade de Manaus é muito ruim, o que a coloca em uma situação paradoxal. Ou seja, se, por um lado, trata-se de uma cidade rica, por outro, tem-se uma cidade pestilenta, doente, que em pleno século XXI ainda convive com enfermidades medievais.

Nos próximos textos, falarei especificamente de duas doenças que assolam a cidade e que, apesar de não serem biológicas, contaminaram Manaus de forma tão grave quanto às doenças aqui citadas.

## MANAUS, UMA CIDADE DOENTE (PARTE 2)

No texto da semana passada, falei das doenças infecto-contagiosas que há muito tempo afligem a cidade de Manaus, como a hanseníase e a tuberculose. Hoje, falarei de outra doença, tão grave quanto estas – a doença do neopentecostalismo.

De acordo com o levantamento feito pela Ordem dos Ministros Evangélicos do Amazonas (Omeam), publicado no portal searaneews.com.br, nos últimos 20 anos, a capital amazonense apresentou um crescimento de 325% no número de igrejas, totalizando cerca de 8,5 mil templos.

Não é possível afirmar que todos estes templos sejam do movimento neopentecostal, mas, convenhamos, é um crescimento alto. É importante dizer, também, que, dentro do protestantismo brasileiro, há uma enorme diversidade de denominações.

Todavia, grosso modo, podemos organizar as igrejas evangélicas no Brasil da seguinte forma: tradicionais-históricas, pentecostais e neopentecostais, contando ainda com as adventistas.

À guisa de exemplo, podemos dizer que a Igreja Presbiteriana do Brasil, a Igreja Luterana, a Igreja Metodista e a Igreja Batista, são tradicionais-históricas, ainda que possuam “versões renovadas”, com teologia e liturgia neopentecostalizada – o que explicarei adiante.

No campo das igrejas pentecostais, temos como principal exemplo a Igreja Assembleia de Deus e suas ramificações, bem como a Igreja Deus é Amor. Elas também sofreram influências da teologia neopentecostal, fundamentalmente, a partir dos anos 2000, o que promoveu diversos rachas entre elas.

Por fim, temos as famigeradas igrejas neopentecostais, cujo surgimento no Brasil ocorreu no final dos anos 70 do século XX, ainda que sua expansão e notoriedade tenham ocorrido, fundamentalmente, a partir da década de 1990. Os principais expoentes deste segmento são: Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Mundial do Poder de Deus e a Igreja Internacional da Graça de Deus.

É importante esta distinção, pois, quando se trata do segmento evangélico no país, não há homogeneidade. Dependendo da denominação, a matriz teológica e a liturgia mudam bastante, não sendo possível a generalização de seus usos e costumes para todos.

Em meio a tudo isto, pode ser que você esteja se perguntando: mas o que vem a ser a teologia neopentecostal? Para mim, trata-se de um amontoado de erros hermenêuticos, exegéticos e históricos, mas vamos às explicações possíveis dentro deste espaço.

A teologia neopentecostal acrescentou ao culto e à vida cristã alguns elementos, tais como: batalha espiritual, maldições hereditárias, possessões demoníacas que resultam em doenças físicas e emocionais, bem como o fracasso financeiro. Seus cultos não são teocêntricos, mas, sim, antropocêntricos, com o fiel precisando ser liberto por uma figura humana de alguma coisa o tempo todo. Poucos são os momentos de culto a Deus.

Neste âmbito, a libertação é condição *sine qua non* para a prosperidade, pois, antes dela, a pessoa deixa de ter êxito em todas as áreas de sua vida por conta de pecados, ações de demônios, maldições hereditárias etc. Ou seja, ele/a precisa ser liberto/a, o que deve ocorrer em um templo e pelas mãos de alguém que não prega a palavra de Cristo, mas busca atingir seus próprios interesses.

Outro aspecto importante da teologia neopentecostal é a chamada fé *Rhema*, onde o crente é sustentado por tudo aquilo que sai da boca de Deus, de sua Palavra – viabilizada por um pastor. Então, ele/a só precisa ter fé, muita fé, pois, se há alguma promessa, uma benção na Bíblia, ela acontecerá na sua vida após sua libertação. Uma vez livre, ele/a poderá exigir/determinar a liberação da sua benção.

Noutras palavras, se a pessoa é cristã, filha de Deus, nessa visão religiosa, ela necessariamente tem que ser financeiramente próspera.

Todavia, do começo ao fim, tanto no Novo quanto no Velho Testamento, o centro da mensagem bíblica não é a ri-

queza material, não é a promessa de vida próspera e abundante neste mundo, pelo contrário, conforme o registro de João 16:33, o próprio Jesus disse que neste mundo teríamos aflições, mas que é para termos bom ânimo, pois ele venceu o mundo – ou seja, a única promessa é a de que haverá esperança para seguir e não dinheiro para ganhar.

Não é difícil concluir, então, que a mensagem de Jesus vai em direção oposta à pregação neopentecostal e nos coloca o seguinte questionamento: afinal, qual é, de fato, o propósito da igreja cristã? Qual é a razão de sua existência? Bem, seja ela católica ou protestante, estas perguntas não são respondidas com a busca por bens materiais ou por um estilo de vida nababesco e hedonista.

Segundo o registro feito por Mateus, no capítulo 6, versículo 33 de seu evangelho, certa vez, Jesus, ao falar das preocupações da vida como comer, beber e vestir, disse: “busquem, pois, em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas lhes serão acrescentadas”.

Antes disso, no mesmo capítulo, ele já havia exortado para que o povo não acumulasse “tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem destroem e onde os ladrões arrombam e furtam”. O que Cristo faz é orientar seus ouvintes a acumular “tesouros nos céus, onde a traça e a ferrugem não destroem e onde os ladrões não arrombam nem furtam”.

Voltando à questão da fé *Rhema*, é preciso registrar que a fé cristã, a verdadeira, também não é algo puramente abstrato ou mágico, ela é, acima de tudo, uma fé racional, uma convicção que se materializa em valores e ações práticas na vivência do cotidiano. Esta convicção faz com que o culto do verdadeiro cristão seja prestado de forma racional, consciente e livre. Este fundamento vem dos escritos de Paulo de Tarso, que ocupa lugar central no Novo Testamento.

Em sua carta à igreja de Roma, no capítulo 12, versículo 1, Paulo roga àqueles fiéis que “se ofereçam em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus”, pois este seria um culto racional. No verso seguinte, ele pede aos cristãos que “não se amoldem ao padrão deste mundo, mas que se transformem pela renovação

da sua mente”, concluindo que isto deve ser feito “para que [os fiéis] sejam capazes de experimentar e comprovar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus”.

E qual seria essa boa, perfeita e agradável vontade? O próprio texto bíblico, em síntese, revela: amar a Deus sobre todas as coisas, amar ao próximo como a si mesmo, pregar o evangelho e cuidar dos órfãos e viúvas. Trazendo essa mensagem para os dias atuais, isso significa cuidar dos necessitados, assistindo-os em suas necessidades materiais e/ou espirituais.

Portanto, a verdadeira igreja cristã, o verdadeiro culto cristão – não é uma reunião, nisso insisto, é um culto – deve ser racional e vertical, dirigido somente a Deus. Um culto teocêntrico, uma adoração sincera e inteligível.

Isso implica dizer que, em uma ocasião como essa, não há espaço para pedir dinheiro, fazer promessas de prosperidade, realizar curas sobrenaturais, expulsar demônios, quebrar maldições ou fazer barganhas com Deus.

Mesmo assim, seguindo, teoricamente, os mesmos escritos, não é isso que se vê nas atuais igrejas neopentecostais brasileiras. Sua liturgia é conduzida pela irracionalidade, pela emoção, pelo medo, pela chantagem, por falsas promessas de vida próspera mediante o pagamento de alguma coisa, configurando, enfim, uma liturgia do charlatanismo. Nesses lugares, o fiel é levado a adorar qualquer coisa, menos a Deus.

Seria possível nos enveredarmos por esta crítica em inúmeros textos que desconstroem a teologia neopentecostal, mas deixemos para outras incursões, pois o que pretendemos aqui é falar desta questão na cidade de Manaus, considerando sua contaminação pelo vírus do neopentecostalismo.

Cidade esta que, vale destacar, tem mais de 2 milhões de habitantes e toda sorte de problemas sociais. Só nos últimos trinta anos, Manaus passou a ser disputada e dominada por facções criminosas, tornando-se rota do tráfico internacional de drogas e, mesmo com a pujança econômica dada pelo Polo Industrial, ainda é uma cidade violenta, desigual e desumana, o que equivale a um terreno fértil para o proselitismo neopentecostal.



Lá, as três maiores denominações neopentecostais do Brasil e do mundo, atuando como empresas, disputam palmo a palmo cada espaço da cidade, cada território e cada fiel. A cidade vive a “pandemia do engano”, da deturpação da mensagem bíblica original e do verdadeiro propósito de uma igreja cristã.

A doença do neopentecostalismo, assim como as biológicas citadas no texto da semana passada, tem infectado e levado a óbito muitas pessoas. Neste caso, não se trata de morte física, mas, sim, de engano, de morte da alma, da esperança, do amor e da fé.

## **MANAUS, UMA CIDADE DOENTE (PARTE FINAL)**

No texto de hoje, falarei da terceira doença que aflige a cidade de Manaus – a doença do bolsonarismo.

Esta enfermidade é um mix de fanatismo religioso, alienação e engano dos tempos de pós-verdade, misturada com mau-caratismo, sadismo e oportunismo, pois, efetivamente, não há, do ponto de vista prático, nenhuma razão para Bolsonaro ainda gozar de tão largo prestígio em Manaus.

A título de recordação, no Amazonas, Jair Bolsonaro venceu a eleição presidencial de 2018 apenas em três municípios, a saber: Apuí, com 51,37% dos votos, Guajará, com 50,48% dos votos, e Manaus, com 65,72% dos votos. Esses números mostram que, com exceção da cidade de Manaus, as vitórias em Apuí e Guajará foram apertadas.

Ainda, a partir desses dados, podemos observar que a vitória em Manaus foi acachapante e que, desde a posse, mesmo com as oscilações, a avaliação “boa” e “ótima” do presidente sempre foi alta. Em outubro de 2020, em pesquisa realizada pelo Ibope, esses dados representavam satisfação de 54% da população, sofrendo leve queda e passando para 51%, naquela pesquisa.

Fato é que, nessa data, já estávamos vivendo os dramas da pandemia do novo coronavírus e havia ocorrido, na época, pelo menos dois ataques da área econômica do governo contra a Zona Franca de Manaus (ZFM). Na verdade, desde que Bolsonaro assumiu a presidência, junto a seu ministro Paulo Guedes, ele vem tentando enfraquecer, de forma recorrente, a Zona Franca de Manaus, para depois extingui-la.

Não custa lembrar que o modelo de negócios implementado em Manaus na década de 1960, e atuante desde então, é o coração financeiro da cidade e, conseqüentemente, do estado do Amazonas. Conforme assinali no primeiro texto desta série, é a ZFM que garante um Produto Interno Bruto (PIB) substancial à cidade de Manaus, ou seja, sua extinção não é nada interessante ao povo e à economia da região.

Além disso, a ZFM é fundamental não apenas para Manaus, mas também para toda a Amazônia, estando sua capacidade de geração de emprego e renda mais do que demonstrada.

Um dado que aponta isto foi fornecido pela Superintendência de Desenvolvimento da Zona Franca de Manaus (Suframa), em 2020, em que vemos que a ZFM gerou cerca de 100 mil empregos diretos e cerca de 400 mil empregos indiretos, com faturamento de R\$ 120 bilhões de reais. Isto não é pouca coisa, convenhamos, mas parece que para o presidente e sua equipe econômica estes números são irrelevantes.

Algumas ações do governo Bolsonaro, encabeçadas por seu ministro mais influente, Paulo Guedes, que, ao cabo, prejudicariam a ZFM caso tivessem obtido êxito, são: 1) a redução da alíquota de importação de produtos e insumos ligados à área de tecnologia da informação; 2) a elevação da taxa do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) para os concentrados, medida que feriria de morte a indústria de bebidas; 3) a redução de 35% para 20% da alíquota do imposto de importação de bicicletas; 4) a redução em 10% da alíquota do imposto para importação de eletroeletrônicos, máquinas e equipamentos.

Não houve, nestes três anos de governo, uma tréguia sequer em relação à ZFM, tendo sido várias as medidas que poderiam simplesmente acabar com a competitividade do polo industrial. À guisa de exemplo, a medida que pretendia reduzir a alíquota de importação de produtos e insumos ligados à área de tecnologia da informação, que cairia de 16% para 4%, inviabilizaria qualquer tipo de negócio nesta área em Manaus, sendo as indústrias mais afetadas aquelas que produzem celulares e computadores.

Ora, senhoras e senhores, o polo industrial de Manaus é um polo bastante diversificado, mas o setor eletrônico e o de informática são uns dos maiores. Logo, esta medida acabaria com todas as vantagens comparativas da ZFM e causaria a demissão de milhares de trabalhadores. Contudo, devido à ação da bancada do Amazonas no Congresso Nacional, a medida não logrou êxito por completo.

De todo modo, os ataques não cessaram e no dia 30 de dezembro de 2021, como presente de ano novo para os ma-

nauaras, o atual governo federal publicou o Decreto n.º 10.923, atacando novamente o polo de bebidas da ZFM.

Prevedo um deslocamento de 4% para 8% na alíquota do Imposto sobre Produto Industrializado (IPI) dos concentrados para a produção de bebidas, o referido decreto afetaria gigantes do setor, como Ambev e Coca-Cola. Um detalhe interessante no documento é que, nele, o próprio governo quebrou um acordo que havia feito quando da publicação do Decreto n.º 10.254, de 20 de fevereiro de 2020, que tratava do mesmo tema.

Haveria, ainda, outras medidas que poderiam ser citadas aqui e que mostram claramente a falta de compromisso do governo Bolsonaro com a cidade de Manaus e seu polo industrial. A luta da sociedade manauara, por meio de seus representantes no Congresso Nacional, para barrar todas estas medidas que, certamente, vão na direção contrária dos interesses dos trabalhadores, não tem sido fácil.

Analisando, então, pelo ângulo da economia, não há razão para Bolsonaro ainda gozar de amplo apoio na capital amazonense. Noutras palavras, trabalhadores manauaras ou mesmo empresários que, direta ou indiretamente, dependem da ZFM e continuam apoiando o atual governo, podem ser classificados da seguinte forma: mal-informados, sádicos ou possuidores de algum problema psicológico, pois seu amado presidente os “esfaqueia” pelas costas continuamente.

Ademais, não é preciso retomar, aqui, todos os problemas relacionados à Covid-19 na capital amazonense e a inépcia do governo federal em atender a cidade, fundamentalmente, no episódio da falta de oxigênio – esta, para mim, mais uma ação do governo federal contra o povo de Manaus.

Por outro lado, não há, efetivamente, nestes três anos de governo, uma ação concreta impactante, uma grande obra ou coisa parecida que tenha sido feita para beneficiar a população manauara. Até mesmo aquela que seria a grande realização do governo federal no Amazonas, a reconstrução da BR-319, promessa de campanha de Bolsonaro, não foi levada a cabo e já foi até esquecida.

Todavia, apesar de não ter feito nada pela capital amazônica em três anos de governo, tendo, pelo contrário, tentado prejudicá-la seguidas vezes, Bolsonaro ainda detém 37,4% de avaliação boa ou ótima na cidade, segundo pesquisa feita pela empresa Perspectiva Mercado e Opinião, em 27 de dezembro de 2021.

Como sociólogo, desde 2018 eu reflito sobre a relação que defino como patológica, de parte da população manauara com o atual presidente da República. Ademais, analisando os dados da pesquisa supracitada, me pergunto: por que, para 37,4% da população, o equivalente a aproximadamente 748 mil pessoas, o governo é “bom” ou “ótimo”?

Há três anos busco respostas para estas avaliações positivas tão altas do presidente na referida cidade e minha hipótese é que se trata de alguma enfermidade psíquica, algum tipo de transtorno de personalidade não diagnosticado corretamente.

Por fim, ainda que seja necessária maior investigação, a segunda hipótese que pode justificar o amplo apoio a um governo inepto, perpassa por questões ligadas às igrejas evangélicas. Assim como ocorre no restante do país, a principal base de apoio do governo Bolsonaro, em Manaus, continua sendo os evangélicos, principalmente pentecostais e neopentecostais, apesar de o presidente também ter apoio moderado no segmento das igrejas tradicionais-históricas.

As maiores lideranças evangélicas da cidade apoiam o atual governo federal e, até agora, ninguém rompeu com o presidente mesmo diante de todas as tragédias ocorridas, mesmo perante todas as tentativas de acabar, por exemplo, com a principal fonte de emprego e renda da cidade: a ZFM.

Como registrado no texto da semana passada, apesar de não haver homogeneidade entre os evangélicos, ainda assim trata-se de um segmento importante, eu diria, de um rebanho considerável para dar sustentação a qualquer governante.

O ponto positivo desta história de terror é que Bolsonaro, que já navegou em águas mais tranquilas na cidade de Manaus, recebeu, na pesquisa supracitada, avaliação de seu governo como “péssimo” ou “ruim” na casa dos 35,8%.

Enfim, parece que a parte sã da população manauara está reagindo e mostrando aos doentes e desavisados as reais intenções e ações do governo.

## MANAUS NÃO GOSTA DE BANHO

A cidade de Manaus foi fundada em 24 de outubro de 1669, às margens do Rio Negro. Paradoxalmente à importância simbólica da água para a região, possui uma longa tradição de eliminação de seus balneários ou, simplesmente, banhos.

A negação da água se materializa em sua própria arquitetura urbana. A cidade desenvolveu-se de costas para o rio, fato raro quando se trata de municípios amazonenses cuja configuração urbana é sempre voltada para a beira do rio, nada mais justo, afinal, lá, “o rio comanda a vida”, como afirma Leandro Tocantins. Manaus está na contramão desse processo.

Todavia, alguém que ainda não visitou Manaus poderá indagar: mas uma cidade localizada às margens de um dos maiores e mais belos rios da Amazônia não tem orla fluvial? Ou, numa linguagem mais regional, “lá não tem avenida beira-rio?”.

A resposta é: não tem, ao menos não como se espera em uma cidade erigida na “terra das águas”. O que há são pontos isolados, onde é possível a contemplação parcial do majestoso Rio Negro.

Sua orla foi tomada por empresas da construção naval e seus estaleiros, além de transportadoras marítimas e fluviais e outros empreendimentos comerciais e industriais. Mesmo os bairros que surgiram às margens do Rio Negro não se voltam a ele.

Dar as costas para o rio diz muito do pensamento arcaico das elites políticas que sempre administraram a cidade, planejando-a para si mesmas, excluindo a população desse planejamento, retirando dela o direito ao lazer que, na alma do povo amazonense, perpassa pelo banho de rio ou ao menos por sua simples contemplação.

Conforme a cidade foi se desenvolvendo, ela foi matando seus corpos d’água. Começou aterrando, por exemplo, o igarapé do Espírito Santo, localizado onde hoje é o centro histórico da cidade. Com a subida das águas este ano, o igarapé soterrado, do túmulo, mandou um recado alagando algumas ruas do centro.

Mas não parou por aí, os famosos balneários, brilhantemente descritos na canção “Domingo de Manaus”, de Chico da Silva, foram desaparecendo à medida que a malha urbana foi se ampliando.

Na cronologia do assassinato, o Balneário do Parque Dez de Novembro, inaugurado em 1940, abastecido pelas águas então límpidas do igarapé do Mindu – que por muito tempo foi atração turística da cidade –, sucumbiu diante do esgoto e das construções irregulares a partir de 1970, sendo derradeiramente extinto no início da década de 1980.

Mesmo perante esse acontecimento, o assassinato das águas seguiu firme. O balneário popular conhecido como “A Ponte da Bolívia” e a bela Cachoeira do Tarumã também foram destruídos com o avanço desordenado da cidade, a falta de planejamento urbano e de saneamento básico, bem como pela incompetência dos gestores locais.

Dos balneários descritos por Chico da Silva, o que ainda existe é o da Praia da Ponta Negra, poeticamente descrito na canção de Antônio Pereira, além de outros balneários particulares no Rio Tarumã.

A Ponta Negra e o Tarumã se transformaram em refúgio de endinheirados e seus condomínios luxuosos. Portanto, não seria interessante para essa turma ter uma orla poluída e deteriorada, por isso, a Ponta Negra já passou por várias obras de revitalização nos últimos anos.

O fato é que a cidade de Manaus sempre teve uma relação de estranhamento com a água, mesmo sendo entrecortada por ela. Para piorar, projetos como o PROSAMIM (Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus) são guiados pela lógica do aterro e da canalização, nunca pela lógica da recuperação, da despoluição e da revitalização de suas bacias hidrográficas.

Em três fases, o PROSAMIM “entubou” os igarapés de Manaus, Bittencourt, Mestre Chico, Quarenta, São Raimundo e Educandos. Tudo feito com muito concreto e mau gosto.

O poeta Chico da Silva teria enormes dificuldades para descrever, hoje, o “Domingo de Manaus”. Não é mais possível



dizer: “é um domingo de verão, estou pensando em me banhar na Ponta Negra, se não quiser eu posso dar uma chegadinha no famoso Tarumã, visito o Parque Dez e vou chegando até a Ponte da Bolívia [...]”.

Isto posto, surge uma questão importante. Seria possível Manaus ter mantido os seus “banhos” mesmo se tornando uma metrópole? Sim, seria. Isso ocorre em várias cidades do mundo. Mas seria algo desse tipo interessante para quem controla política e economicamente a região?





### **LÚCIO CARRIL**

Sociólogo, graduado na Universidade Federal do Amazonas (Ufam). Especialista em Gestão e Políticas Públicas pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP). É articulista de vários portais no Amazonas.



### **ALDENOR FERREIRA**

Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor adjunto da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Campus Lagoa do Sino. Articulista do BNC/Amazonas.

Charles Wright Mills afirma que os pensadores mais admiráveis dentro da comunidade intelectual escolheram não separar o seu trabalho (ofício) de suas vidas. Vida e trabalho são levados por eles muito a sério para permitir tal dissociação. Ele tem razão, o cientista social possui um ofício que não lhe permite uma rígida separação entre teoria e prática, entre intelectualidade e militância. Ele ou ela podem até desejar fazer essa separação, mas correrão o risco de se tornarem cientistas sociais inúteis, tanto para a ciência quanto para a sociedade.

Neste sentido, o que apresentamos neste livro nada mais é do que pensamento e posicionamento político diante de diversos temas/problemas que nos afetaram durante o período mais agudo da pandemia da Covid-19 e do desgoverno de Jair Bolsonaro.

Como dito, nossa sociologia é uma sociologia do cotidiano, sem muita preocupação com os modelos, paradigmas e estereótipos, apenas inspirada na bravura e na luta dos povos amazônicos, dos povos das águas, das várzeas e das florestas. É a realidade sofrida dessas gentes que nos motiva a fazer o enfrentamento político cotidiano por diversos meios. Em um determinado momento lutamos com a caneta e o texto, fazendo o enfrentamento nas redes sociais. Noutro momento, fazemos o enfrentamento nas ruas, empunhando bandeiras e gritando palavras de ordem. Esta é a nossa sociologia. Esta é a nossa vida.

**ALEXA**  
CULTURAL



ISBN - 978-85-5467-290-4

